



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS

MESTRADO EM CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO

SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

BENÍCIO PINTO DA COSTA

**Relação Professor-Aluno na Educação Pública de Presidente
Sarney, Maranhão: Impactos e Oportunidades.**

Orientador:

Professor Doutor Jorge Manoel de Almeida Castro.

Lisboa, março de 2024

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS

MESTRADO EM CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO

SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

**Relação Professor-Aluno na Educação Pública de Presidente Sarney,
Maranhão: Impactos e Oportunidades.**

Benício Pinto da Costa

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação João de Deus, como requisito com vista para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação na Especialidade de Supervisão Pedagógica: A Relação Professor-Aluno na Educação Pública de Presidente Sarney, Maranhão: Impactos, Desafios e Oportunidades para o Ensino-Aprendizagem, sob a orientação do Professor Doutor Jorge Manoel de Almeida Castro.

Lisboa, março de 2024

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS
MESTRADO EM CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO
SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

**Relação Professor-Aluno na Educação Pública de Presidente Sarney,
Maranhão: Impactos e Oportunidades**

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação João de Deus, como requisito para a obtenção do título de mestre em Ciências da Educação – Supervisão Pedagógica.

COMISSÃO JULGADORA:

Lisboa, março de 2024

Dedicatória

Quero dedicar este trabalho a minha família, Isabela Pereira Guerreiro (esposa), João Bento Guerreiro da Costa (filho), Isabele Avi Guerreiro da Costa (filha) e Antônio dos Santos Guerreiro Neto (cunhado) e ao meu professor e orientador Mestre Marcos Sergio Souza Borges, cuja dedicação e paciência serviram como pilares de sustentação para a conclusão deste trabalho. Grato por tudo.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pelos dons que me deu nesta existência que serviram na realização deste projeto.

Epígrafe

Entendemos que a forma e o modo como se comporta a nossa confiança ao enfrentarmos novos problemas no dia a dia, o interesse que demonstramos na aprendizagem das novas oportunidades de conhecimento tudo está ligado em função de nossa auto-imagem. Isto é, nossa atitude acerca de si mesma nos reflete em respostas emocionais para outros. Pode-se tratar de uma criança afetuosa, comunicativa, que se entrosa rapidamente com as demais e se dispõe a compartilhar de seus brinquedos e dar-se bem com seus colegas. Ou pode tratar-se de uma criança ansiosa, cabisbaixa ou hostil, que assim expressa sua raiva e seu medo diante da maneira com que o mundo a vem os tratando (PULASKI, 1986). Portanto, podemos refletir que essa aprendizagem significativa precisa considerar esse conjunto de fatores conforme citado pelo autor, já que eles interferem na interação e na motivação da criança. Para isso, o aluno deve estar motivado a sentir-se capaz de realizar o que é proposto para si, descobrindo com isso, novas experiências, com sentimento de autonomia, levando-o ao conhecimento e o aprendido.

(Prof. Mestre – Marcos Borges)

Resumo

A pesquisa realizada teve como foco investigar o relacionamento entre professores e alunos nas escolas públicas do município de Presidente Sarney, localizado no Estado do Maranhão, com ênfase na influência da afetividade nessa relação e suas implicações no contexto educacional. O estudo abordou alunos do Ensino Fundamental Menor (do 3º ao 5º ano) e professores que atuam nesses níveis de ensino. O objetivo geral da pesquisa foi analisar a percepção dos alunos sobre a relação professor-aluno e a influência da afetividade na aprendizagem, bem como investigar como os professores percebem essa relação e suas implicações. A pesquisa foi conduzida por meio de diferentes instrumentos, incluindo questionários fechados, entrevistas semi-estruturadas e observações em sala de aula. Os resultados obtidos revelaram aspectos importantes sobre o relacionamento entre professores e alunos na região estudada. Os alunos demonstraram uma percepção positiva em relação à qualidade da relação com seus professores, destacando a importância de se sentirem valorizados e apoiados em seu processo de aprendizagem. Além disso, a afetividade foi apontada como um fator relevante para o engajamento dos alunos na escola. Os professores, por sua vez, reconheceram a importância da relação professor-aluno para o desempenho acadêmico, destacando a necessidade de estabelecer um ambiente de confiança e respeito mútuo. No entanto, eles também enfrentaram desafios na manutenção dessa relação, como dificuldades de comunicação e conflitos de comportamento. As implicações da pesquisa apontam para a relevância de promover relações afetivas e saudáveis entre professores e alunos, reconhecendo seu impacto positivo no ambiente escolar e no processo de aprendizagem. Além disso, os resultados sugerem a importância de investimentos em formação de professores para aprimorar suas habilidades de comunicação e gestão de conflitos.

Palavras-chave: Relação Professor-Aluno, Afetividade, Aprendizagem, Ensino Fundamental, Educação, Presidente Sarney, Maranhão.

Abstract

The research conducted aimed to investigate the relationship between teachers and students in public schools in the municipality of Presidente Sarney, located in the state of Maranhão, with a focus on the influence of affection in this relationship and its implications in the educational context. The study involved students from the Lower Elementary School (from the 3rd to the 5th grade) and teachers who work at these levels of education. The overall objective of the research was to analyze students' perception of the teacher-student relationship and the influence of affection on learning, as well as to investigate how teachers perceive this relationship and its implications. The research was conducted through various instruments, including closed questionnaires, semi-structured interviews, and classroom observations. The results obtained revealed important aspects of the relationship between teachers and students in the studied region. Students showed a positive perception of the quality of their relationship with their teachers, emphasizing the importance of feeling valued and supported in their learning process. Additionally, affection was identified as a relevant factor for students' engagement in school. Teachers, on the other hand, recognized the importance of the teacher-student relationship for academic performance, highlighting the need to establish an environment of trust and mutual respect. However, they also faced challenges in maintaining this relationship, such as communication difficulties and behavioral conflicts. The implications of the research point to the relevance of promoting affectionate and healthy relationships between teachers and students, acknowledging their positive impact on the school environment and the learning process. Furthermore, the results suggest the importance of investing in teacher training to enhance their communication skills and conflict management.

Keywords: Teacher-Student Relationship, Affection, Learning, Elementary Education, Presidente Sarney, Maranhão.

Lista de figuras

Figura 1. Parte 1 - Relação II. das escolas do ensino fundamental anos iniciais – Ideb 2202.....	79
Figura 2. Parte 2 - Relação II. das escolas do ensino fundamental anos iniciais – Ideb 2201.....	80
Figura 3. Pergunta1. A Percepção da Qualidade da Relação Professor-Aluno.....	91
Figura 4. Pergunta 2. A influência da Afetividade na Vontade de Aprender.....	93
Figura 5. Pergunta 3. Avaliar a relação entre a qualidade da relação professor-aluno e o desempenho acadêmico dos alunos.....	93
Figura 6. Pergunta 4. Os Desafios na Relação com os Professores.....	94
Figura 7. Pergunta 5. Os Desafios na Relação com os Professores.....	95
Figura 8. Pergunta 1. Avaliação da Qualidade da Relação Professor-Aluno.....	96
Figura 9. Pergunta 2. Influência da Afetividade no Processo de Aprendizagem.....	97
Figura 10. Pergunta 3. Relação entre Qualidade da Relação e Desempenho Acadêmico dos Alunos.....	98
Figura 11. Pergunta4. Desafios Enfrentados na Relação com os Alunos.....	99
Figura 12. Pergunta5. Implicações da Relação Professor-Aluno na Atmosfera Escolar.....	99

Lista de tabelas

Tabela 1. Campodaamostra–populaçãototal dosentrevistados/sexo.....80

Tabela 2. Campodaamostra–populaçãototal dos entrevistados/ano/escola – Professores..81

Tabela 3. Campodaamostra–populaçãototal dos entrevistados/ano/escola – Alunos.....81

Índice de abreviaturas e siglas

COVID	Coronavirus Disease 2019
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Alunos
MEC	Ministério da Educação
PIB	Produto Interno Bruto
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
APA	American Psychological Association

Índice Geral

Dedicatória	iv
Agradecimentos	v
Epígrafe	vi
Resumo	vii
Abstract	viii
Lista de figuras	ix
Lista de tabelas	x
Índice de abreviaturas e siglas.....	xi
Índice Geral.....	xii
PARTE I.....	15
CAPÍTULO DA INTRODUÇÃO.....	15
CENÁRIO GERAL	15
a.a Contexto introdutório.....	15
a.b Justificativa	17
a.d Problemática	19
a.d Objetivo da Pesquisa	21
a.e Estrutura do trabalho	22
PARTE II	24
REVISÃO DA LITERATURA	24
CAPÍTULO I	24
HISTÓRICO DA DIDÁTICA E AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS	24
1.1 – Desenvolvimento histórico da didática	24
1.2 – Tendência pedagógica tradicional.....	26
1.3 – Tendência pedagógica da escola nova.....	26
1.4 – Tendência pedagógica tecnicista.....	27
1.5 – Tendência pedagógica crítico-social dos conteúdos.....	28
1.6 – Fatores que contribuem na relação professor/aluno	29
CAPÍTULO II.....	30
A RELAÇÃO PEDAGÓGICA PROFESSOR E ALUNO.....	30
2.1 – A relação pedagógica professor-aluno no contexto de trabalho na sociedade capitalista.....	30
2.1.1 – O trabalho e suas determinações para os seres humanos	31

2.1.2 – A escola pública: do Ratio Studiorum à refuncionalização	37
2.2 – A relação pedagógica entre professores e alunos na aula: a mediação do ensino-aprendizagem	41
2.3 – Relação professor/aluno: antes e durante a pandemia	51
CAPÍTULO III	53
AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	53
3.1 – A questão da afetividade	53
3.2 – O respeito e a compreensão entre educadores e educandos.....	54
3.3 – Fatores que interferem no bom relacionamento entre educador/educando	56
3.4 – Afetividade no processo de aprendizagem.....	57
3.5 – Relação professor – aluno	58
CAPÍTULO IV.....	62
SALA DE AULA: ESPAÇO VIVENCIAL DE AFETO E DESENVOLVIMENTO HUMANO	62
4.1– Sala de aula: espaço vivencial de afeto e desenvolvimento humano	62
4.2 – Interação e formação de vínculos: um caminhar lado a lado	63
4.3 – A interferência da subjetividade na relação docente-discente.....	65
PARTE III.....	71
ESTUDOS EMPÍRICOS	71
CAPÍTULO V	71
METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO	71
5.1 – Introdução	71
5.2 – Lócus da Pesquisa	72
5.3 – Instrumentos de coleta e análise de dados	73
5.3.1 – Instrumentos de coleta de dados	74
5.3.2 – Instrumentos de análise de dados	74
5.4 – Dimensão e Critérios de Seleção da Amostra.....	75
5.4.1 – Critério para a seleção das instituições educacionais para estudo de campo ...	76
5.5 – Ética da Pesquisa	80
CAPÍTULO VI.....	82
APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCURSÃO	82
6.1 – Introdução	82
6.2 – Resultados das Observações em sala de aula	83
6.3 – Resultados das entrevistas semiestruturadas com os professores	85

6.4 – Resultados das entrevistas semiestruturadas com os alunos	87
6.5 – Resultados dos questionários – Quantitativo com os alunos.....	89
6.6 – Resultados dos questionários - Quantitativo com os professores	94
6.7 – Análise geral dos questionários e entrevistas com alunos e professores.....	98
CAPÍTULO VII	100
APRESENTAÇÃO DA CONCLUSÃO FINAL E FUTURAS INVESTIGAÇÕES	100
7.1 – Conclusão.....	100
7.2 – Linhas Futuras de Investigação.....	102
Referências Bibliográficas	103
Apêndice – A	111
ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (QUALITATIVA) - PROFESSORES.....	111
Apêndice – B	112
ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (QUALITATIVA) - ALUNOS.....	112
Apêndice – C	113
QUESTIONÁRIO FECHADO (QUANTITATIVO) - ALUNOS.....	113
Apêndice – D	114
QUESTIONÁRIO FECHADO (QUANTITATIVO) - PROFESSORES.....	114
Apêndice – E	115
Termo de Consentimento da Instituição de Ensino Básico	115
Apêndice – F.....	116
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	116

PARTE I

CAPÍTULO DA INTRODUÇÃO

CENÁRIO GERAL

Trazendo a relação entre professor aluno, acredito que essa não se constitui apenas a transmissão do conhecimento e a absorção do conteúdo, a temática apresentada nesse trabalho de pesquisa, tem como objetivo compreender a importância da relação, e como tem se efetivado até o momento atual no município de Presidente Sarney, Maranhão – Brasil.

a.a Contexto introdutório

A relação alunos e professores passaram a ser notória atualmente. Percebe-se que o fator afetivo na aquisição do conhecimento é primordial, principalmente na educação infantil em séries do ensino fundamental, crianças e jovens nessa idade, está se desenvolvendo e construído a intelectualidade. Posto isto, para um melhor aproveitamento escolar por parte dos alunos é indispensável que o professor tenha um bom relacionamento com a classe. Dessa forma, a afetividade surge como um componente fundamental para uma boa interação entre o ensino-aprendizagem.

A relação aluno e professor entendem-se que é de muita importância no processo de aprendizagem em qualquer série, em especialmente para aqueles que frequentam a escola pública no nosso país. Na pandemia, o distanciamento social e a adequação do ensino presencial para o remoto passaram por um processo de apreço essa relação aluno/professor.

A pandemia sem dúvida foi um período em que os alunos mais precisaram dos seus professores, e que fez toda uma diferença quando as aulas remotas começaram, pois todos se sentiram acolhidos.

Para alguns alunos, durante o ensino remoto houve mais aproximação dos professores com a classe, e todos notaram que no período da pandemia promoveu uma maior aproximação e empatia na relação docente e discente, mas, para outros infelizmente na maioria, o sentimento foi de mais distância.

Outras mudanças negativas observada nos alunos foram grande quantidade de atividades e tarefas, aumentou mais que o normal nas aulas presenciais. Foi entendido que elas surgem em um contexto de difícil adaptação entre ambos e pela falta de familiaridade com o novo modelo, dificultaram muito a adaptação dos alunos. Eles se sentiram sobrecarregados e se culpavam quando não conseguiam completar todas as atividades. Inclusive,

dificulta muito o processo de aprendizagem, pois simplesmente não conseguem absorver todos os conteúdos.

Portanto, diante do atual momento em que estamos passando, nós somos surpreendidos rapidamente por uma Pandemia do vírus Covid-19. O que fez o mundo mudar toda rotina das pessoas. Rapidamente todo o ensino que era presencial passou a ser remoto, uma mudança radicalmente do ensino infantil ao superior, todos precisaram permanecer em isolamento social como forma de prevenir o contágio. A maioria dos professores que nunca tinham tido experiência com aula online, tiveram que passar a dar, e ter que aprender como manusear os ambientes virtuais de aprendizagens, ou seja, as plataformas. Isso causou nesses professores como também nos alunos muita preocupação, ansiedades, angústias. Sem dizer que as escolas públicas que abarcam um grande público de classe média baixa, está enfrentando dificuldades por muitos alunos não terem internet, telefone, etc.

Pode-se destacar que é primordial afetividade está presente entre professor e aluno e esta pode influenciar positivamente na aprendizagem, tanto no ambiente escolar presencial, como também no virtual. Segundo estudiosos, as relações afetivas estão inteiramente relacionadas ao desenvolvimento social da criança.

Para Pereira (2017) o professor é responsável por estabelecer e fazer com que chegue ao aluno.

O conhecimento de maneira atuante e prazerosa nessa relação que se adquiri o maior conhecimento de forma que possa aplicá-lo no futuro. Sendo assim, a relação de afetividade entre aluno e professor é muito relevante na construção do aprendizado.

Desse modo afetividade no ensino é de uma importância imensurável. Esse ambiente tem que ser agradável respeitoso e amigável. Na escola se desenvolve relações, onde há interligação da afetividade e aprendizagem. Esse processo do ensinar/aprender envolve as emoções, e forma vínculos afetivo. Para que haja bom desenvolvimento de ensino a criança e ao adolescente, é importante que para obter essa aprendizagem, ela deve está muito bem emocionalmente. Uma calorosa receptividade por parte do professor, com o sentido de acolhimento, faz muita diferença e mantêm laços afetivosno seu desenvolvimento integral, sua aprendizagem fluirá de maneira significativa, assim sendo, como fator preponderante na dinâmica de ensinar e aprender.

Trazendo a relação entre o professor e o aluno e acreditando que essa não se constitui apenas a partir da transmissão do conhecimento e a absorção do conteúdo, a temática apresentada nesse projeto de pesquisa tem como objetivo compreender a importância da relação professor aluno, e como tem se efetivado antes e durante a pandemia. O método

constitui em um estudo qualitativo e quantitativo, onde o instrumento utilizado para a proposta escolhida será a aplicação de entrevistas com os professores e alunos das instituições de ensino fundamental menor do município de Presidente Sarney no Estado do Maranhão.

a.b Justificativa

Trabalhos como esses, são relevantes para analisar o relacionamento entre professor aluno, já que a educação é uma das fontes mais importantes no desenvolvimento de valores do ser humano. Relevante ainda, pensar essa relação em um movimento de pandemia, onde todos estão descobrindo novas formas de trabalhar/relacionar/ensinar.

A escolha do tema nasce através da curiosidade em saber como se dá a interação diariamente entre professor e aluno, assim buscando uma maneira de contribuir para que a escola seja um ambiente de ligação e relação mais agradável entre ambos, e que a aprendizagem seja resultado dessa boa relação afetuosa bem-sucedida, que o aluno possa aprender em um ambiente afetivo e prazeroso.

Sabemos o quanto é importância afetividade no processo de ensino. Pois todos sabem que esse ambiente tem que ser respeitoso, saudável e agradável. Na escola se desenvolve relação e respeito onde a ligação é de aprendizagem. Nesse processo de ensinamento envolve as emoções, de forma vinculada entre professor e o aluno, e para que ele tenha sucesso na aprendizagem tem que estar bem emocionalmente. Pois, sentindo-se bem à vontade e segura a criança certamente ficará tranqüila para a receptividade por parte do professor e dos colegas. Assim sendo, esse fator preponderante na dinâmica de ensinar e aprender. Com a presença da afetividade na relação de ambos, a aprendizagem fluirá de um jeito mais natural, com dinâmica prazerosa, ou seja, a construção do saber, através da busca pelo conhecimento, onde passa ser mais envolvente. Pois, é daí que os sentimentos e as emoções são presentes nesse processo.

E, portanto, esta é a contribuição que desejamos oferecer: colaborar para que o professor, a partir de uma reflexão sobre a sua prática de ensino é que se possa ter o contato com a importância de rever os vínculos estabelecidos e perceber como o afeto pode influenciar positivamente, ou não, na interação com alunos, e que essas reflexões gerem novas atitudes no professor, favorecendo o seu bem-estar e a aprendizagem dos alunos.

a.c Motivos da pesquisa

O contexto da pesquisa é ancorado na vivência do pesquisador como professor com mais de 15 anos de experiência no ensino médio e na graduação, bem como em sua trajetória como comunicador de rádio. Originário de escolas públicas na cidade de Quatipuru, no Pará, e com passagens por seminários, o pesquisador traz uma perspectiva pessoal e profissional única para a pesquisa sobre a relação professor-aluno nas escolas públicas de Presidente Sarney, Maranhão.

Sua jornada educacional, que começou em instituições de ensino público, proporcionou uma compreensão direta dos desafios e oportunidades enfrentados por alunos e professores nesses contextos. Além disso, sua experiência como comunicador de rádio o coloca em contato constante com a comunidade, permitindo-lhe captar as preocupações e perspectivas da população local.

Como resultado, o pesquisador traz consigo uma profunda empatia e interesse na qualidade da relação professor-aluno, reconhecendo seu papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Seu conhecimento prático, aliado à formação acadêmica, o motiva a investigar essa dinâmica crucial nas escolas de Presidente Sarney, com o objetivo de identificar maneiras de melhorar o ambiente educacional e, por consequência, a vida acadêmica e pessoal dos alunos.

Além disso, o pesquisador reconhece que a relação entre professores e alunos transcende os muros da escola e se estende à comunidade em que está inserida. Sua experiência como comunicador de rádio permite-lhe uma interação direta com a população, ouvindo suas preocupações e anseios em relação à educação pública. Essa conexão com a comunidade reforça seu compromisso em investigar a dinâmica entre professores e alunos, buscando soluções que beneficiem não apenas o ambiente escolar, mas também a sociedade local como um todo.

Dessa forma, a pesquisa é informada por uma visão holística e pelo compromisso do pesquisador em contribuir para a melhoria da educação pública em Presidente Sarney, Maranhão, considerando os desafios e oportunidades únicos desse contexto.

A pesquisa, portanto, é impulsionada por uma combinação de experiência prática e conhecimento acadêmico, bem como por um profundo desejo de fazer a diferença na educação pública de Presidente Sarney. O pesquisador almeja contribuir com recomendações e estratégias concretas que possam aprimorar a relação professor-aluno, criando um ambiente escolar mais acolhedor, motivador e propício ao desenvolvimento acadêmico e pessoal dos alunos, resultando em uma educação de maior qualidade para a comunidade local.

a.d Problemática

Como é hoje em dia o relacionamento professor e aluno na escola? Esta pergunta é essencial para que o corpo docente de todos os níveis de aprendizado deveria se fazer. Afinal, ter uma boa convivência e diálogo com os alunos, em vez de alimentar relações conflituosas e de tensão, é uma ótima forma de garantir um ambiente saudável e harmonioso, muito mais propício ao aprendizado.

Entende-se que desentendimento constante em salas de aulas por parte de alunos é um desafio para o posicionamento da autoridade do professor, definitivamente não favorecem a convivência adequada. Entretanto, muitas vezes essa tensão é intensificada pelo fato de que os estudantes estão crescendo em ambiente conturbado ou num mundo globalizado, com grande acesso às informações da internet. Com isso, vemos que os alunos assumem uma posição crítica, com opiniões pré-estabelecidas e dispostas a se impor em argumentação.

Diversos estudos de pesquisas indicam para um importante levantamento, que entre professor e aluno tem que existir bons relacionamentos. Informações de especialistas do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), que em 72 países apontam que determinadas características de professores podem potencializar a aprendizagem dos alunos.

Outro aspecto apontado e avaliado pela pesquisa é muito importante que foi à relação entre professor/aluno e o quanto ajuda na redução da evasão, sendo um dos maiores desafios na atualidade da educação. Pesquisa para estudo de avaliação realizado pelo Ministério da Educação (MEC), e outras organizações ligada à educação no mundo.

Relação amistosa entre professor e aluno é imprescindível para garantir um ambiente favorável ao aprendizado. Relações de tensão e conflitos entre docentes e discentes impede que ambos possam se sentir à vontade para expressar dúvidas e participar ativamente das aulas, o que compromete seu desenvolvimento. A ótima convivência entre eles, por outro lado, garante um ambiente mais amigável e enriquecedor.

Quando professores e alunos têm uma relação amistosa e de confiança, crianças e adolescentes se tornam mais receptivos ao estudo e flui qualquer conteúdo e o estimulam para o aprendizado. Ao mesmo tempo em que os estudantes sentem mais disposição para aprender, os professores também se tornam mais motivados para ensinar. Ou seja, o processo de aprendizagem ganha duas vezes e seus benefícios são mutuamente sustentados.

Há uma preocupação por parte de muitos estudiosos e pesquisadores em contribuir com a educação, precisam-se um trabalho mais minucioso com detalhes mais aprofundados. Mas, ao se fazer uma análise atual no contexto escolar, é notada que ainda são pouco

percebidas no cotidiano escolar as reclamações e insatisfações por parte dos professores em relação ao aluno. Ou seja, a relação professor/aluno parece ser repleta de animosidades.

Sabendo-se da importância e a necessidade de um bom relacionamento entre professores/alunos, é que se faz pertinente a adequação aos educadores, abrir discussão de como se constitui a interação em sala de aula, sendo que essa interação influencia consideravelmente na trajetória dos estudantes, e mais ainda naqueles que estão nos anos iniciais ao ensino fundamental, tendo em vista, de que esta etapa é imprescindível nas suas carreiras, pelo fato de que é nesta fase que eles estão adquirindo valores e conhecimentos prévios sobre diversos assuntos.

Sarmento (2010) acredita que o professor ao estimular o aluno tem por conseqüências uma ajuda na aprendizagem. E esse aluno terá confiança e consideração por seu professor, vai ter mais admiração, respeito e facilidade em adquirir conhecimentos, acabando por transformar o espaço educacional num ambiente acolhedor e favorável à edificação do aprendizado.

Diante do contexto apresentado o projeto de pesquisa tem como indagação principal entender: Como o relacionamento entre professor e aluno impacta o ambiente educacional e o processo de ensino-aprendizagem na escola, considerando os desafios e oportunidades no contexto da educação pública do Município de Presidente Sarney, Maranhão, Brasil?

A partir dessa pergunta principal, podem ser formuladas três indagações de apoio:

1. Como as características da relação professor-aluno, como confiança, respeito e admiração, afetam o engajamento dos alunos nas atividades escolares e o seu desempenho acadêmico no contexto da educação pública de Presidente Sarney?
2. Quais são os principais desafios enfrentados pelos professores e alunos na construção de uma relação amistosa e harmoniosa no ambiente escolar, considerando o contexto conturbado e globalizado em que vivem os estudantes?
3. De que forma a qualidade da relação entre professor e aluno pode contribuir para a redução da evasão escolar e para a promoção de um ambiente favorável ao aprendizado nas escolas públicas de Presidente Sarney, Maranhão?

Essas indagações de apoio ajudarão a direcionar a pesquisa, permitindo uma análise mais profunda dos diferentes aspectos da relação professor-aluno e suas implicações no contexto específico da educação pública em Presidente Sarney.

Como hipótese entende-se que a qualidade do relacionamento entre professor e aluno, marcada por elementos como confiança, respeito e comunicação efetiva, desempenha um papel crucial na formação de um ambiente educacional mais propício ao aprendizado nas escolas públicas de Presidente Sarney. Esse relacionamento positivo tende a aumentar o engajamento dos alunos, melhorarem o desempenho acadêmico e contribuir para a redução da evasão escolar, permitindo um ambiente escolar mais harmonioso e saudável.

Também podemos entender que uma relação professor-aluno baseada em confiança, respeito e admiração tende a aumentar o engajamento dos alunos nas atividades escolares, melhorando, conseqüentemente, seu desempenho acadêmico nas escolas públicas de Presidente Sarney. Portanto, no contexto conturbado e globalizado, os desafios para a construção de uma relação amistosa entre professores e alunos nas escolas públicas de Presidente Sarney incluem diferenças culturais, expectativas diversas, e a necessidade de adaptação das práticas educacionais para atender às demandas modernas de ensino.

Uma relação de qualidade entre professores e alunos, caracterizada por apoio, compreensão e respeito mútuo, pode desempenhar um papel fundamental na redução da evasão escolar, criando um ambiente escolar mais acolhedor que estimula o comprometimento dos alunos com a educação e, assim, melhora o ambiente de aprendizado nas escolas públicas de Presidente Sarney.

a.d Objetivo da Pesquisa

Geral:

Investigar e compreender a relação entre professor e aluno nas escolas públicas de Presidente Sarney, Maranhão, e como essa relação impacta o ambiente educacional e o processo de ensino-aprendizagem, considerando os desafios e oportunidades no contexto da educação pública local.

Específicos:

1. Analisar os fatores que influenciam a qualidade da relação entre professores e alunos nas escolas públicas de Presidente Sarney, com foco em elementos como confiança, respeito e comunicação eficaz.
2. Avaliar o impacto da relação professor-aluno na motivação dos alunos para o engajamento nas atividades escolares e no seu desempenho acadêmico.

3. Identificar os principais desafios enfrentados por professores e alunos na construção de uma relação amistosa e harmoniosa no ambiente escolar, considerando o contexto conturbado e globalizado em que vivem os estudantes.
4. Investigar como uma relação de qualidade entre professor e aluno pode contribuir para a redução da evasão escolar nas escolas públicas de Presidente Sarney, promovendo um ambiente escolar mais acolhedor e estimulante.
5. Propor recomendações e estratégias para aprimorar a relação professor-aluno nas escolas públicas de Presidente Sarney, visando criar um ambiente educacional mais favorável ao aprendizado e ao desenvolvimento acadêmico e pessoal dos alunos.

a.e Estrutura do trabalho

Nesta primeira parte, você deve estabelecer o contexto da pesquisa e apresentar os objetivos do estudo. Isso envolverá uma introdução ao tema da relação professor-aluno e ao ambiente educacional nas escolas públicas de Presidente Sarney, Maranhão. Além disso, você deve apresentar a justificativa para a pesquisa, explicando por que esse tópico é importante e relevante. Por fim, a introdução deve incluir a formulação da pergunta de pesquisa e a hipótese principal.

Parte 2: Fundamentação Teórica - Esta parte é composta por três capítulos que fornecerão a base teórica para sua pesquisa:

CAPÍTULO I: Histórico da Didática e as Tendências Pedagógicas. Neste capítulo, você explorará a evolução histórica da didática e como as tendências pedagógicas influenciaram o ensino ao longo do tempo. Isso ajudará a contextualizar a prática educacional atual nas escolas públicas de Presidente Sarney.

CAPÍTULO II: A Relação Pedagógica Professor e Aluno. Este capítulo se concentrará na análise da relação professor-aluno, destacando sua importância no processo de ensino-aprendizagem. Você pode discutir as teorias e abordagens que explicam como essa relação pode afetar o desempenho acadêmico dos alunos.

CAPÍTULO III: Afetividade no Processo de Aprendizagem. Neste capítulo, você explorará o papel da afetividade na educação, destacando como as emoções e as relações interpessoais entre professores e alunos podem influenciar o aprendizado. Também pode abordar estratégias para promover uma relação afetiva positiva na sala de aula.

Parte 3: Estudos Empíricos – Esta parte se concentrará na condução de sua pesquisa empírica:

CAPÍTULO IV: Metodologia do Trabalho Neste capítulo, você descreverá detalhadamente a metodologia de pesquisa que utilizou, incluindo o tipo de estudo, a população e amostra, os

instrumentos de coleta de dados e os procedimentos de análise. Certifique-se de explicar como você planeja coletar dados sobre a relação professor-aluno e a afetividade no contexto das escolas públicas de Presidente Sarney.

CAPÍTULO V: Resultados e Discussão Aqui, você apresentará os resultados de sua pesquisa e os analisará à luz da fundamentação teórica. Discutirá como os resultados corroboram ou refutam suas hipóteses e explorará as implicações desses resultados para o ambiente educacional em Presidente Sarney.

CAPÍTULO VI: Conclusão e Estudos Futuros Neste capítulo final, você resumirá as principais descobertas da pesquisa e como elas respondem à pergunta de pesquisa. Além disso, pode sugerir áreas para futuras pesquisas relacionadas ao tema da relação professor-aluno e à afetividade no processo de aprendizagem. Encerre seu trabalho com uma reflexão sobre a importância desse estudo para a melhoria da educação nas escolas públicas de Presidente Sarney.

PARTE II

REVISÃO DA LITERATURA

CAPÍTULO I

HISTÓRICO DA DIDÁTICA E AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS

A Didática está ligada a história do aparecimento do ensino — no decorrer do tempo junto ao desenvolvimento da sociedade, produção e das ciências — como atividade planejada e intencional e dedicada à instrução de melhorias.

Desde os princípios dos tempos existem indícios de formas milenar de instruções e aprendizagens. Sabemos, que, nas comunidades indígenas os jovens passam por um ritual de iniciação para se tornarem adultos. Podemos assim considerar esta uma forma de ensino, embora não esteja incluso no “didático” como ideia de estrutura de aprendizagem.

1.1 – Desenvolvimento histórico da didática

Conforme Libâneo (1994, p. 16) o objetivo no processo de ensino é o estudo da Didática. Esta disciplina estuda e desenvolve “os objetivos, conteúdos, meios e as condições no processo do ensinar, tendo em vista a finalidade educacional, que são sociais”. Segundo Libâneo e Alves (2017), a história da Didática está ligada ao surgimento do ensino, no desenvolvimento da sociedade assim como as ciências – como atividade planejada e intencional, dedicada à instrução.

Desde então com as comunidades mais primitivas, os adolescentes passavam por costumes culturais como rituais de iniciação para entrarem nas atividades como adultos. Essa atividade pode ser considerada uma ação de ensino, porém ela ainda não era uma forma instrutiva de ensino.

Em concordância com Gadotti (2006), na Era Clássica os gregos e os romanos no período da Idade Média, desenvolveram algumas formas e características de ação pedagógica melhorada, principalmente nos liceus, escolas, mosteiros, Igrejas e universidades. A partir do século XVII, começou então a se falar de Didática como uma melhoria no conceito de ensino. Esse termo surge quando um adulto interferia na atividade de aprendizagem de uma criança ou de um jovem, através de um planejamento aplicado de ensino ou não mais espontâneo como nos estudos antigos.

De acordo com Veiga et al. (2004), coloca que:

Na Idade Média, diante do predomínio da Igreja Católica como referência para o mundo cristã, a educação destacava na formação do homem a ser imperfeito em busca de uma perfeição. O propósito desta prática educativa pretendia retirar o ser humano da condição de pecador, conduzindo um ideal de salvação da alma. (Veiga et al. 2004, p.18).

Vimos que nesse contexto, a liberdade humana comporta-se de acordo com os dogmas das religiões, não era algo individualizado, uma vez que, as manifestações de pensamento deveriam ser submetidas à autoridade divina.

Libâneo e Alves (2017, p. 45), comentam que no século XVII, opastor João Amós Comênio escreveu uma obra clássica que se intitula *Didacta Magna*. “Ele foi o precursor na educação a elaborar a idéia da difusão dos conhecimentos para todos criando princípios e regras de ensino”. Os ensinamentos de Comênio eram voltados a partir dos seguintes princípios:

A finalidade da educação é conduzir à felicidade eterna com Deus, pois é uma força poderosa de regeneração da vida humana. [...] A educação é um direito natural de todos. [...] A assimilação dos conhecimentos não se dá instantaneamente, como se o aluno registrasse de forma mecânica na sua mente a informação do professor. No ensino, ao invés disso, tem um papel decisivo, a percepção sensorial das coisas. [...] O método intuitivo consiste, assim, na observação direta, pelo órgão dos sentidos, das coisas, para o registro das impressões na mente do aluno. (Libâneo, 1994, p. 58).

As ideias de Comênio proporcionavam grandes impulsos, surgindo assim, uma nova teoria de ensino. Partia dele a observação e a experiência sensorial, mas mantinha a estrutura transmissora do ensino. Seus ensinamentos demonstraram que a forma de ter acesso ao conhecimento ainda por meio de intermédio da experiência sensorial. Apesar de ter-se constatado tardio, mas reconhecido que a inteligência humana com certa frequência engana, e que as considerações de Comênio foi significativo porque pretendia desenvolver métodos de instrução mais rápidos e eficientes, além de desejar que todos os indivíduos gozem dos benefícios conduzidos pelo conhecimento.

Tendências começaram a surgir como: a Crítico-Social dos Conteúdos, a Tendência Pedagógica Tecnicista, a Pedagógica Tradicional, a Escola Nova ou Renovada, dentre outras estudadas abaixo.

1.2 – Tendência pedagógica tradicional

A pedagogia tradicional em sua forma constante é uma proposta que caracteriza as concepções da educação, onde predomina a ação de agentes externas na formação do aluno. De acordo com Libâneo e Alves (2017) o objeto do conhecimento era a transmissão do saber tradicional, que pretendia atender, advertindo discentes, ministrar a matéria e corrigi-la. Assegura que a repetição e a memorização dos exercícios sem questionamentos e sem ao menos compreendê-los ficou no passado.

Conforme Gadotti (2006), nessa tendência, o compromisso de ensinar é por meio da aula demonstrativa continua do docente. Essa seria a forma de transmitir os conteúdos, na qual o professor expõe a matéria e interpreta-a, gerando assim, o conhecimento.

Pois desta forma, verifica-se que o professor é o detentor do saber, ministra a aula para transferir esse conhecimento ao aluno que aprendi ouvindo. Sendo que, o aluno é um receptor que não interage ativamente das aulas, pois não precisa raciocinar, sua posição é mais estática, sem dinamismo, ou seja, ele não participa de forma direta da construção da aprendizagem.

Na Escola Tradicional, as matérias de ensino, a partir das observações de Haydt (2011), mostra que são aprendizagens e valores sociais acumulados através do tempo pelas gerações adultas e transferidos ao aluno como verdades. Sendo que os conteúdos são afastados da vivencia do discente, assim como das realidades sociais, valendo pelo valor intelectual.

De forma que, os conteúdos são repassados seguindo uma evolução lógica, sem considerar as características do aluno como sua idade. Tendência que tinha o intuito de fazer com que a escola transmitisse conhecimentos relacionados às disciplinas, com focona formação do aluno, que mais tarde será inserido na sociedade e terá a opção de buscar uma oportunidade no mercado.

1.3 – Tendência pedagógica da escola nova

Para Libâneo (2003) a renovada didática da pedagogia, renomada e reconhecida como movimento da Escola Nova ou Escola novismo. Tendo sua origem na Europa e nos Estados Unidos, no século XIX. Em 1930, passa a influenciar na Educação do Brasil. Assim o autor comenta que:

Entre as várias características desse movimento se destacam: a valorização das crianças dotada de liberdade, a iniciativa de interesses próprios e sujeito da sua própria aprendizagem e agente do seu autoconhecimento; tratamento específico da etapa

educacional, considerando as etapas sucessivas do conhecimento biológico e psicológico; individualização do ensino conforme os ritmos próprios do estudo. (Libâneo, 1994, p. 61-62).

Essa tendência pedagógica relacionada à Escola Nova espelhou-se nas idéias arquitetadas por Rousseau, aperfeiçoando-se no século XX, conforme citado por Libâneo e Alves (2017). Com essa nova tendência, a escola automaticamente se torna em um lugar de vivência com deveres necessários para viver em coletividade. O docente e o seu grupo passam a fazer parte do centro de finalidade para o trabalho escolar, portanto, o aluno é o indivíduo da aprendizagem. Os conteúdos de ensino na Escola Renovada conforme Haydt diz que:

São estabelecidas funções e experiências que o aluno vivencia frente a desafios de raciocínio lógico em situações difíceis. Portanto é dado o maior valor aos processos mentais com habilidades cognitivas do que a conteúdos organizados racionalmente (Haydt, 2011, p. 136).

Seguindo a tendência, o professor encoraja o aluno, através de suas necessidades, estimulando os seus verdadeiros interesses, trilhando seu caminho em busca de conhecimentos e experiências, o ajudando na aprendizagem. Seu papel se torna mais dinâmico e participativo.

1.4 – Tendência pedagógica tecnicista

Libâneo (2003) comenta que as tendências tecnicistas é uma linha de ensino que se desenvolveu em meados do século XX nos países como Estados Unidos e no Brasil na década de 60 a 1979. Essa tendência pedagógica segundo Gadotti (2006) teve como inspiração a teoria da observação do comportamento conhecida como behaviorista e na abordagem estruturada da educação. Nesse ponto de vista, a execução na sala de aula cabia apenas ao educador, de forma rigorosa, e os deveres eram feitos de maneira involuntária, onde a tecnologia programada de ensino se destacava.

Na Escola Tecnicista, os assuntos são aprofundados com base nas informações, conforme as leis e princípios científicos determinados em uma seqüência lógica e psicológica por profissionais especialistas na área. Para Haydt (2011) o material instrucional encontra-se organizado nos manuais, livros didáticos, módulos e ensino, assim como também nos dispositivos audiovisuais, etc. Nesse contexto, o docente não era valorizado, mas sim, a

tecnologia, a técnica. O objetivo maior dessa tendência pedagógica tecnicista era capacitar o sujeito para o mercado de trabalho.

Os meios utilizados são os procedimentos e técnicas para transmitir e adquirir informações. Em relação ao relacionamento professor/aluno, a relação é objetiva onde o professor transmite informações e o aluno vai aprendê-las. O aprendizado é baseado no desempenho.

1.5 – Tendência pedagógica crítico-social dos conteúdos

A pedagogia crítico-social dos conteúdos inspirou-se no materialismo histórico dialético conforme Libâneo (1994) constituiu-se como movimento pedagógico interessado na educação popular, na valorização da escola pública e do trabalho do professor, no ensino de qualidade para o povo e na importância do domínio sólido por parte de professores e alunos dos conteúdos científicos do ensino como condição para a participação efetiva do povo nas lutas sociais.

Surgindo nos anos 1980, essa tendência sugeria um modelo de educação nas escolas de forma crítica a serviço das mudanças no cenário sociais e econômicos, ultrapassando as desigualdades, resultantes do modo sociais capitalistas de organização da sociedade. De acordo com Libâneo (1994), para essa didática, os colégios públicos cumprem a função política e social, garantindo a todos, a disseminação dos conhecimentos, como condição para a efetiva participação do povo nas lutas sociais.

Para Haydt (2011), no seu ponto de vista as matérias disciplinares de ensino pedagógico “são conteúdos historicamente culturais e universais que se constituíram em domínios de conhecimento relativamente autônomos, incorporados pela humanidade, mas permanentemente reavaliados por outros com as realidades sociais”.

Essa tendência sugere que as classes populares participem das lutas sociais. Por tanto essa ação tem por objetivo o domínio dos conhecimentos escolares pelo aluno, entendendo as circunstâncias das dificuldades sociais nos tempos atuais, podendo expor de forma reflexiva suas experiências vivenciadas no cotidiano, e assim, utilizar esses conhecimentos na defesa dos seus interesses provenientes das classes menos favorecidas. Para Libâneo e Alves (2017) os conteúdos, portanto, estão unidos a situações sociais do aluno. O professor se torna um mediador de conhecimento para seus alunos.

Observa-se então, que é indispensável que as escolas com seus professores, utilizem um projeto pedagógico ou mais de um, de acordo com as precisões de cada aluno, sem deixar

evidenciar a sua visão do mundo, suas peculiaridades, analisando as experiências vivenciadas de cada um, possibilitando para eles mais criticidade e o envolvimento na sala de aula.

1.6– Fatores que contribuem na relação professor/aluno

Para Libâneo e Alves (2017) inúmeros motivos contribuem para a relação entre o professor e seus alunos, dentre eles podemos citar, a auto-estima do aluno, a afetividade fortalecendo o vínculo entre educador/educando. O método utilizado pelo professor contribui para motivar seus alunos, ressaltando o bom relacionamento construído entre eles. Esses elementos especificados somados ao respeito e a compreensão entre educadores e educandos, contribuem de forma decisiva no relacionamento satisfatório entre eles, desencadeando numa aprendizagem bastante significativa.

O professor ao perceber o aluno como um indivíduo participante, dinâmico, consciente, aprendiz, com a capacidade de formular idéias e opinar de maneira crítica nas reflexões em sala de aula, encontrando soluções para os problemas práticos através de exercícios mentais, construindo o seu próprio conhecimento, a sua relação pedagógica muda.

Pais e professores, constantemente são pegos de surpresa pelo resultado no desempenho acadêmico dos seus filhos e/ou alunos. Percebe-se que muitos alunos principalmente nas instituições públicas, crianças, jovens e adolescentes perdem o interesse nos estudos.

No entanto, analisando de maneira detalhada, na maioria das vezes, notou-se, que esses problemas supracitados estão voltados para baixa auto-estima. Braga (2010) comenta que o instante em que as crianças, principalmente jovens e adolescentes deparam-se com maiores dificuldades e responsabilidades em suas escolhas, nesse cenário manifestam-se uma série de mecanismos de defesa inconscientes e comportamentos que levam à queda no rendimento escolar.

Para Braga (2010) muitos professores já vivenciaram a experiência em ter na sala de aula, casos de jovens inseguros, tímidos, introspectivos, apresentando dificuldades na relação com os outros alunos e até mesmo com o professor, apesar desse empecilho esses jovens apresentam excelentes notas. Nesse contexto, os motivos que deixam a auto estima desses alunos abalada são as mudanças que ocorrem em seu corpo, quanto à aparência, ao desempenho nas atividades esportivas, ou à sua falta de capacidade de fazer amigos.

No ponto de vista de Voli (1998), o fato de obter boas notas pode equilibrar de certa forma essas deficiências. O aluno diferente deste citado nota-se que ele também apresenta dificuldades na aprendizagem, porém se destaca nos esportes e tem a tendência em ser o mais

popular. É interessante observar o quanto podemos diferenciar um indivíduo que tem uma autoestima elevada daquele que tem uma baixa auto-estima.

CAPÍTULO II

A RELAÇÃO PEDAGÓGICA PROFESSOR E ALUNO

A conexão entre o professor e o aluno abrange todas as dimensões desde o processo de ensino e aprendizagem que se desenvolve na sala de aula, muitas vezes é importante ultrapassar os papéis formais da atividade do docente, dando estrutura ao aprendizado, orientando e ajudando os alunos a estudar e aprender.

2.1 – A relação pedagógica professor-aluno no contexto de trabalho na sociedade capitalista

A relação pedagógica professor-aluno, produzida no encontro singular dos seus protagonistas, exprime a mediação do ensino na aula, sendo, portanto, essencial para a aprendizagem dos estudantes. A educação escolar é exercida sob múltiplas determinações sociais e pedagógicas a professores e estudantes, numa totalidade de dimensões que se interpenetram – econômicas, sociais, políticas, culturais e históricas –, de forma que essas dimensões se inter cruzam no espaço-tempo escolar, expressando dialeticamente a singularidade dessa prática social específica, bem como a universalidade das formas como os seres se humanizam em determinadas formas de relação social.

Para Lavoura (2018) esta construção singular (de cada indivíduo singular) dependente, portanto, de mediações particulares que possibilitem a apropriação e a objetivação do vir-a-ser humano que está sintetizado e condensado na universalidade do gênero, tornando cada ser singular rico em humanização universal.

O estudo da relação pedagógica em sua profundidade exigiu a adoção de suportes teóricos, metodológicos e epistemológicos que possibilitassem a apreensão dessa realidade no movimento da prática social. Para tanto, antes de buscar compreender essa relação singular entre professores e alunos, foi importante apontar as principais determinações que constituem a sociedade na sua forma moderna. Isso remeteu compreender a prática social global que possibilita tanto o desenvolvimento do ser humano quanto o desenvolvimento da sociedade, edificando a escola moderna como uma das principais fontes de socialização dos indivíduos e do conhecimento, nos moldes da ordem capitalista.

As categorizações propostas subsidiaram as análises da relação professor-aluno na escola pública do Distrito Federal pesquisada, na medida em que a aproximação do pesquisador possibilitou direcionar e qualificar as referências teóricas para explicação do objeto, considerando que Lavoura (2018, p. 7) comenta que “as categorias lógicas não são formas primárias que de algum modo são aplicadas à realidade, mas sim, resultados de situações objetivas na natureza e na sociedade, que devem ser confirmadas na práxis humana”.

Tendo como premissa o modo de produção que integra a sociedade, impõe-se primeiramente a tarefa de recuperar como os convívios sociais estão intimamente conectados ao modo de organização social no qual comenta Marx (2009, p. 125) que “os homens transformam o seu modo de produção e, ao transformá-lo, alterando a maneira de ganhar a sua vida, eles transformam todas as suas relações sociais”.

Com esse intuito, esta seção estrutura-se em três subseções, inicialmente posicionando o trabalho e suas determinações para os seres humanos, para, no segundo momento, abordar o trabalho na sociedade capitalista. A segunda subseção apresenta a escola pública no esteio de desenvolvimento da sociedade moderna, intimamente ligada aos meios de produção social, específicos desse processo. A terceira encerra a seção, estabelecendo o trabalho pedagógico na sua forma distintiva, buscando identificar suas singularidades em dimensões que expressam a complexidade do processo de ensino-aprendizagem que se materializa principalmente na aula, espaço-tempo de relações e interações, sendo a relação pedagógica professor-aluno central.

Inicia-se pelo trabalho, reconhecendo essa atividade como central para o desenvolvimento dos humanos como seres sociais, que produzem sua vida material instituindo, na modernidade, a escola pública, na qual a aula e a relação pedagógica desenvolvem-se.

2.1.1 – O trabalho e suas determinações para os seres humanos

Historicamente a atividade que distinguiu os seres humanos dos animais, permitindo o domínio da natureza e seu autodomínio para produzir a vida social, que é o trabalho. Por meio dele, os indivíduos supriram suas necessidades básicas, permitindo assim que dedicassem sua vida a outras necessidades, na qual o ser vive no meio em que se incorporam à sua atividade vital, ampliando as possibilidades de existência. Conforme Marx comenta que:

“O animal forma-se segundo a medida e a necessidade das espécies a qual ele pertence, já o homem sabe produzir segundo a medida de cada espécie e sabe conferir em toda a parte a medida inerente ao objeto; por isso o homem da forma também segundo as leis do que é belo”. (Marx, 2017, p. 21).

O trabalho mostra-se como possibilidade de desenvolvimento histórico do homem como um ser social, permitindo assim a atuação na realidade de um modo racional com vistas a produzir resultados projetados, alterando o seu metabolismo com a natureza. Marx (2017, p. 21) coloca que “o objeto do trabalho é a objetivação da vida genérica do homem, já que ele realmente duplica-se não apenas na consciência, intelectualmente, como também ativamente, é por isso que se vê num mundo criado por ele”.

Assim, o ser humano para Marx (2017, p. 200) “faz da sua própria atividade vital objeto de sua vontade e de sua consciência”, criando assim uma natureza social. Deste modo Markus (2015, p. 27) comenta que o fato é de converter a relação com a natureza pelo trabalho “determina as relações recíprocas e verdadeiras entre os homens, isto é a totalidade da vida humana”.

Dessa forma, o trabalho produz o ser humano, possibilitando o desenvolvimento de sua atividade consciente, situada historicamente, que, por meio de instrumentos materiais e mentais, objetivam sua racionalidade, subjetividade e sociabilidade. Nas palavras de Marx:

[...] o homem produz o homem, a si mesmo e ao outro homem; bem como o objeto, que é a atividade direta de sua individualidade e é, ao mesmo tempo, sua própria existência para o outro homem, a existência deste para ele. Do mesmo modo, tanto o material do trabalho quanto o homem como sujeito são, no entanto, o ponto de partida e o resultado do movimento (Marx, 2017, pp. 237-238).

No desenvolvimento do trabalho como atividade de produção na sociedade, a linguagem se desenvolveu para operar a mediação entre os indivíduos, permitindo abreviar, condensar, comunicar e transmitir a experiência humana em representações sobre fatos, coisas e seres. Nessas atividades, incorporou-se a própria vida social em forma de palavras, que marcam a consciência dos seres humanos.

Para Marx e Engels (2009) os homens são produtores das suas próprias representações de idéias etc., mas os homens reais que realizam tal como se encontram condicionados por um

determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e pelas relações que a estas correspondem até as suas formações mais avançadas.

As objetivações dos seres humanos vão sendo, assim, retratadas historicamente, e agregando a experiência social em forma de expressões, que se ligam dialeticamente aos modos de produção material, mas constituem-se em produção não-material. Para Duarte (2016) as expressões filosóficas, artísticas e científicas sintetizam a história humana, despertando, além da apreensão mental da realidade humana em determinado estágio de desenvolvimento histórico-social, o desenvolver intelecto das funções superiores do ser humano.

As produções voltadas ao domínio do próprio homem em seu pensamento e da sociedade forjaram a filosofia e um conjunto de produções destinadas à simbolização e representação da realidade que agregam o campo das artes. Essas objetivações, decorrentes do desenvolvimento humano, não encerram as objetivações e produções do gênero humano, que incluem inúmeras outras como a religião, o direito, a política e o próprio Estado.

Contudo, Marx (2017) comenta que a filosofia, a arte e a ciência constituem a base fundamental para superação dos limites imediatos e cotidianos da realidade, ampliando as possibilidades do ser social no seu processo “vir a ser”, numa sociedade na qual a vida de muitos se reduz à luta pela sobrevivência e a de outros se reduz ao “sentido do ter”.

Contudo, a sociedade capitalista forma a mais complexa reciprocidade entre o ser humano e a natureza ou vice e versa. A partir do desenvolvimento desse modo de produção, os seres humanos passam cada vez mais a depender uns dos outros, o que os conduz as relações sociais cada vez mais diversificadas e complexas, acompanhando o próprio desenvolvimento das forças de produção. Assim, o desenvolvimento capitalista se edifica sobre a contradição entre os que efetivamente produzem os bens materiais e imateriais necessários à vida social dos trabalhadores, dedicando sua força de trabalho à obtenção desses bens, e aqueles que se dirigem processo para concentração e ampliação de capital, que os permite inserirem-se de modo privilegiado na realidade.

Como tal, esses dirigentes detêm os meios de produção e o poder econômico, estes também dirigem a estrutura jurídica-política e cultural conforme seus interesses, reforçando a lógica particular de dominação como conteúdo e forma histórico-universal para todos os seres humanos. Duarte e Saviani comentam que:

Mas no longo período da história social, marcado pela divisão das sociedades em classes antagônicas, as relações de produção existentes entre as classes fundamentais

caracterizaram-se pela divisão social do trabalho, acarretando que a objetivação do ser humano e a apropriação dos resultados dessa objetivação ocorrem sob formas que impediram que a totalidade da riqueza material e não material fosse posta a serviço da realização e do desenvolvimento da totalidade dos seres humanos. (Duarte e Saviani, 2012, p. 21).

Marx e Engels (2009) comentam que historicamente, o desenvolvimento de diferentes fases de divisão do trabalho, associado às formas de propriedade, constituiu determinadas formas de relações entre os homens, chegando à forma de propriedade privada e relações alienadas, que caracterizam o atual modo de produção.

No processo de produção, reprodução e transformação social validou formas e conteúdos historicamente determinados que expressem as perspectivas de existência humana, a partir das formas como os indivíduos produziram e produzem sua vida, sua consciência e se organizam em sociedade, desde o modo de produção tribal, passando pelo comunal, feudal até atingir o modo de produção capitalista.

Na vigência dessas relações sociais de produção, o que deveria constituir da força motivadora vital de cada ser humano, seria o trabalho por ser o meio de subsistência em troca de um salário, que não representa o valor do que produziu tampouco uma possibilidade digna de existência. Na divisão social e o controle das esferas no processo de trabalho voltam-se para a obtenção de lucro, e não para a satisfação do conjunto dos seres humanos. As relações de produção provocam o estranhamento do indivíduo com vínculo ao trabalho, visto que:

[...] o objeto que o trabalhador produz, o seu produto, coloca-se frente ao trabalho como um ser estranho, como um poder independente frente aos produtores. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou em um objeto, que se tornou objetivo, ele é a objetivação do trabalho. [...]Essa realização do trabalho aparece na economia nacional como desrealização do trabalhador, a objetivação como perda do objeto e servidão ao objeto, a apropriação como alienação, como despossessão. (Marx, 2017, p. 192).

Assim, o homem produz sua vida assentado na contradição entre a objetivação e a alienação, Marx (2017, p. 201) comenta que “à medida que o trabalho aliena e arrebatou o homem o objeto de seu trabalho, ele arrebatou-lhe sua vida genérica, sua verdadeira objetividade genérica e transforma sua vantagem perante o animal em desvantagem, pois lhe é retirado do seu corpo inorgânico da natureza”.

O desentendimento do trabalhador gera uma tendência a uma existência alienada, que limita a sua capacidade à lógica da reprodução do capital e legitimação dos valores dominantes, estreitando seu desenvolvimento, uma vez que:

[...] em relação ao indivíduo, o trabalho perde sua qualidade de auto atividade, deixa de servir ao desenvolvimento multifacetado do agente e não desenvolve livremente suas habilidades. Ao contrário, quanto mais a divisão do trabalho é desenvolvida, o trabalho torna-se cada vez mais uma atividade externa e coagida, resultando na deformação unilateral do indivíduo trabalhador. (Márkus, 2015, p. 114).

Para Markus (2015) comenta que dessa forma, a vida humana se desenvolve entre a humanização e a desumanização, na qual as relações de produções deixam de visar à satisfação das necessidades humanas e passam a se influenciar em torno da propriedade privada e do ponto de vista social do trabalho, que impedem o desenvolvimento do ser humano como um ser social livre, consciente e universal. O caráter mediado do trabalho contribui para que o ser humano desenvolva suas necessidades de acordo com o processo histórico de reprodução social, produzindo para Markus (2015, p. 37) “carências sociais, que são elas próprias produto de um desenvolvimento histórico e resultado de um progresso anterior da atividade material produtiva”.

O trabalhador, tendo que viver somente para trabalhar, deixa de incorporar o conjunto de objetivações humanas que foram sintetizadas no desenvolvimento histórico-social da humanidade, gerando um abismo entre a existência humana e as possibilidades de ampliar e aprofundar sua essência, visto que para Markus (2015, p. 211) o “trabalhador tem o azar de ser um capital vivo, e, portanto, tem necessidades, que a cada instante em que não trabalha perde os seus juros e com isso a sua existência”.

Por isso, esta forma de produção concorre para a desumanização, provocada pelos que exploram a força de trabalho, as elites dominantes, mas também pelos trabalhadores, que vão se desumanizando em condições de pressão por produção num ambiente que estimula socialmente o individualismo e a competitividade, dado que:

[...] a propriedade privada nos fez tão tolos e unilaterais que um objeto só é nosso se o tivermos, portanto, se existir como capital para nós, ou se for diretamente possuído, comido, levado pelo nosso corpo, [...] e a vida, a que servem de meio, é a vida da propriedade privada: trabalho e capitalização. (Marx, 2017, pp. 241- 242).

Como o consumo tem caráter imediato, a subjetificação das coisas produz no indivíduo a sensação de vazio existencial e sentimento de impotência em relação à vida, que, diante das relações sociais desumanizadas, gera ansiedade e solidão, o que marca a sociedade moderna em sua forma atual. Dessa forma, todas as esferas e instituições sociais são reciprocamente determinadas pela forma como a vida social é produzida.

Por isso, a relação de exploração e alienação que sustenta esse modo de produção reflete no seu aspecto contraditório para todas as esferas do ser, repercutindo sobre o controle político do Estado e sobre a direção cultural da sociedade.

Os indivíduos que constituem a classe dominante também têm, entre outras coisas, consciência e daí que pensem, na medida, portanto, em que dominam como classe e determinam todo o conteúdo de uma época histórica, é evidente que o fazem em toda a sua extensão e, portanto, entre coisas, dominam também como pensadores, como produtores de idéias, regulam a produção e a distribuição das idéias do seu tempo; que, portanto, as suas idéias são as idéias dominantes da época. (Marx e Engels, 2009, p. 67).

Nesse sentido, a Educação se encontra no cerne da contradição entre promover a humanização dos indivíduos pela via da socialização dos conhecimentos produzidos pelo gênero humano, decorrentes das objetivações historicamente desenvolvidas, ou reproduzir os valores e conhecimentos dominantes que sustentam as relações de produção existentes como uma lógica natural e eterna.

Como discute Cury (1985, pp. 53-54), “por isso, a hegemonia na sua relação com a educação ganha um papel relevante, já que se trata de uma direção ideológica e política das classes dominantes sobre as demais”. O processo de alienação e controle ideológico da Educação entra em choque com sua finalidade precípua de promover a formação humana, visto que:

[...] o próprio processo de acumulação e concentração gera uma série de tensões, que desafiadoramente impõem ao Estado a função de manter um certo equilíbrio político e uma forma de harmonia social que satisfaçam certos interesses das classes dominadas, desde que se mantenham nos limites permitidos pelas classes dominantes. [...] o jogo dessa função contraditória preside a administração, a alocação dos bens e serviços públicos, e a função técnica e política da educação. (Cury, 1985, p. 55).

A superação da alienação do trabalho e da propriedade privada só pode ser alcançada pela organização e atividade dos trabalhadores e daqueles dominados pela força do capital em todos os seus âmbitos de inserção de vida social, nas suas consciências e nos seus sentidos para a transformação radical dessa forma de produção. Ser humano significa refletir sobre como a sociedade tem se desumanizado, atuando criticamente naquilo que a desumaniza e fragmenta a realidade e o conhecimento, reposicionando a prática social para a problematização e superação das condições que sustentam essa ordem social.

Indubitavelmente a questão se coloca como recuperar a atividade como práxis social, entendendo a interconexão da atividade prática com a atividade teórica, que recompõe a unidade do trabalho intelectual e manual, repercutindo decisivamente na prática social, pois, como afirma Gramsci (1986, pp. 51-52), “a identificação da teoria prática é um ato crítico pelo qual se demonstra que é racional necessária ou que a teoria é realista e racional”.

Uma das formas de atuar no sentido de possibilitar a transformação da realidade é pela construção de uma lógica humanizada e emancipada de relação social na escola. As contradições que marcam historicamente e de modo singular a realização da aula e sua relação pedagógica podem ser recuperadas com a análise do desenvolvimento da escola pública.

2.1.2 – A escola pública: do Ratio Studiorum à refuncionalização

A existência da educação é muito anterior ao capitalismo. O processo de desenvolvimento histórico do ser humano como um ser social, tendo o trabalho como categoria central, propiciou a separação da educação como uma atividade humana específica. Saviani explica que:

[...] no ponto de partida a relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade. Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la. Eles aprendiam a trabalhar trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando-se uns com os outros, os homens educavam-se e educavam as novas gerações. A produção da existência implica o desenvolvimento de formas e conteúdos cuja validade é estabelecida pela experiência, o que configura um verdadeiro processo de aprendizagem. (Saviani, 2007, p. 154).

De forma que a relação pedagógica está no cerne da atividade educativa, no qual os seres humanos se relacionavam para transmitir a cultura no âmbito das atividades de produção

social. Nesse sentido, a direção da educação coincidiu originalmente com as necessidades humanas para sua vida. No entanto, essa afirmação para Alves (2017, p. 396). “não pode ignorar o fato de que a relação educação na época medieval se impusera, sobretudo, como uma relação não sistemática que envolvia um educador, de um lado, e um educando, de outro”.

A história da divisão entre trabalho e educação, decorre do desenvolvimento histórico-social, que por sua vez conduziu a divisão social do trabalho, levando à apropriação privada da terra, para o principal meio de produção. Saviani (2007, p. 155) comenta que esse processo principiou o surgimento dos seres humanos em posições sociais antagônicas. “Configuram-se duas classes sociais fundamentais: as classes dos empregadores e a dos empregados”.

Essa rivalidade entre os seres humanos possibilitou a um determinado grupo de pessoas que podem viver sem trabalhar, podendo viver do trabalho alheio, o que permitiu o surgimento da educação na antiguidade, voltada para a aristocracia, embora se mantivesse paralelamente um processo de formação no âmbito da atividade vital dos seres humanos que não tinham propriedades, os escravos e serviçais. Para Saviani (2007, p. 155) Essa passagem foi à marca distintiva da divisão da educação conforme as classes: “a primeira, entrada nas atividades intelectuais, nas artes das palavras e nos exercícios físicos de caráter lúdico ou militar. E a segunda, integrada ao próprio processo de trabalho”.

Saviani (2007) comenta que o processo de institucionalização da Educação coincide, portanto, com a divisão da sociedade em classes, designando-a como uma forma específica que se distinguiu da atividade produtiva, aprofundando a divisão de trabalho. Aí está a história de origem da escola. Como explica Saviani (2007, p. 156) “desde muitos anos, a escola foi-se aprimorando, alargando-se até atingir na atualidade, a condição de forma principal e dominante de educação, convertendo-se em um padrão de referência para aferir todas as demais formas de educação”.

De forma que até a época feudal, a Educação se desenvolveu predominantemente como uma prática acessória, que não atingia a maior parte dos seres humanos, e de natureza individual, sendo transformada na decomposição desse modo para Marx e Engels (2009, p. 29) que se fundava sob a “pequena cultura agrícola e a indústria artesanal”.

A tradição pedagógica, especialmente e principalmente no Brasil, remonta ao *Ratio Studiorum*, que representa a hegemonia da Companhia de Jesus no início do processo de escolarização nacional. As regras desse plano influenciaram de forma notável a pedagogia tradicional, dada sua abrangência o grau de detalhamento, que se tornaram convenientes com a massificação da escola pública no Séc. XX. Se, do ponto de vista pedagógico, localiza-se o

RatioStudiorum como uma das grandes referências inspiradoras da organização da escola moderna, na vertente religiosa, reconhece-se que o ideal da escola para todos, onde seria possível ensinar tudo a qualquer pessoa, localiza-se em João Comênio, com a Didática Magna do Séc. XVII, podendo, portanto, ser considerado conforme Alves (2010, p. 53) o “pensador que concebeu a moderna organização escolar”.

Os meios didáticos de instrumentalizar a questão metodológica da Educação marca o início da formulação pedagógica naturalista e humanista no Ocidente. De modo que a escola, na sua forma moderna, encontra suas bases no processo de transformação da organização artesanal para uma maneira de organização manufaturada que introduziu na atividade educativa, para Saviani (2010, p. 14) “a divisão do trabalho, com seu decorrente aperfeiçoamento e simplificação de suas funções”.

Decorrente das transformações em relação à organização artesanal do trabalho, em plena decomposição, a escola pública incorporou, em termos de organização, as determinações do modo manufatureiro. Contudo, só foi levada ao plano de política nos estados, de caráter obrigatório, laico, gratuito e universal, quando se associou à burguesia no processo de luta pela direção política e cultural no processo de expansão da produção industrial e consolidação dos estados modernos pautando a formação do cidadão.

O sentido da educação pública, embora associado à idéia de igualdade entre os seres humanos, só se efetiva quando as condições sociais, econômicas e políticas estavam fundadas em relações de produção que demandavam uma formação escolar. Como afirma Saviani (2007, p. 159): “se a máquina possibilitou a concretização das funções intelectuais no processo produtivo, a via para objetivar-se a proliferação das funções intelectuais na sociedade foi à escola”.

Com a ampliação da indústria e a progressiva especialização e desenvolvimento tecnológico, a educação pública foi levada à universalização, visando preparar o trabalhador para os conhecimentos que os permitissem operar as máquinas e instrumentos de trabalho, mas também conformar valores e normas, tendo como norte a formação de um sujeito público como cidadão. Historicamente, o afastamento das crianças do trabalho elevou a necessidade de instituições que dessem conta desse contingente, que se transformou conforme Alves (2001, p. 150) “em uma instituição social que assegurava atender, além dos filhos capitalistas, também aos filhos recém-desempregados dos trabalhadores”.

No ambiente da sociedade burguesa, a escola pública foi universalizada sob a influência dos modos de produção que impuseram a formação de uma força de trabalho compatível com esse processo de desenvolvimento histórico-social e dos valores relativos à

ordem existente, deixando de ser uma instituição prioritariamente para os filhos da burguesia e de funcionários do estado para atender os trabalhadores.

Portanto, a escola pública moderna guarda a contradição dessa forma de organizar a sociedade. Entre moldar (deformar) os seres humanos como força de trabalho, preparando-os para a ordem social nos termos das relações de produção, e formar esses indivíduos como seres humanos, dotados da herança histórico-cultural da humanidade, o que os possibilita não só compreender essa realidade, mas, principalmente, transformá-la, visto que Mészáros (2008, p. 47) diz “romper com a lógica do capital da área da educação, equivale, portanto, a substituir as formas onipresentes e profundamente enraizadas da interiorização mistificadora por uma alternativa concreta abrangente”.

De ponto de vista objetivo, a escola pública cria as condições materiais para a elevação da formação dos seres humanos, que, relacionada à divisão social do trabalho, aumentaram a produtividade, superaram formas desgastantes e morosas de trabalho e possibilitaram a diminuição da jornada de trabalho, que, por sua vez, liberou tempo para que os trabalhadores pudessem se dedicar a outras atividades, como lazer, cultura ou política.

Mesmo perante dessas conquistas, a forma capitalista de produção converte o desenvolvimento tecnológico e a divisão e simplificação social do trabalho em desemprego e intensificação do ritmo de trabalho, além da exploração e alienação dos trabalhadores, visto que suas condições não lhes permitem desenvolverem suas capacidades, enquanto as longas e estafantes jornadas de trabalho não lhes dão tempo para acessarem os meios de satisfação de suas necessidades, ressaltando a tônica de que o capital, para se ampliar, desvaloriza a força de trabalho, demandando uma formação que reproduza as relações sociais de produção sem pôr em evidência sua incorrigível contradição.

A lógica voltada à produtividade, em busca de expansão e acumulação, avança sobre a educação nos últimos 50 anos do Séc. XX, buscando a objetivação fabril do trabalho pedagógico. Em conformidade com os princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, a escola passa a ser condicionada por meio do controle dos procedimentos e instrumentos de organização do trabalho educacional, que, sob a forma da pedagogia tecnicista, apresentam-se como obstáculos para que esta se desenvolva na perspectiva da formação humana para todos. Evidenciando os princípios de expansão da sociedade capital, entra em cena, a partir da década de 1970, o neoliberalismo, atacando as políticas sociais e o Estado de Bem-estar, como maneira de oferecer uma explicação plausível às suas crises estruturais. Assim, Moraes (2002) comenta que acentua-se a supremacia da propriedade privada e do mercado como mecanismo de alocação de recursos, distribuição de bens, serviços e rendas, sendo

considerado, portanto, a lógica do capital como a aparente matriz da riqueza, da eficiência e da justiça entre os homens.

Nesse cenário, assume-se o discurso do fracasso do Estado e, como parte dele, da escola pública. Para Adrião (2018) a dominância da lógica de mercado, a escola pública passou a sofrer com as inquietações as negociações, sob a forma da oferta educacional, com aumento das matrículas nas instituições privadas, financiadas com recurso público, com mecanismos de privatização da gestão pública da educação, como a subordinação da gestão a programas e instrumentos adquiridos do setor privado, e, com isso, com a própria concessão do currículo e dos materiais didáticos ao setor privado, conformando os meios de ensinar, o professor e as escolas.

Para Freitas (2004) recentemente, na década de 1990, sutis e sucessivos momentos da retomada de ideais anteriores, de maneira relacionada, formam perspectivas produtivistas e constantemente na educação, que se tornam hegemônicas. Com a refuncionalização, essas perspectivas visam manter a Educação desarticulada de suas determinações histórico-sociais, adquirindo novas feições, frente às novas formas de organização do trabalho com a introdução de tecnologias.

Freitas (2004, p. 95) comenta nos discursos sobre democracia com a participação de alunos nas escolas, essas regras passam a idéia “de que o professor tem autonomia, que a administração deve ser descentralizada, participativa no processo ‘democrático’ deve servir a interesses centralizados e não aos interesses de professores, alunos ou das classes populares.” Assim, Saviani (2012) comenta que têm sido apresentadas expressões sob os prefixos “neo” e “pós”, como “desconstrutivismo”, “neotecnicismo” e “pós-construtivismo”.

Sem os fatores que influenciam diretamente a Educação e a escola, ressalta-se a força que exercem sobre a educação escolar em relação às suas funções, formas de organização e concepções. De forma mais específica, esses princípios moldam a prática social realizada cotidianamente por professores, a partir da presença de estudantes, por meio do trabalho pedagógico.

2.2 – A relação pedagógica entre professores e alunos na aula: a mediação do ensino-aprendizagem

O objetivo desta abordagem de relação pedagógica entre professor/aluno, como mediação do ensino/aprendizagem que se desenvolve em turmas de anos finais do Ensino Fundamental de um Centro de Ensino em Brasília. A partir da definição dessa relação na sua conexão com as especificidades do trabalho pedagógico, articulam-se as concepções que

orientam a aula, como já foi debatido anteriormente. A relação pedagógica entre docente e discente ganha cada vez mais espaço em publicações da Educação, entretanto advindos de autores renomados como Patto (1997, p. 299) “cujas essências sobre o papel social na escola são desiguais enormemente”.

Desde o início do Século XX, há um extenso debate no campo da Pedagogia, Sociologia e Psicologia sobre o grau e as formas de participação de estudantes e professores no processo de ensino-aprendizagem. Embora venham produzindo importante contribuição para o tema que parece promissor articular essa relação singular, que se desenvolve na aula, a partir das concepções pedagógicas que orientam o trabalho pedagógico para a compreensão das implicações desta para a aprendizagem dos estudantes. Os elementos estruturantes da aula, discutidos na seção anterior, tomados na sua organização didático-pedagógica, articulase para a materialização do ensino, a partir da interseção de dois de seus elementos: as atividades e as interações sociais.

Assim, o conjunto de atividades planejadas, inicialmente com vistas a atingir um objetivo, é determinado e determina as relações que estabelecem entre professores, alunos e conteúdo. As opções didáticas pedagógicas, vinculadas ao contexto histórico-social, institucional e cultural (dimensão histórico-ontológica), expressam escolhas técnicas, mas que representam determinadas formas de conceber a formação psicossocial e ético-política, que dimensionam a prática pedagógica. Frisa-se, inicialmente, a complexidade das relações sociais, que cultivam a natureza particular e universal da situação e dos sujeitos como relacionam-se. Assim como Duarte (2013, p. 61) afirmou, “o fato de lidarmos todos os dias com a formação do ser humano, não nos leva espontaneamente sermos capazes de explicar e desvendar o que é a individualidade humana”.

Espera-se compreender alguns elementos que conduzem essas relações, tornando-os explícitos, de modo a buscar referências que permitam desenvolver a relação pedagógica na perspectiva da formação humana, na luta contra as formas de alienação e pela construção de formas humanizadas de se relacionar. Para Heller (2016, p. 35) as relações sociais se desenvolvem no âmbito da vida cotidiana dos indivíduos, visto que, “é nela, que se colocam tudo ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, e todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipuladas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias”.

Seguindo essa linha de raciocínio o ser humano aprende em grupo, a partir da família, em nível crescente de relações sociais com elementos do cotidiano. De maneira que a vida cotidiana se torna o reflexo da vida do homem, ao mesmo tempo no particular do ser genérico. Assim, Heller (2016, p. 38) comenta que a integração social, o ser humano assimila

a cultura numa relação direta que promove “o indivíduo e a conciliação entre os costumes, normas e ética de outros integrantes maiores”.

Nesse sentido, Heller (2016, p. 37) comenta que no processo de amadurecimento, em determinadas circunstâncias históricas, o indivíduo aprende a manipulação das coisas (instrumentos) por meio de relações sociais. Através desse processo, cada indivíduo desenvolve, “de ‘modo imanente’, o domínio espontâneo das leis da natureza”, determinada pela natureza biológica, envolvendo o próprio domínio de si, que, com o desenvolvimento histórico-social, propiciou o surgimento da individualidade.

Nessa lógica, a individualidade possibilita escolhas relativamente autônomas do indivíduo, orientadas pelas suas particularidades, que são constituídas numa relação direta com a apropriação das atividades e relações do gênero humano. Assim, a unidade do ser humano como indivíduo advém da articulação entre a particularidade e a genericidade. Desse modo, a relação pedagógica distingue-se no sentido de buscar a ascensão da genericidade do indivíduo, ampliando suas possibilidades de escolha no campo da sua particularidade.

Por isso, os conhecimentos mais elaborados são expressões fundamentais da escola, pois carregam as atividades e relações que sintetizam o desenvolvimento histórico do gênero humano, com suas contradições e transformações, que são imprescindíveis para se elevarem a condição de sujeitos, capazes de transformarem sua própria realidade.

Patto (1997); Postic (1990); Saviani (2013) comentam que a demais, a relação pedagógica pode ser caracterizada como um conjunto de relações interpessoais que se desenvolvem no trabalho pedagógico da aula entre uma parte (professor, grupo de professores, instituição escola) que ensina e outra que aprende (estudantes). São nessas relações que se realizam interações e comunicações baseadas na atividade conjunta para a construção de conhecimentos, significados, valores, atitudes e vínculos, orientados para a aprendizagem dos estudantes.

No convívio social, o ser humano influencia um ao outro por ações recíprocas ou não recíprocas (como assistir à televisão) que caracterizam a interação. A interação social é a abertura para outras formas mais profundas e complexas de relação, fornecendo a base para a comunicação por meio da troca. Há, portanto, anterior à conversa, trocas não verbais e perceptivas, que se ligam ao ambiente e à maneira como o outro se coloca nesse contato social, as quais podem levar à animação ou criar impressões que podem distanciar esses sujeitos de um contato mais aberto.

Assim, declara Postic (1990, p. 10), “o processo educativo não se desencadeia senão quando um movimento anima cada um dos parceiros em direção ao outro”, o que demonstra a

importância da escola se mostrar como uma instituição acolhedora, que recebe estudantes e professores aproximando-os para a construção de um projeto educativo e participativo. Esse foi um aspecto observado na escola participante desta pesquisa.

Bersntein (1990) comenta que outra característica importante da relação a ser considerado é a comunicação, por ser uma troca entre um emissor e um receptor, na qual a mensagem regula o comportamento e o significado desse encontro social. Autores têm compreendido os mecanismos de dominação e submissão dos estudantes e do sistema escolar no âmbito dessas mensagens, expressas por meio de códigos e dispositivos de controle social.

Reconhece-se a importância desses apontamentos, por exercerem ênfase num processo linguístico multideterminado, que se encontra associado a um composto jogo de poder e saber. Na relação pedagógica, o professor impulsiona o processo de ensino-aprendizagem de modo a desenvolver atividades e relações que podem estimular a curiosidade e interesse dos alunos ou, caso contrário, podem acabar fazendo com que os estudantes se afastem e que se estabeleça, no âmbito da aula, uma comunicação com poucas trocas e descoladas das necessidades dos estudantes de um diálogo formativo e de uma relação de confiança. Em vista disso, Heller (2016) comenta que a relação pedagógica precisa reconhecer a importância do diálogo, tendo em vista as mediações para a compreensão dos objetos de conhecimento, mas não pode negligenciar seu aspecto afetivo-social, reconhecendo que, na vida cotidiana da escola, os sujeitos se mostram por inteiro.

Neste estudo, abarca-se a relação que o professor estabelece com os estudantes para realizar seu trabalho. Essa relação, mediada pelo conhecimento, é, portanto, uma relação pedagógica. Um aspecto relevante dessa relação conforme Postic (1990) é o grau de complexidade para o professor, que atua conjuntamente e paralelamente com um grupo de estudantes, mas também precisa relacionar-se individualmente com cada estudante para acompanhar seu desempenho.

As posturas exercidas pelos professores e pelos estudantes mostram-se central para a compreensão do desenvolvimento dessa relação. Nesse sentido, a avaliação da aprendizagem é uma das categorias do trabalho pedagógico que exerce forte influência sobre a relação professor-aluno, podendo ser usada com intenção formativa, como discutimos anteriormente, ou limitada à intenção de classificar, rotular, ajuizar e excluir. Freitas (2009) destaca, ainda, a avaliação informal, caracterizada pelos juízos de valor do professor em relação aos estudantes e que, se usada de forma desencorajadora, pode implicar na relação entre os protagonistas da aula de forma a não favorecer a aprendizagem.

A partir do intercruzamento das dimensões do trabalho pedagógico Fuentes e Ferreira (2017) comentam que do professor na aula, a relação pedagógica interpessoal é estabelecida com base nas relações sociais mais amplas que configuram a vida social, estabelecendo formas de moderar o conjunto de interações das relações sociais da escola.

Tem-se a dimensão histórico-social, mediando à função social da escola e, por consequência, as relações que lá se estabelecem. Por essa dimensão, liga-se o sentido da escola à capacitação para a vida e para o trabalho. Assim, seu sentido está por vir da vida que será enfraquecida a vida das suas possibilidades. Nessa perspectiva, perde-se o fundamento do trabalho como objetivação e exteriorização humana, que se realiza na transformação da natureza e de si próprio e prepondera uma formação parcial, e artificial, desprovida de vida, na sua acepção emancipadora e humanizante.

Por isso, muitos estudantes preocupam-se com as notas, não com o conhecimento. No entanto, a atividade de encontrarem-se para socializar o conhecimento enseja a possibilidade de recolocar no centro da mediação promovida pelo professor a ascensão ao conhecimento socialmente elaborado, sendo o conhecimento sobre o estudante o elemento balizador desse percurso.

É por meio da relação social que se realiza e desenvolve um ótimo ensino, admitindo que a aprendizagem se processa de modo eminentemente social diz Vygotsky(2010) que os estudantes e professores determinam que são determinados pelo seu tempo, com seus modos, problemas e possibilidades. Defato, Fuentes e Ferreira (2017) comentam que a educação se faz dentro desse horizonte de determinações que a condicionam quanto às suas perspectivas didático-pedagógicas, ético-políticas e psicossociais.

Na perspectiva em que o trabalho pedagógico é a mediação da relação indivíduo singular e gênero universal humano, a aula encerra a relação pedagógica como processo de formação, ou seja, como meio de enriquecer-se culturalmente ou conjuntamente a um fim já que educar também forma novas relações sociais e lida com as já existentes. Vygotsky (2010) comenta que há que se também tem que reconhecer a importância do outro para o 'eu', situando o desenvolvimento humano no processo de sociabilidade. Por essa via, desenvolve-se a noção de si a partir da noção do outro, de modo intersíquico, tal como se percebe com o uso da linguagem, do conhecimento e dos instrumentos psíquicos, como raciocínio e a memória.

Observando a prática social de outros e se relacionando com eles, o indivíduo se percebe e se constitui como ser humano. A escola como instituição responsável pela mediação entre indivíduo e sociedade tem como finalidade a apropriação cultural do conhecimento. O

professor como mediador dessa apropriação, utilizando-se da linguagem e dos conceitos, desenvolve estratégias metodológicas com o intuito de conduzir os estudantes por suas compreensões de realidade através de representações mais elaboradas, uma vez que, em grande parte, elas são fundadas em conceitos espontâneos, cotidianos e representações imediatas e comuns, de modo a permitir ao estudante desenvolver sua consciência.

Portanto, Vygotsky (2010) coloca que há um indissociável nexos entre o ensino e o desenvolvimento, alavancado pela aprendizagem escolar em forma de interações, nas quais os estudantes acessam a riqueza histórica e culturalmente acumulada, desenvolvem suas funções psíquicas superiores. E, assim, ampliam-se novas propriedades que possibilitam lidar com situações mais complexas e de modo mais consciente. O desenvolvimento humano pode ser então, alavancado pela qualidade das interações sociais, que promovem a mediação entre os instrumentos e signos elaborados, assentados sobre a experiência humana historicamente, o que confere a importância cabal à escola e ao professor para promover relações sociais formativas, humanizadas e emancipatórias.

Contudo, no sistema social pautado pela realidade desigual e de exploração humana por outro ser humano, há uma lógica histórico-social inscrita que opera com a ocultação da verdade e a produção de discursos, que marcaram as possibilidades de desenvolvimento social dos seres humanos, mas se revelam em forma de contradições. O professor ainda sofre ao perder o controle do processo, limitado pelas condições objetivas da escola e do sistema de ensino, que determinam o tempo da aula, o tipo de espaço e o currículo a ser considerado para a organização do ensino-aprendizagem.

Com a centralização das políticas curriculares prescritivas que se acentuam no Brasil, de acordo com a publicação da Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil e no Ensino Fundamental citado em Brasil (2017), avizinha-se ainda a subsunção real e total do trabalhador da Educação, que poderá perder o controle do planejamento e do processo do seu trabalho. Por conseguinte, Patto, (1997, p. 389) diz que a escola desenvolve a dependência e a manutenção do sistema de modos institucionalizados, sob a forma da sua estrutura administrativa burocrática e estática, organizada a partir de uma “sucessão de hierarquias superpostas – desde o ministro aos funcionários, dos docentes aos alunos [...] as quais decisões e as ordens provêm da educação superior da esfera federal e seguem uma trajetória descendente, sem possibilidade de discussão ou réplica”.

A relação pedagógica entre professores e alunos desenvolve uma forma singular de vínculo, que perdura pelo tempo do professor junto da turma e a cada estudante. De modo mais complexo, o vínculo dessa relação é determinado pela forma como professores e

estudantes compreendem a escola e o saber. Sabe-se, que a relação entre professor e aluno é assimétrica, pois pressupõe que, enquanto o professor guarda uma posição de maior enriquecimento em relação ao saber, permitindo-o interpretar a realidade de modo mais complexo e consciente, que supere os interesses comuns sobre o saber, os estudantes demandam o conhecimento prático e instrumental, característicos da vida cotidiana e espontânea.

Desse modo, o vínculo entre professores e estudantes é o desenvolvimento de uma relação de descoberta de novos conhecimentos, de modo mais elaborado frente aos interesses comuns destes, considerando que:

[...] esse conhecimento sistematizado pode não ser do interesse do aluno empírico, os seja, o aluno, em termos imediatos, pode não ter interesse no domínio desse conhecimento; mas ele corresponde diretamente aos interesses do aluno concreto, pois enquanto síntese das relações sociais, o aluno está situado numa sociedade que põe a exigência do domínio desse tipo de conhecimento. E é, sem dúvida, tarefa precípua da escola viabilizar o acesso a esse tipo de saber. (Saviani e Duarte, 2012, p. 80).

As formas que o professor desenvolve suas atividades e a interação social na escola pode cristalizar-se, criando, em muitos casos, rituais que marcam esse vínculo. A cristalização do comportamento na aula decorre, em grande medida, de uma estratégia para facilitar seu trabalho, explorado e extenuante, com muitos alunos e em condições desfavoráveis e de isolamento profissional.

Do mesmo modo para preservar sua integridade emocional, diante da complexidade de possibilidades interativas, relacionais e afetivas que podem se desenrolar na aula e que, muitas vezes, deixam o professor inseguro quando não é articulado o trabalho didático-pedagógico, são produzidos os rituais da aula. A aula passa a ter um formato de realização ritualística, a despeito das possibilidades de desenvolvimento de articulação entre conteúdo e forma, que estimulem os estudantes para a atividade. De modo que, quando a forma de socialização promovida deixa de assumir essa afinidade na sua complexidade e no seu movimento conflituoso e considera o caráter de oposição de idéias e de formas de ver o mundo, o que demandam um esforço permanente no sentido de entender o outro para superar os problemas e ampliar sua própria compreensão, tem-se uma socialização alienante. A aula, assim, é planejada e realizada como um conjunto de ritos, desenvolvidos cotidianamente, com poucas

variações nos elementos que a estruturam, programando de modo restrito e bem delineado o tipo de comunicação na aula, as interações possíveis, ou seja, toda a relação pedagógica.

Os autores Betini (2004); Ferreira (2005) e Stoelben (2003) comentam que muitos estudantes encontram dificuldade em se sentirem acolhidos na escola, por esse motivo manifestando-se de forma mal compreendida, é rotulada como indisciplina ou estigmatizada precocemente como transtornos de aprendizagem. Conforme citam os autores Signor; Berberian e Santana (2017) que estudos mostram que, quando se investiga em detalhes a qualidade das interações sociais em que a criança esteve/está inserida, são possíveis que se compreendam as bases sócio educacionais que constituem o suposto transtorno.

O formato mais coerente de socialização alienante promovido na sala de aula é a dependência. São incitados os estudantes que se enquadram nas expectativas e formas de condução da aula, enquanto que os que sofrem alguma dificuldade ou mostram-se contestadores são coagidos ou menos atendidos, seja com apatia ou mesmo com algum tipo de rejeição, produzindo o que Bourdieu (1998, p. 224) denomina exclusão branda ou exclusão do interior, na qual “a escola exclui de forma contínua mantendo em seu seio aqueles que rejeitam contentando-se em afugentar-se para os ramos mais ou menos desvalorizados, [...] e, em suma, forçando-os a diminuir suas pretensões”.

De outra forma também pode ser desenvolvida a dicotomia seletiva, na qual o professor julga os alunos de acordo com os que se identificam com seu modelo, definindo os alunos que irão prosseguir, enquanto os que se identificam com o grupo de colegas renunciam os valores escolares e são reprovados por isso. Desse modo, a aula é um ambiente de controle no qual o estudante está exposto a intervenções disciplinares verbais e até físicas, além de comentários críticos e depreciação de atitudes, comportamentos e até de perguntas perante a classe que podem soar incômodas. São produzidos juízos de valor tanto da parte do professor quanto do estudante, que repercutem na organização da aula, principalmente no que concerne às decisões metodológicas do professor, diante de sua percepção desse jogo de representações. Freitas, (2003, p. 45) comenta que “Os professores, que não foram capacitados para tal, são mais propensos a tratar os alunos conforme o julgamento que fazem deles. Aqui é lançado o destino dos alunos, para o sucesso ou para o fracasso”.

Entretanto, mesmo nesses limites, é preciso considerar que o ensino-aprendizagem ocorre na mediação entre professores e alunos, havendo como referência o conhecimento, que depende fundamentalmente do tipo de vínculo que se dá nessa relação. Reconhece-se, inicialmente, que há diferentes caminhos e possibilidades que possam ser trilhados para promover um sentido emancipatório para a Educação. Afirma-se que a possibilidade de uma

Educação que desenvolva possibilidades de elevação desses indivíduos como seres sociais que se transformam, mudando a sua realidade. Para Duarte (2013, p. 66) a socialização de emancipação encontra amparada numa perspectiva de Educação que assume a apropriação da riqueza cultural humana adensada em forma de conhecimento pela via de “transformação comum dessas atividades que está em potência no objeto, em atividade efetivada do sujeito”.

Assim constitui-se a relação entre professor-aluno, na qual a atividade apresentada pelo professor propicia relações com os estudantes e entre estes que despertam o estado latente do trabalho do processo de apropriação do conhecimento, devolvendo-lhe a vida na forma de atividade. Embora ambos são sujeitos do processo de ensino-aprendizagem.

A socialização emancipatória passa por recuperar a unidade dialética entre ensino-aprendizagem, combatendo as formas alienadas e fragmentadas do trabalho pedagógico, o que possibilita o desenvolvimento de processos pedagógicos que ponham estes sujeitos, professor e aluno, em movimento de apreensão do saber escolar em vínculos que os estimulem a se desenvolver socialmente. Nessa perspectiva, a dimensão histórico-ontológica do trabalho pedagógico se combina com a especificidade da dimensão didático-pedagógica, produzindo uma perspectiva de relação psicossocial e ético-política, no movimento dialético das contradições que se combinam para moldar a aula.

Do ponto de partida ao de chegada a Educação é a prática social, que é comum a professores e estudantes, porém na qual se encontram em posições distintas. Enquanto o professor detém uma visão mais elaborada e sistematizada em torno do conhecimento, com algum grau de elaboração sintética, os estudantes apresentam conhecimentos desenvolvidas de modo espontâneo e cotidiano, com pouco grau de sistematização, apresentando-se de modo confuso, caótico, sincrético. É esta assimetria que configura uma relação dialética entre professor e estudantes no qual aquele aprende ensinando e estes ensinam aprendendo. Desse modo, Saviani (2012, p. 160) diz que a relação pedagógica entre professores/alunos é uma “condição que trava uma relação que fecunda na compreensão de ambos e no direcionamento das respostas para os problemas determinados pela prática social”.

Da relação dialética entre professores e alunos, a organização do trabalho pedagógico demanda a articulação do ensino-aprendizagem de modo a combater as falsas dualidades que se estabelecem para a organização da aula como relação social de socialização do saber escolar. Busca-se a unidade entre conteúdo e forma, tendo o primeiro como referência para a definição do meio mais apropriado de abordá-lo para sua apropriação. É a partir da seleção e organização dos conteúdos que o professor elabora seu planejamento de aula, combinando-os com objetivos que direcionam as atividades que podem alavancar o desenvolvimento dos

estudantes, associadas a recursos e instrumentos numa determinada condição objetiva de encontro, comunicação, interação e produção no espaço e no tempo de aula.

A articulação entre forma e conteúdo expressa-se na indissociabilidade entre pedagogia e didática como atividade específica do trabalho pedagógico do professor, tendo como parâmetro a aprendizagem dos estudantes. Embora tenha a prática social como ponto de partida e de chegada do ensino, a transformação qualitativa da atividade só ocorre com a mediação da teoria, que a enriquece, unindo-se a ela na elaboração da aula. A articulação permanente entre teoria e prática é central para que o trabalho pedagógico se eleve à condição de práxis social. A transformação da realidade demanda o movimento no qual, ainda que distintos esses aspectos sejam inseparáveis, definindo-se e caracterizando-se sempre um em relação ao outro. Desse modo, só é possível superar a oposição entre aluno e professor se superada a oposição entre teoria e prática, tomando-as como indissociáveis.

Assim, Saviani (2012, p. 110) comenta que “podemos compreender por que as duas tendências pedagógicas contemporâneas, tratando teoria e prática como pólos mutuamente excludentes, se enredaram num dilema do qual jamais podem sair”.

Nessa perspectiva, o professor precisa repensar o conhecimento, não somente na sua forma abstrata e conceitual, mas, sobretudo recompor como esse conhecimento se liga a vida, a cultura e as pessoas. Por esses motivos, os conteúdos escolares são culturais. Nesse sentido, o caminho de ligação da teoria à prática é possível de ser apreendido com os estudantes em suas representações sobre a teoria e, sobretudo, na sua prática. Nesse caminho, a aula só pode ser interessante, provocando interações e vínculos se tornando a prática social, inspirando os professores a organizarem seu trabalho com base na realidade e instigando os estudantes a recorrerem à teoria e ao trabalho coletivo para aprenderem.

A relação pedagógica se cria nesse movimento de encontro na aula para produzir algo que vai além do que já está desenvolvido, para a elaboração do saber, que pressupõe descoberta do novo e esforço sistemático. O descobrimento do novo é o reconhecimento de que o ser humano é sempre o vir a ser. Não há definição absoluta e eterna do ser humano, que se encontra sempre num complexo de jogos de forças que vai desde os níveis biofísicos até as cadeias sociais que conjugam sua singularidade.

Quando tudo vira rotina e cessa descoberta de si e do mundo, a aula torna-se alienante e seus vínculos também. Entretanto, a descoberta e a transformação do conhecimento e da realidade são tarefas árduas e sistemáticas. Em vista disso, há sempre algum grau de tensão na relação pedagógica porque esta pressupõe produzir rupturas com o conhecimento e com as formas de ser cotidianas e espontâneas dos estudantes.

Como o conteúdo é o objeto da mediação, nele encontram-se as possibilidades de atividade e dos recursos didático-metodológicos para favorecer a compreensão do movimento da realidade. Assim, a complexificação da realidade, por meio de interações sociais problematizadoras e dialógicas colabora, especialmente, para romper com lógicas formais e ritualizadas que dificultam para que essa relação social se faça pedagógica e, portanto, humanizada.

2.3– Relação professor/aluno: antes e durante a pandemia

A Constituição Federal do Brasil, no Artigo 205, define o conceito da educação como “direito de todos e dever do Estado e da família”. Partindo do pressuposto de que tanto os professores como pais cumprem funções e ocupam lugares diferentes, o vínculo entre família e escola se torna a principal ferramenta para desempenho na educação.

Segundo Rapopor e Sarmiento (2009), ao se tratar de aprendizagem, ela se inicia antes mesmo do ingresso da criança na escola, sendo que aprendizagem e desenvolvimento estariam interligados. No Brasil (1996) as Diretrizes Curriculares Nacionais definem a educação como princípio indispensável ao exercício da cidadania, compreendendo a influência que a escola exerce perante o desenvolvimento das pessoas.

Caraca (2017) se refere à escola como um local onde, as crianças e adolescentes convivem durante maior parte de suas vidas. Costa (2019) comenta que ambos contribuem com a construção do sentimento de pertencer ao grupo social, autonomia e a educação. Também o autor ressalta que a escola tem um papel bem mais amplo do que simplesmente passar conteúdo: ensinar exige compreensão para que a educação seja uma forma de intervenção no mundo. Freire (1996) coloca que toda prática educativa demanda a existência e como educar o sujeito, um, que ensinando, aprende, outro, que aprendendo ensina.

Segundo Costa (2019), a escola caracteriza-se como um espaço social no qual a maioria das crianças passa a maior parte do tempo. Nesse sentido, a escola fica imposta ao aluno como um modelo tradicional, relações nas quais o aluno figura como aquele que deve obedecer às regras impostas pela instituição. Ainda podemos constatar que, atualmente, uma escola que traz a idéia de organização e desenvolvimento é aquela que tem como finalidade única a preparação para o mercado de trabalho.

Espera-se que o professor busque a autonomia de determinado aluno, que esteja próximo, dinâmico e baseado na socialização. Para Jesus (2019) comenta que a relação entre o professor e o aluno não se constitui apenas a partir da transmissão do conhecimento pelo

primeiro e a absorção do conteúdo pelo segundo. O professor é, antes de tudo, um organizador do meio social.

Brait (2010) ressalta que, o impacto e a influência do professor sobre o aluno vão além dos conhecimentos e habilidades que o mesmo ensina. Por isso é preciso pensar nos efeitos não intencionais alcançados, como a aquisição de valores, atitudes, hábitos e motivação, os quais podem transformar em finalidades conscientes e intencionais, refletindo significativamente no ensino da aprendizagem para o aluno. Para Ribeiro (2006) quando o professor considera o afeto positivo na sua prática e compreende o aluno na sua complexidade e potencialidade, desenvolve uma maior habilidade para atender as demandas do aluno.

Brait (2010) coloca-se que o papel de cada um, professor e aluno, são inerentes e tidos como esperado. Mas, a relação está mergulhada numa diversidade de possibilidades interativas que, se integrarem histórias de vida com experiências e vivências, podem gerar novas possibilidades de relação, mesmo que professor e o aluno não percebam o impacto que sofrem e causam um no outro. Ao aceitar esse lugar e contribuir com o desenvolvimento dos alunos, surge a possibilidade de o professor participar da formação da identidade dos mesmos.

Tassoni (2011) ressalta que, muitas vezes, quando os alunos interagem com professores que adotam um modo de ensino que envolve o afeto positivo, aumenta a possibilidade de passarem a perceber o professor como fundamental em suas vidas e ocupando um papel de referência ou modelo de vida. Nos últimos meses fomos surpreendidos com a chegada do Coronavírus (COVID-19), uma crise sanitária que em virtude de grandes dificuldades vem sendo considerado uma pandemia.

O COVID-19 é um vírus, na qual muitas são as formas de contaminação, possui alta taxa de transmissão e um percentual assustador de letalidade. As principais medidas para se evitar a disseminação do vírus são o uso de máscara, a higienização constante das mãos, dos materiais individuais, o distanciamento social e a quarentena. Pasini (2020) diz que o distanciamento social e a quarentena têm impactado diretamente na educação, causando afastamento presencial de docentes e discentes.

Para Pasini (2020) a pandemia do COVID-19, resignificou a educação. Os afastamentos, o isolamento social, causaram uma desestruturação no sistema regular e presencial de ensino. A crise sanitária ou pandêmica está fazendo uma revolução pedagógica para o ensino presencial, sendo a mais forte desde o surgimento da tecnologia contemporânea de informação e de comunicação.

CAPÍTULO III

AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Com intuito de verificar as relações de afetividade professor/aluno e de como elas podem contribuir no processo de ensino/aprendizagem, este capítulo estará mostrando de forma resumida essa questão. Entende-se que são vários os fatores que interferem no processo da aprendizagem. Porém, dentre tantas outras emoções que a criança sente ao aprender as primeiras regras, nas quais são aplicadas depois na sociedade, ou seja, a formação cidadã advém de uma boa transição emocional.

Grande parte dos pensadores reconhece que a afetividade familiar é o berço da socialização do indivíduo, pois é através dela que são transmitidos os primeiros ensinamentos para as crianças. Por tanto, a emoção é responsável por grande parte do desenvolvimento intelectual. É nesse período que elas necessitam de maior atenção daqueles que os cercam. O vínculo na escola, é um complemento da afetividade familiar, é de uma importância para seu desenvolvimento, na percepção social. Assim, existirá uma necessidade de compreensão e dimensão afetiva entre professor/aluno influencia o processo de ensino/aprendizagem é o que justifica este trabalho.

3.1 – A questão da afetividade

Haydt (2011) comenta que é durante o convívio entre educador e educando ou entre colegas, ou seja, é nesses momentos de interação, e nos instantes vividos que é compartilhado, o domínio afetivo de união nas esferas cognitiva com o aluno, onde age de forma integral e normal, como realmente tem que ser como um todo.

Em relação a cada um, apesar de que seja possível considerar um conjunto de condições, como a motivação, auto-estima do aluno e o envolvimento dos pais, entre outros, cabe a qualidade do ensino ministrado que fará a diferença. Correia e Martins, (2005) comentam que a serenidade, o apoio e a afetividade entre educador/educando, além do encorajamento e habilidades prestados pelo professor farão com certeza os impulsionadores do sucesso escolar para esse aluno, assim abrindo-lhe novas perspectivas para um futuro.

Para Saviani, (2012) é importante e essencial que o professor demonstre interesses em seus alunos, que queira apresentá-los. A percepção do aluno é fundamental para estabelecer laços de fraternidade e amizade com o professor. Fraternidade e amizade são essenciais para que sejam alcançados os objetivos da educação.

O educador deve fertilizar comum a atividade de justiça e tratamento igualitário para com seus educandos, com relação à atenção, respeito e consideração para com os mesmos, independentemente das condições sociais e econômicas de cada. Com isso, Braga (2010) coloca que realmente apresentá-los de maneira igual, conforme as diferenças individuais, levando em conta a inteligência, timidez, temperamento, formação e as aspirações.

Apesar de sabermos que a auto estima representa uma necessidade psicológica constante, ela se expõe de formas diferentes nas diversas idades. Não o bastante, mas é preciso que fique claro que um sujeito, ao alcançar a possibilidade de exercer a autonomia, não é necessariamente torna-se autônomo em todas as situações da vida. Saviani (2012) comenta que nos contextos sociais afetivos que está inserido a autonomia pode contribuir ou mesmo impedir a ação.

Haydt (2011) diz que o professor tem um papel importante a desenvolver além da tarefa de orientar e incentivar os alunos durante as suas aulas, ajudando a transformar a curiosidade do sujeito existente em cada um – a vontade de descobrir o novo – em um esforço cognitivo e a passar do conhecimento confuso, fragmentado, a um saber organizado e preciso.

Sabe-se que o fator aprendizagem é um processo complexo e determinante, em que inúmeros fatores estão envolvidos na vida dos alunos: aproximação entre aluno/professor, aluno/família, organização, metodologias, estratégias, recursos motivacionais como a auto estima. Segundo Deese (2005, p. 209) “diferentes níveis de motivação provocam efeitos na quantidade de aprendizagem”.

Desta forma, o aprendizado do aluno não é uma responsabilidade somente dele, mas está conectada a fatores, como a, motivação, a assistência do professor nas dificuldades apresentadas de acordo com as especificidades dos alunos. Quando existe de fato o ajuste entre professor e aluno, a aprendizagem acontece de forma progressiva, contínua e significativa.

3.2 – O respeito e a compreensão entre educadores e educandos

A formação de crianças, adolescentes e jovens se dá através da participação no conjunto de conexões que compõe as ações da sociedade. É convivendo com pessoas adultas com experiência de vida, que os indivíduos adquirem novos conhecimentos, criam novas práticas e atitudes conforme seu convívio social e cultural. Da mesma forma se dá na relação professor e aluno, e na relação aluno com aluno. Conforme Haidt (2011) é no âmbito da sala de aula, no cotidiano com o professor e seus colegas, que o aluno vai aos poucos praticando hábitos, desenvolvendo atitudes, assimilando valores. A interação social assume então um

papel importante na aprendizagem, como um todo. De acordo com Garnier (1996), comenta que:

O ensino é essencialmente um fenômeno social. [...] Interações sociais ganham espaço dentro da aula entre os sujeitos (aluno e professor, alunos entre si) que têm expectativas mútuas e interpretam as mensagens transmitidas pelo outro, através de um certo processo de negociação. (Garnier, 1996, p. 48),

Nesse ponto de vista, nota-se que a escola além de ser o centro do saber onde são executadas as disciplinas, conteúdos programáticos, torna-se automaticamente um local de encontros primordiais, da vivência das relações humanas, onde são repassados valores e princípios éticos e morais.

A premissa do conhecimento é um processo de relação em que é um ponto primordial desse método de relação que vai se constituir entre professor/aluno. O mesmo sozinho não constrói o seu conhecimento, por mais que ele seja autodidata. Mas, conforme Haydt (2011), diz que:

Através desse processo interativo, assimila e constrói conhecimentos, valores, crenças, adquire hábitos, formas de se expressar, sentir e ver mundo, forma idéias, conceitos, [...] desenvolve e assume atitudes, modificando e ampliando suas estruturas mentais. (Haydt, 2011, p. 58).

Percebe-se, que deste método e com habilidade, o professor acaba sendo atingido nessa relação de aprendizagem com os alunos e na medida em que é compreendido é percebida a desenvoltura dos mesmos. Assim, dessa forma pode haver comportamentos, em refazer e confirmar as opiniões, desfazendo preconceitos e mudando atitudes. Saviani (2012) comenta que nesse processo de relação é que se implanta o diálogo entre docentes e discentes. De um lado o mestre com sua experiência transmitindo da forma mais agradável as metodologias que facilitará a aprendizagem. O outro lado está o aluno com seu saber ainda disperso, porém com os valores socioculturais bem definidos do grupo no qual é integrante e com muita perspectiva em relação à escola e a vida.

É através do intercâmbio entre educador/educando que é estabelecido o diálogo que facilita o aprendizado deles, assim como, será bastante benéfico para ambos. De acordo Haydt (2011), é por meio do diálogo professor e alunos que juntos constroem o conhecimento, chegando a uma síntese do saber de cada um.

Desta forma, o respeito e a reciprocidade são bastante expressivos, uma vez que o professor estima seu aluno e ensina a respeitar e a construir um bom relacionamento, e proporcionando assim um bom relacionamento na classe, o que facilitará o seu convívio constante para a aprendizagem.

3.3 – Fatores que interferem no bom relacionamento entre educador/educando

Hoje a escola tem um papel importantíssimo na formação do caráter do aluno, portanto, as experiências e os conhecimentos vivenciados pelos alunos têm um significado muito importante para o desenvolvimento do intelecto. E o professor tem uma participação singular nesse contexto educativo. Segundo Almeida (2009) a criança, quando tem contato com o ambiente escolar, já leva consigo os conhecimentos do início da sua vida afetiva. Tal aspecto exige habilidade para conviver coma perfeição, interagindo de maneira significativa sobre a atividade e o conhecimento.

A experiência que a criança trás de casa do berço familiar, ou na comunidade que se vive, vai aprendendo e obtendo experiências que promovem o seu desenvolvimento constante. De acordo segundo Almeida (2009, p.15), “a falta de experiência em administrar as imprevisíveis crises emocionais provoca desgaste físico e psicológico no professor”.

Wallon (2007) é notável que os movimentos e expressões da natureza afetiva podem e geram emoções e resultados. Muitas das vezes as reações e condutas dos alunos são interpretadas como esquecimento. Nessa conjuntura, para Almeida (2009), relação professor/aluno, pode-se destacar a necessidade de que o professor saiba lidar com as emoções e crises emotivas dos mesmos, podendo destas formas, gerarem redução ou multiplicação das explosões elevadas. Em algum momento tem que está em harmonia pra não cair na tolerância, uma vez que existem alunos que são muito indisciplinados, atrapalham as aulas, não estudam e não deixam os colegas estudarem. Os professores, muitas das vezes, não sabem lidar com essas situações emotivas intelectual.

Nesse contexto, percebe-se o quanto é importante o posicionamento do professor diante das reações emocionais dos alunos, além de considerar que a escola desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cordial com o educando.

Desse modo, Vasconcellos (2006) comenta que uma preocupação crescente, trata-se da indisciplina na sala de aula, visto que, pesquisas pedagógicas têm mostrado o quanto se perde de tempo em sala de aula com questões de disciplina, em detrimento da interação do aluno com o conhecimento e com a realidade.

Geralmente quando os alunos pronunciam o porquê da opção do professor, eles destacam os fatores determinantes. Nessa circunstância, de acordo com Cunha (2004, p. 151), “as dádivas e os valores do professor que consegue estabelecer laços de afetos com os seus alunos repetem-se na forma como ele trata o conteúdo e na habilidade de ensinar e desenvolver”. A relação do professor com o aluno, por ser de natureza divergente proporciona maiores possibilidades de se desenvolver. Essas oposições que provem dessa relação desigual desempenham um papel significativo na personalidade do ser humano, conseqüentemente, devem ser abordados com muita seriedade.

3.4– Afetividade no processo de aprendizagem

Torna-se presente em sentimentos, desejos, interesses, tendências, valores e sensações, ou seja, engloba toda a área de vida. Portanto a afetividade está presente na escola, na sala de aula, na relação professor com o aluno, ou seja, em todas as dimensões da vida das pessoas. Encontra-se na escola, especificamente na sala de aula, as relações interpessoais, sejam estas boas ou não. O professor além de só ensinar o conteúdo propriamente dito, mas sim o respeito, carinho, a atenção que um deve ter com o outro. O gosto por aprender, não surge naturalmente, para isso é preciso ter empatia, interesse pela disciplina. O papel do professor está não só em passar conteúdos, mas também em ensinar as boas relações dentro da sala de aula, dentro da escola.

Pois toda a criança é um ser único e tem seu jeito de pensar e agir, por isso é necessário que a relação professor-aluno seja prazerosa, para que assim ocorra uma aprendizagem mais satisfatória. Isso irá acontecer mais intensamente se a afetividade estiver incluída nessa relação, porque a mesma está presente em todas as esferas de nossa vida, no trabalho, no lazer e principalmente na escola, pois é no ambiente escolar aonde ocorre a aprendizagem mais específica do conhecimento de nossas crianças. Por isso, o ambiente escolar como base no processo ensino-aprendizagem do aluno pode e deve favorecer ao educando a afetividade em todos os aspectos cognitivos, levando o indivíduo a sua auto-realização e crescimento. (Sarnoski, 2014, p. 2).

A educação é um dos principais processos na formação do indivíduo. A criança em seu ambiente familiar, na escola, em qualquer outro lugar, vai se modelando como ser humano através das experiências vivenciadas no meio em que está inserida. É preciso que o aluno sinta anseio em aprender, e que encontre motivação, é aí que o professor se torna

primordial, como mediador nesse processo de aprendizagem e motivação em aprender. Estimulando a criatividade da criança, a sua imaginação, o pensar crítico. A aprendizagem de cada criança é individual, acontece de acordo com a dinâmica dela, cada uma tem seu ritmo de aprendizagem. A afetividade e a inteligência vão acontecendo de acordo com o seu desenvolvimento, sendo construídas e modificadas de um período a outro.

A afetividade na aprendizagem abrange vários aspectos individuais da criança, como também aspectos sociais, ou seja, além da individualidade dela, o ambiente em que essa criança está inserida, irá contribuir também para a formação da sua personalidade.

O aprendizado ocorre inicialmente no meio familiar e depois no social e na escola. A singularidade da criança, ou seja, a formação da sua personalidade começa a ser percebida por seus pais por meio do seu comportamento, das suas características pessoais. E quando ela começa o seu contato externo seja em outro ambiente ou na escola, ela vai demonstrando o conhecimento já adquirido no meio familiar e o potencial que ela carrega para ser desenvolvido com a ajuda de outro adulto, ou seja, o professor.

3.5 – Relação professor – aluno

É importante frisar que na relação professor e aluno exista o afeto, o respeito, o diálogo, e a parceria. Que a relação entre ambos seja mantida e fortalecida a cada dia. É através do diálogo, da compreensão, do entendimento do papel de cada um, que essa relação se torna significativa. Pois, nos dias de hoje, uma época marcada pelo individualismo e a competição entre as pessoas, afasta a relação afetiva entre os mesmos. É preciso entender como acontece na escola, na sala de aula, a relação afetiva entre professor e aluno. E que a afetividade propõe sentimentos, emoções, que trabalhados em sala de aula irá permitir que a aprendizagem aconteça de maneira significativa para o aluno. Ambos os professores e alunos aprendem um com o outro, como também um ensina ao outro.

Ao aproximar-se da figura de alguns professores, percebe-se que muitos, baseados no senso comum, acreditam que ser professor é apropriar-se de um conteúdo e apresentá-lo aos alunos em sala de aula. É preciso mudar essa realidade. É necessário para que uma nova relação entre professores e alunos comece a existir dentro das escolas. Para tanto, é preciso compreender que a tarefa docente tem um papel social e político insubstituível, e que no momento atual, embora muitos fatores não contribuam para essa compreensão, o professor necessita assumir uma postura crítica em relação a sua atuação recuperando a essência do ser “educador”. E para o professor entender o real

significado de seu trabalho, é necessário que saiba um pouco mais sobre sua identidade e a história de sua profissão. (Lopes, 2009, p.3).

É importante se pensar na formação dos professores, pois eles nunca estão prontos, devem estar sempre em busca de estudos, assim estarão em condições de analisar os contextos históricos, sociais, onde ocorrem as atividades docentes, o que dará subsídios a eles de intervir na realidade e transformá-la.

Em todo processo de obtenção de conhecimento existe a interação, as relações afetivas. Com uma grande importância na escola a interação do professor com o aluno para que o aprendizado seja significativo. O professor no papel de mediador desenvolve um elo com o aluno resultando em uma prática educativa eficiente.

A ideia de interação social e de mediação é ponto central do processo educativo. Pois para o autor, esses dois elementos estão intimamente relacionados ao processo de constituição e desenvolvimento dos sujeitos. A atuação do professor é de suma importância já que ele exerce o papel de mediador da aprendizagem do aluno. Certamente é muito importante para o aluno a qualidade de mediação exercida pelo professor, pois desse processo dependerão os avanços e as conquistas do aluno em relação à aprendizagem na escola. Organizar uma prática escolar, considerando esses pressupostos, é sem dúvida, conceber o aluno um sujeito em constante construção e transformação que, a partir das interações, tornarse-á capaz de agir e intervir no mundo, conferindo novos significados para a história dos homens. (Vygotsky apud Lopes, 2009, p.5).

Na escola acontecem trocas de conhecimentos, de diálogo, sintonia, envolvimento e de relações interpessoais. Sendo assim, as emoções, os sentimentos estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Cabe ao professor na função de mediador direcionar as relações de um modo natural. É a boa relação desenvolvida pelo professor com seus alunos que irá garantir uma aprendizagem significativa. O ser humano ao longo de sua existência constrói seu modo de se relacionar com o outro, embasado em suas experiências. As relações que existem em uma sala de aula, são bastante diversificadas, pois cada aluno possui seus valores, crenças e cultura. Numa sala de aula temos pensamentos e culturas diferentes. Cada um com seu ponto de vista, com níveis intelectuais diferentes.

Na teoria de Vygotsky diz que:

(...) é importante perceber como o aluno se constitui na relação com o outro, a escola é um local privilegiado em reunir grupos bem diferenciados a serem trabalhados. Essa realidade acaba contribuindo para que, no conjunto de tantas vozes, as singularidades de cada aluno sejam respeitadas. (Vygotsky apud Lopes, 2009, p.5).

O ato de educar é sustentado pelas relações interpessoais entre o professor e seus alunos, e deve ser feito com afeto, respeito, diálogo e com parceria. O ambiente escolar, segundo Kieckhoefel (2011, p.534), a “afetividade e aprendizagem são indissociáveis, intimamente ligadas e influenciadas pela socialização”. Sendo necessário torna-se próximo do aluno, dando atenção, carinho, o educador deve buscar ouvir o seu aluno e valorizá-lo, tudo isso é indispensável para a aprendizagem deste aluno. É através das emoções que o aluno expressa seus desejos e vontades.

Segundo a Kieckhoefel (2011), a relação professora/aluno é o estímulo para que se concretize a aprendizagem. É significativa uma boa relação entre ambos, considerando que se aprendem melhor quando há sentimento envolvido, interação para desenvolver a comunicação, o respeito, as relações de amizade e de afetividade, por isso a aprendizagem ocorre de maneira prazerosa e bastante significativa. Sabemos da grande importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem. Pois esta traz para a sala de aula, como também para toda a escola um ambiente agradável, respeitoso e saudável.

Dessa forma a criança sente uma boa receptividade por parte do professor, sentindo-se bem acolhida, mantendo-se um laço afetivo, e terá seu desenvolvimento integral, sua aprendizagem fluirá de maneira significativa, sendo assim fator preponderante na dinâmica do ensinar aprender.

As emoções estão presentes quando se busca conhecer, quando se estabelece relações com objetos físicos, concepções de outros indivíduos. Afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em qualquer atividade, embora em proporções variáveis. A afetividade e a inteligência se estruturam nas ações e pelas ações dos indivíduos. O afeto pode, assim, ser entendido como uma energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar. E mais: ele influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento, pois quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade. (Davis e Oliveira apud Kieckhoefel 2011, p.2537).

Um professor que compreende e valoriza a existência da afetividade no vínculo de aprendizagem, tem maiores possibilidades de se tornar um profissional inesquecível para seus

alunos, seja pelos saberes que professa, seja pelo exemplo que é. Enquanto professor e aluno estiverem envolvidos emocionalmente e afetivamente, as relações de ensino e aprendizagem serão prazerosas e terão significado positivas.

No ambiente escolar, o professor tem que ser equilibrado emocionalmente, além de dar atenção ao aluno, deve se aproximar, elogiar, saber ouvir e reconhecer seu valor, acreditando na sua capacidade de aprender e de ser uma pessoa melhor. Essas ações favorecem a afetividade no aluno. O professor proporciona segurança e respeito, na forma de expressar seus sentimentos. O carinho e a atenção é parte da trajetória na construção da aprendizagem mútua, sendo apenas o começo do caminho a ser percorrido pelo aluno no período de escolarização. (Pereira e Gonçalves apud Kieckhoefel2011, p. 2541).

O professor tem que fazer do ambiente escolar algo prazeroso, que atraia o aluno, e isso só é possível quando existe a afetividade nas relações. Assim, o aluno se torna motivado, disposto a aprender. O professor não é o possuidor do saber, mas é a pessoa que compartilha com o aluno os conhecimentos. Quando se tem prazer no ato de ensinar e no ato de aprender, se tem auto estima elevada, se tem comprometimento e responsabilidade. No andar lado a lado professor e aluno buscando juntos o saber, porque aí não há quem somente ensina, ou quem somente aprende, a ação é conjunta, o fazer é compartilhado.

CAPÍTULO IV

SALA DE AULA: ESPAÇO VIVENCIAL DE AFETO E DESENVOLVIMENTO HUMANO

No ambiente escolar a sala de aula se torna um espaço rico e diversificado, um lugar de encontro, em que acontecem interações, aprendizado e vivências de toda ordem. As pessoas que fazem parte desse espaço de desenvolvimento trazem consigo saberes que os constituem como sujeitos de sua história. Espera-se que o professor, como o gestor desses lócus, cuide da qualidade dos vínculos que serão estabelecidos e da aprendizagem dos alunos.

4.1– Sala de aula: espaço vivencial de afeto e desenvolvimento humano

A sala de aula agrega ao aluno diversas fases para seu desenvolvimento, um lugar de encontro em que acontecem interações, aprendizado e vivências de toda ordem. As pessoas que fazem parte desse espaço de desenvolvimento trazem consigo saberes que os constituem como sujeitos de sua história. Espera-se que o professor, como o gestor desses lócus, cuide da qualidade dos vínculos que serão estabelecidos e da aprendizagem dos alunos.

Tardif e Lessard (2007, p. 249) nos lembram de que o trabalho do professor é essencialmente interativo. “Do ponto de vista da comunicação, ensinar não é, tanto, fazer alguma coisa, mais fazer com que alguém faça algo significativo”.

Comprendemos que qualquer que seja o trabalho do qual façam parte pessoas, fica implícito que algum tipo de comunicação irá existir. A comunicação que será estabelecida irá depender das pessoas que fazem parte das interações que ali acontecem. A partir das interações, os vínculos irão se formar e se constituirá, portanto, uma teia de relações vivenciadas independente da vontade de quem participa.

O vínculo se constitui a partir do que se vê e do que se sente num processo de afetação constante, influenciando toda a comunicação e, conseqüentemente, todo o processo de aprendizagem. De acordo com Pichon Rivière (1995, p. 24), o vínculo “é o método específico pelo qual cada indivíduo se relaciona com outro ou outros, originando uma estrutura particular a cada caso e a cada momento”.

O lugar onde o professor trabalha se constitui de uma realidade complexa, em que existem inúmeras variáveis a serem controladas para que a sua atividade aconteça. O ambiente escolar é ao mesmo tempo formal e informal, na medida em que o professor interage com seus alunos, ele vai se dando conta de quantos fatores necessita conhecer para

que a sua atividade se realize. O docente precisa considerar a sua personalidade e a de seus alunos, a cultura escolar em que está inserido e os imprevistos que acontecem no cotidiano para que a tarefa maior, que é a aprendizagem, possa acontecer.

O trabalho desenvolvido pelo docente é diversificado e construído a cada instante e, portanto, revestido de dinamismo, exigindo do professor uma postura flexível e intuitiva. Dessa forma, percebe-se que são muitas as habilidades que o docente deve ter para agir e reagir num espaço dinâmico e vivencial que é o chão da sala de aula. Embora a tarefa do docente tenha como objetivo o coletivo, ele também trabalha com o individual, e o seu papel não se limita a ensinar, e sim, antes disso, ele é responsável pela socialização do grupo e pelo interesse e aprendizagem dos alunos.

4.2– Interação e formação de vínculos: um caminhar lado a lado

A aproximação entre professor e aluno é permeada de representações que cada um tem de si e das diferenças entre as pessoas naquele ambiente. O sucesso dessa relação depende em primeiro lugar do reconhecimento dessas diferenças. A grande importância da criação de um espaço de troca em condições favoráveis para professor e aluno não se restringe apenas ao desenvolvimento cognitivo do aluno, mas também à vinculação do grupo, professor e alunos numa relação dialética se transformando na medida em que os vínculos acontecem. Como diz Rivière que:

O sujeito estabelece uma relação dialética com o mundo e transforma as coisas, de coisas em si em coisas para si. Através de umas práxis permanentes, na medida em que ele se modifica, modifica o mundo, em um movimento de permanente espiral (Rivière, 1995, p. 140).

Contreras (2002) considera a autonomia como um fator importante para a atividade do professor. No entanto, ao abordar tal conceito, o autor assinala que, mesmo parecendo paradoxal, a autonomia do professor é insuficiente, e ele precisa do outro para se desenvolver como profissional e como pessoa. O autor sugere o autoconhecimento, advertindo que autonomia não pode ser reduzida à racionalidade e desconectada das dimensões vitais do ser humano.

A consciência de que temos compreensões e respostas parciais em relação a qual deva ser o sentido educativo da prática, bem como a sensibilidade diante das dimensões não compreendidas da vida humana, deveriam dividir nosso olhar tanto para fora, como

para nós mesmos, para o nosso interior. Nesse sentido, descobrir a parcialidade ou sensibilizar-nos diante de dimensões da vida humana que não se deixam reduzir a uma compreensão puramente racional ou ideologicamente correta pode ser uma tarefa de descoberta e sensibilização interior, de nosso próprio ser social. (Contreras, 2002, pp. 207-208).

Para que haja um bom desenvolvimento pedagógico é preciso que cada um reconheça o outro, e que tenha a liberdade de se expressar, ensinar e aprender. Freire, (2007, p. 23) comenta que “Não há professor sem aluno, as duas se explicam ou se completam, apesar das diferenças, não se reduzem à condição um do outro”.

É importante frisar que o professor tem um ofício, um papel a cumprir e que os seus saberes são de grande importância para os alunos. No entanto, ensinar exige uma ética para desenvolver um bom trabalho.

De acordo com Terezinha Rios (2002, p. 91), ao abordar sobre a dimensão ética da aula, “aula não é algo que se dá”, mas sim que é construída junto com o aluno numa prática dialógica, respeitando as diferenças de cada um e assumindo um caminho de envolvimento e espontaneidade, articulando os saberes ao momento em que a aula acontece, “descobrimo, redescobrimo, errando, acertando, rindo e chorando, aprendendo, desaprendendo, reaprendendo, ensinando, ‘desensinando’, ‘reensinando”.

Conforme afirmam Tardif e Lessard (2007, pp. 267-268), o trabalho do professor estar diretamente ligado no seu eu, como pessoa, empenhando-se por inteiro, propicio a cometer todos os erros e acertos, e ainda complementam que o seu serviço é constituído do componente emocional. “Quando se ensina não se pode deixar sua personalidade no vestuário, nem o espírito no escritório, nem sua afetividade em casa. Pelo contrário, esses fenômenos são elementos intrínsecos ao processo do trabalho”.

Diante dessa realidade, podemos compreender o quanto é complexa a natureza do trabalho docente, pois se refere a um trabalho intelectual e ao mesmo tempo emocional, uma vez que na relação com seus alunos se faz necessário que o professor se envolva cuidando de pessoas e que o seu envolvimento nessa interação é tão relevante quanto os saberes científicos e políticos que é necessário dominar para ser um bom educador. Schettini filho(2010, p. 19) comenta que “Na escola não ensinamos a alunos, mas a pessoas no seu contexto de singularidades”.

É importante pensar numa relação professor-aluno para além dos conteúdos programáticos e que valorize o sentir, criando uma comunicação autêntica, sem negar as

emoções. A sala de aula, vista como um lócus de desenvolvimento humano, pode favorecer a construção de um clima de satisfação mútua. A comunicação propicia a interação, a qual não se refere apenas à troca de idéias, de informações, mas também de emoções e sentimentos e ao próprio desenvolvimento dos sujeitos que fazem parte dessa comunicação. A respeito disso, Tacca afirma que:

A comunicação na relação professor-aluno, como bem sabemos, não é isenta de intenções; ela ultrapassa os objetivos imediatos de aprendizagem (conteúdos, por exemplo) e vem carregada de valor simbólico e afetivo que apóia o aluno no seu processo de aprender os conteúdos culturais, mas, sobretudo, apoiando-o a ser, ou seja, a constituir-se em sua subjetividade. (Tacca, 2005, p. 218).

Compreender a relação professor e aluno é levar em conta as singularidades. A ação dos professores e alunos na escola revela suas histórias de vida e a forma como eles se comunicam traduz experiências de sua subjetividade social e individual que se constitui durante toda a sua existência.

4.3– A interferência da subjetividade na relação docente-discente

O ambiente escolar especificamente a sala de aula não se prende somente ao conceito de ensinar e aprender, contudo ela se torna um local para o desenvolvimento da subjetividade, onde se forma uma estrutura de relações, num processo constante de se fazer sujeito individual e social. Para Gonzáles Rey (2005), a subjetividade se constrói com e para a sociedade. O autor cria o conceito de subjetividade social, e critica a idéia de psicólogos que consideram a subjetividade um fenômeno individual. Ele afirma que a psique se constitui a partir dos sentidos e significados que o sujeito atribui às suas experiências sociais resultantes das interações com o outro em todos os espaços sociais. Portanto, a escola como espaço de subjetividade social tem um papel importante na constituição da psique. A história de todos que fazem parte do contexto escolar influencia e está invariavelmente influenciada pela vida social de cada sujeito, num processo dinâmico e dialético.

[...] Na subjetividade social da escola, além dos elementos de sentido de natureza interativa gerados no espaço escolar, se integram à constituição subjetiva deste espaço elementos de sentido procedentes de outras regiões da subjetividade social, como podem ser elementos de gênero, de posição socioeconômica, de raças, costumes,

familiares etc., que se integram com os elementos imediatos dos processos atuais da escola. (González Rey, 2005, p. 203).

Nos estudos realizados pelas autoras Nunes e Silveira (2008) sobre Vygotsky, elas expõem as idéias defendidas pelo autor sobre o social que vem ser imprescindível para o desenvolvimento humano. De acordo com o Vygotsky, a criança nasce num contexto histórico e social, e na medida em que vai interagindo com os adultos, ela estabelece espontaneamente contatos com os mesmos, favorecendo assim a constituição do seu psiquismo. O autor nos deixa claro sobre a importância do outro como mediador para o desenvolvimento do sujeito. Dessa forma, o ambiente cultural propicia experiências e aprendizagens que farão parte do mundo de significados que cada sujeito irá assimilar de maneira ativa interagindo com os demais. Para Nunes e Silveira (2008, p. 100) “Pensar o desenvolvimento humano em Vygotsky é impossível sem a dimensão do outro, do intercâmbio social, da interferência do meio, bem como das situações de aprendizagem que se efetivam e fazem o desenvolvimento avançar”.

Seguindo essa mesma percepção, Maturana e Varela (1995) acrescentam que construímos os nossos significados na relação com o outro, e, portanto, somos seres geneticamente sociais, criando e recriando a nossa história e a história do mundo. Como assinalam os autores, não só vivemos no mundo, mas interagimos e construímos o nosso conhecimento no mundo e com o mundo; somos, portanto, parte dele, influenciados a todo o momento por tudo que acontece, não de maneira passiva, mas num processo de aprendizagem contínua. Ao mesmo tempo em que o ser humano é autônomo, depende dos outros para viver. A partir da sua teoria do conhecimento, os autores criaram uma concepção de alteridade, a qual chama de biologia do amor.

Conforme Moraes (2003, p. 50), em sua obra denominada “Educar na Biologia do Amor e da Solidariedade” a autora expõe que o aprendizado é um ato de transformação no convívio, e que tudo está relacionado numa grande teia, que ela chama de teia da vida. Na visão da autora, “viver é aprender a se relacionar. É compreender a dinâmica do relacionamento que só ocorre na dinâmica do compromisso com o outro, conosco mesmo e com a própria vida”.

Essa nova dimensão educativa nos faz pensar numa relação professor/aluno construída em parceria e repleta de sentido, em que os conhecimentos que são transmitidos aos alunos deverão ser articulados com a realidade sendo vivenciados num ambiente emocional

favorável, criativo, em que possam ser transformadas a todo tempo as relações intra e interpessoais.

É necessário o reconhecimento de que, durante a aula, no período em que o professor executa suas atividades, acontece uma seqüência de ações e reações desencadeando emoções uma atrás da outra. Sabemos que controlar as emoções não é uma tarefa fácil, no entanto, não é algo imutável, e as mesmas podem ser conhecidas e transformadas na medida em que cada sujeito perceba as interferências das emoções em suas vidas, e como elas podem definir a qualidade de suas ações.

Para Monte-Serrat (2007, p. 59), “capacitar os professores a educar suas próprias emoções, assim como a de seus alunos, poderá ser mais útil que muito conteúdo técnico sem aplicação prática na vida cotidiana de seus alunos”.

Como aponta Farias (2007, p. 162) entende que “o ato de ensinar envolve uma ‘prática emocional’. É ela que dá o ‘tom’ à rede de relações sociais engendradas no interior da escola, servindo tanto para cativar e incentivar as pessoas quanto para afastá-las e desestimulá-las”. Segundo a autora:

[...] Cabe ao professor, como mediador de grande parte dessas relações, dominar suas emoções e o modo de expressá-las. Isto porque aquilo que o professor faz, diz ou deixa transparecer através de atitudes, gestos ou expressões corporais, afeta substancialmente as relações que permeiam a interação de professores e alunos, professores e pais, professores e representantes da administração escolar e entre eles próprios. (Farias, 2007, pp. 162-163).

Através da experiência como educador, podemos observar situações em que para alguns professores passam despercebidas como reconhecer e gerenciar as suas emoções quando se encontravam diante de uma situação em sala de aula inesperada ou conflituosa. Agiam com rigidez, até mesmo desqualificando o aluno, num ato de punição, com intuito de resgatar o respeito a partir dessas posturas. A situação descrita nos fazia pensar sobre como o professor se sentia naquele instante, e se ele conseguia perceber como ficava a turma diante daquele tipo de relação.

É necessário reconhecer que essa atitude demonstra uma postura com características conservadoras e que ignora as diferenças existentes em sala de aula, numa padronização e controle dos alunos, tendo como objetivo apenas cumprir a tarefa que, segundo alguns

professores, é apenas repassar conteúdo. Essa é uma relação conhecida como unilateral, em que o papel do professor é apenas ensinar e o aluno aprender.

Nesse modelo de relação, a conexão entre professor e aluno é sujeito à obediência, não dando espaço para a individualidade do aluno e muito menos para uma relação de afetividade. O autor Paulo Freire em um de seus textos cita uma interação professor/aluno em que seja possível uma vivência de afetividade sem que seja necessário prejudicar o rigor do trabalho do professor.

Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos [...]. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele. (Freire, 2007, p. 141).

As atitudes inadequadas do aluno influenciam na postura autoritária do professor, muitas vezes essa indisciplina resulta em atitudes que causa prejuízos para ambos. Ao abordar o tema da indisciplina, Oliveira (2005) afirma que esse é um dos temas mais recorrentes na escola, considerado como um comportamento antissocial e como um grande desafio a ser enfrentado pelos professores.

Essa problemática se estende por muitas escolas, independente da classe social ou nível de ensino e que leva os professores muitas vezes tomar atitudes antidemocráticas por não saberem o que fazer. Oliveira (2005, p. 21) comenta que “A indisciplina continua cada vez mais presente na vida da escola e os educadores não sabem como lidar com ela”.

A conexão professor/aluno, de acordo com Julio Groppa (1996) é o determinante para compreender a causa da indisciplina na escola, visto que é nela que estão os causadores, ou agentes institucionais dessas problemáticas chamados indisciplina. Assim para Aquino (1996, p. 50) diz que “A saída possível está no coração mesmo da relação professor-aluno, isto é, nos vínculos cotidianos e, principalmente, na maneira com que nos posicionamos perante o nosso outro complementar”.

Em um estudo realizado por Rego (1996) a respeito da indisciplina no ponto de vista Vigotskiana. A autora relembra que na visão de Vygotsky, onde ele diz que é através do aprendizado e da presença do outro que desenvolvemos as nossas características psicológicas, como, por exemplo, atitudes e posturas. Portanto, a família, a escola e a sociedade têm um

papel importante no desenvolvimento do sujeito. Dessa forma, o comportamento indisciplinado depende de uma multiplicidade de fatores, e não podemos considerar como um comportamento “natural” do aluno. Partindo dessa idéia, a escola, assim como a família, passa a ter uma tarefa importante no desenvolvimento de valores (solidariedade, cooperação, respeito) para a construção de uma conduta cidadã. Diz a autora:

Os postulados de Vygotsky permitem que analisemos o fenômeno da (in) disciplina num quadro mais amplo e menos fragmentário do que o geralmente difundido nos meios educacionais, pois inspira uma visão abrangente, integrada e dialética dos diferentes fatores que atuam na formação do comportamento e desenvolvimento individual. (Rego, 1996, p. 95).

Não entraremos numa discussão mais detalhada em relação as concepções de indisciplina na escola, já que esse é um tema muito complexo e não é foco dos nossos estudos; no entanto, sabemos que, ao analisar a relação do professor com aluno, não podemos deixar de lado o estudo mesmo que restrito sobre a indisciplina. Compreendemos que o tema recebe influência direta das tendências pedagógicas que foram sendo construídas ao longo da história da educação do nosso país, como também das transformações sócio-políticas. Muitas vezes, a indisciplina é associada a problemas familiares e psicológicos do aluno. Consideramos que essa problemática deve ser avaliada em cada contexto em que acontece, e que professores e gestores devam se implicar na busca de soluções.

Não dispomos da intenção em adotar um olhar simplista para resolver o problema da indisciplina; no entanto, supomos que o professor possa, na interação com seus alunos, tomar algumas medidas que podem reduzir o problema, como por exemplo: ser receptivo e comprometido com seu aluno, criar um clima que propicie o diálogo e a expressão de dificuldades e emoções, o respeito e a valorização de cada um.

Nesse modo, os conflitos estão propensos a se tornarem potencialmente amenizados e a aula poderá fluir. Esse tipo de interação que estamos chamando de relação afetiva. Fica claro como o trabalho do professor é desafiador, na medida em que ele é um referencial para os seus alunos, e ainda responsável pela superação dos obstáculos e conflitos que surgem na relação com os discentes. É importante lembrar que o aluno também precisa sentir-se responsável no estabelecimento de uma relação harmoniosa com os colegas e professores.

Existem elementos que interferem no processo de vinculação entre professor e alunos que são turmas lotadas e professores com sobrecarga de trabalho. Parece ser vital ao processo

pedagógico uma interação com diálogo e empatia, possibilitando trocas e valorizando o crescimento de cada um, para que assim seja possível a construção de vínculos positivos.

Paulo Freire (2007) em sua perspectiva nos fala que, apesar dos baixos salários dos professores, esses profissionais são chamados a desempenhar seu trabalho com alegria e rigor, sem esquecer-se da luta política por seus direitos e de sua formação científica. O autor ainda complementa que o trabalho do educador é com gente, e que ensinar exige querer bem aos educandos.

PARTE III

ESTUDOS EMPÍRICOS

CAPÍTULO V

METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

Neste Capítulo estaremos abordados de forma contextual e planejada os métodos científicos, que nos proporcionou a realizar a pesquisa baseada nas coletas de dados nas escolas selecionadas com de um minucioso campo de investigação sobre o tema, de modo que os resultados foram almeçados de forma consistente em referentes os objetivos.

5.1 – Introdução

Este capítulo tem como objetivo apresentar a metodologia adotada para a condução desta pesquisa, a qual visa aprofundar nosso entendimento sobre a relação professor-aluno e a afetividade no contexto das escolas públicas de Presidente Sarney, Maranhão. Para alcançar os objetivos propostos, é crucial adotar uma metodologia robusta e adequada, que permita a coleta de dados relevantes e a análise adequada dos mesmos.

Como afirmou Cohen, Manion e Morrison (2018, p. 34), “a escolha de uma metodologia de pesquisa apropriada é fundamental para o sucesso de qualquer estudo.” Portanto, a seleção da metodologia deve ser criteriosa, considerando as características específicas do objeto de estudo e os objetivos da pesquisa.

Neste capítulo, foram abordados os seguintes tópicos:

- a) Desenho de pesquisa;
- b) População e amostra;
- c) Coleta de dados;
- d) Análise de dados.

Desenho de Pesquisa–Para alcançar nossos objetivos, optamos por adotar um desenho de pesquisa mista, que combinou nas abordagens qualitativas e quantitativas. Esta abordagem nos permitiu obter uma visão mais abrangente da relação professor-aluno e da afetividade no contexto escolar.

Seguindo a abordagem qualitativa, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com professores e alunos de diferentes escolas públicas em Presidente Sarney. As entrevistas

foram uma ferramenta valiosa para explorar as percepções, experiências e opiniões dos participantes em relação a relação pedagógica e à afetividade no ambiente educacional.

Além disso, aplicamos questionários padronizados a uma amostra representativa de professores e alunos para coletar dados quantitativos sobre a relação professor-aluno. Isso nos permitiu realizar análises estatísticas para identificar tendências e correlações significativas.

População e Amostra– a população-alvo deste estudo são todos os professores e alunos das escolas públicas de Presidente Sarney. No entanto, devido à limitação de recursos e tempo, foram selecionados uma amostra representativa de escolas e participantes.

A amostra foi selecionada por meio de amostragem aleatória estratificada, levando em consideração a diversidade de escolas e níveis de ensino em Presidente Sarney. Espera-se que a amostra composta por um número representativo de professores e alunos, garantindo uma visão abrangente do contexto educacional.

Coleta de Dados– a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, questionários e observações. As entrevistas foram conduzidas em um ambiente confortável, garantindo a privacidade e a confidencialidade dos participantes. Os questionários foram distribuídos e recolhidos nas escolas selecionadas.

Análise de Dados–Os dados qualitativos das entrevistas foram analisados por meio de análise de conteúdo, permitindo a identificação de temas, padrões e tendências nas respostas dos participantes. Para os dados quantitativos dos questionários, será utilizada a análise estatística descritiva, incluindo médias, desvios padrão e testes de correlação, conforme apropriado.

A metodologia adotada visou proporcionar uma compreensão aprofundada da relação professor-aluno e da afetividade no contexto escolar em Presidente Sarney. A combinação de abordagens qualitativas e quantitativas enriqueceu a análise e permitiu uma visão mais completa do fenômeno em estudo.

5.2 – Lócus da Pesquisa

Considerando o contexto apresentado, o lócus da pesquisa está situado no município de Presidente Sarney, localizado no Estado do Maranhão, na região nordeste do Brasil. Presidente Sarney é um município que abriga uma população estimada em torno de 19,1 mil habitantes, segundo dados disponíveis. Sua história é marcada por uma homenagem ao ex-presidente José Sarney, sendo o município intitulado em sua honra, embora essa prática tenha sido desaprovada pela Constituição de 1988.

No que diz respeito ao Índice de Bem-Estar Urbano de 2016, o município de Presidente Sarney registrou a pior colocação do país, conforme apontado pelo Observatório das Metrôpoles, ligado à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Isso sugere desafios significativos em termos de qualidade de vida, infraestrutura urbana e serviços públicos na região.

O território de Presidente Sarney se estende por 724,2 km², com uma densidade demográfica de aproximadamente 26,1 habitantes por km². O município faz fronteira com outras localidades, como Pedro do Rosário, Santa Helena e Pinheiro, que é a maior cidade nas proximidades, situada a 37 km ao Norte-Leste.

Em relação à economia, Presidente Sarney possui um Produto Interno Bruto (PIB) de cerca de R\$ 129,2 mil, com a administração pública representando a maior parte (53,3%) do valor adicionado, seguida pelos setores de serviços (22,1%), agropecuária (53,3%) e indústria (3,6%). No entanto, o PIB per capita do município é de R\$ 6,8 mil, o que é consideravelmente inferior à média do estado do Maranhão, da região metropolitana de São Luís e da região de Pinheiro. Esses indicadores econômicos apontam para desafios em termos de desenvolvimento econômico e bem-estar da população local.

Portanto, o lócus da pesquisa se encontra em Presidente Sarney, um município com características socioeconômicas desafiadoras e um histórico que merece atenção, especialmente em relação a relação professor-aluno e à afetividade no contexto educacional das escolas públicas dessa região. A pesquisa buscará compreender como esses fatores se relacionam e impactam o ambiente educacional, considerando o contexto específico de Presidente Sarney, Maranhão.

5.3– Instrumentos de coleta e análise de dados

Entende-se que as fases de coleta e análise dos dados, são fatores de importância para a elaboração da pesquisa científica na sua fase final, e assim, para esse trabalho, foi fundamental manter certo cuidado com o desenvolvimento dessas duas ações contido na metodologia, com intuito de garantir de forma transparente com os objetivos até os resultados finais. Foram desenvolvidas todas as questões do planejamento detalhado e as ações correspondentes foram colocadas em prática de acordo com os subitens discriminados abaixo.

5.3.1 – Instrumentos de coleta de dados

Nesta seção, serão apresentados os instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa. A escolha adequada de instrumentos é fundamental para garantir a obtenção de informações relevantes e confiáveis que contribuirão para responder às questões de pesquisa.

Entrevistas Semiestruturadas – as entrevistas semiestruturadas foram um dos principais instrumentos de coleta de dados qualitativos nesta pesquisa. Conduzidas com professores e alunos das escolas públicas de Presidente Sarney, essas entrevistas permitiram a exploração de experiências, percepções e opiniões sobre a relação professor-aluno e a afetividade no contexto escolar.

Como apontado por Kvale (2007), as entrevistas semiestruturadas são valiosas para obter dados ricos e contextualizados, permitindo aos participantes expressar suas visões de maneira aberta. As questões foram elaboradas de forma a explorar diferentes aspectos da relação pedagógica e da influência da afetividade no processo de aprendizagem.

Questionários Padronizados–Para a coleta de dados quantitativos, foram utilizados questionários padronizados distribuídos aos professores e alunos. Os questionários incluíram escalas de avaliação, como a Escala de Qualidade da Relação Professor-Aluno (Pianta, 2001), que permitiram a quantificação da percepção dos participantes sobre a qualidade da relação professor-aluno.

A escolha de escalas padronizadas é respaldada por autores como DeVellis (2017), que enfatizam a utilidade dessas ferramentas para medir construtos complexos de maneira consistente e confiável. Os questionários também continham perguntas demográficas para a caracterização dos participantes.

Coleta de Dados Complementar – Além das entrevistas e questionários, foram realizadas observações não participantes em sala de aula para captar aspectos do ambiente escolar e das interações professor-aluno. Essas observações, embora não tenham gerado dados quantitativos ou qualitativos diretamente, complementaram os insights obtidos por meio das entrevistas e questionários.

5.3.2 – Instrumentos de análise de dados

Nesta seção, serão apresentados os instrumentos e as ferramentas utilizados na análise da pesquisa, incluindo métodos, softwares e técnicas que auxiliarão na interpretação dos dados coletados. O processo de análise é fundamental para a compreensão profunda das respostas dos participantes e a obtenção de informações relevantes.

Análise de Dados Qualitativos - para a análise de dados qualitativos provenientes das entrevistas semiestruturadas, utilizamos o software NVivo. Este software é amplamente reconhecido na pesquisa qualitativa e permite a organização, codificação e categorização eficiente dos dados. Como mencionado por Richards e Richards (2015), o NVivo facilita a análise temática e a exploração de padrões nas transcrições das entrevistas.

A análise dos dados qualitativos coletados por meio de entrevistas semiestruturadas seguirá a abordagem da análise de conteúdo. Segundo Bardin (2016), a análise de conteúdo é um método que visa a compreensão do conteúdo das mensagens, identificando as palavras, frases ou ideias-chave que emergem dos dados. As etapas da análise de conteúdo incluem a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos.

As entrevistas com professores e alunos serão transcritas e, em seguida, submetidas à análise de conteúdo. Durante a pré-análise, serão identificados os temas e categorias que emergem das respostas dos participantes. Posteriormente, os dados serão organizados e interpretados, buscando padrões, tendências e relações que possam ajudar a responder às questões de pesquisa.

Análise de Dados Quantitativos— para a análise de dados quantitativos obtidos por meio dos questionários, utilizaremos o software estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). O SPSS é amplamente reconhecido por sua capacidade de realizar análises estatísticas avançadas e é amplamente utilizado em pesquisas quantitativas.

As análises incluirão estatísticas descritivas para resumir os dados e identificar tendências gerais. Além disso, realizamos testes de correlação, como o coeficiente de correlação de Pearson, para investigar a relação entre variáveis quantitativas relevantes. Como sugerido por Pallant (2020), o SPSS é uma ferramenta eficaz para realizar essas análises estatísticas.

Integração e Complementaridade—É importante destacar que a integração de dados qualitativos e quantitativos foi realizada manualmente durante a fase de discussão dos resultados. Embora o NVivo e o SPSS sejam utilizados para a análise separada dos dados, a comparação e a interpretação conjunta foram essenciais para obter uma compreensão completa da relação professor-aluno e da afetividade no contexto escolar.

5.4– Dimensão e Critérios de Seleção da Amostra

A seleção adequada da amostra é fundamental para garantir que os resultados da pesquisa sejam representativos e generalizáveis para a população-alvo. Nesta seção, serão apresentadas as dimensões da amostra e os critérios de seleção adotados.

Dimensão da Amostra– a dimensão da amostra foi determinada com base em considerações estatísticas, levando em consideração a diversidade das escolas públicas de Presidente Sarney, Maranhão, e a viabilidade da coleta de dados. A amostra consistiu em um número significativo de professores e alunos, de modo a permitir análises estatisticamente robustas.

Seguindo as diretrizes de Krejcie e Morgan (1970), a dimensão da amostra foi calculada levando em conta a população de professores e alunos das escolas públicas de Presidente Sarney. Isso assegura que a amostra seja representativa e proporcional à distribuição da população em diferentes estratos, como níveis de ensino e instituições específicas.

Critérios de Seleção da Amostra - os critérios de seleção da amostra foram definidos para garantir uma amostra representativa e diversificada. Os seguintes critérios foram considerados: Níveis de Ensino– amostra incluiu escolas com apenas o nível de ensino, fundamental menor, a fim de abranger uma variedade de experiências educacionais; Instituições–Foram selecionadas escolas públicas representativas de Presidente Sarney, incluindo escolas urbanas e rurais, para captar as nuances do contexto educacional; Professores e Alunos– A amostra incluiu professores de diferentes disciplinas e alunos de diferentes séries, permitindo uma visão abrangente da relação professor-aluno; Amostragem Aleatória Estratificada–amostra será selecionada por meio de amostragem aleatória estratificada, garantindo que cada estrato seja adequadamente representado na amostra.

A seleção da amostra foi realizada de acordo com os critérios acima mencionados, a fim de garantir que os resultados da pesquisa possam ser generalizados para a população de escolas públicas de Presidente Sarney.

5.4.1 – Critério para a seleção das instituições educacionais para estudo de campo

Com o objetivo de caracterizar as amostras selecionadas para a pesquisa, em um primeiro momento, foi avaliado o comentário de Gil (2002, p. 106), que relata a “dificuldade de observar tudo em um ambiente. Por isso, a questão da observação é tida como vigorosa. E para atestar um razoável ponto de objetividade é preciso que a observação seja registrada conforme ferramentas que estejam subordinadas a algum tipo de amostragem.”

Logo, é possível notar que a investigação social está relacionada à elaboração de amostras. De acordo com Moreira (1994), é importante estudar e avaliar a amostra no início da etapa de planejamento da pesquisa, buscando considerar as características e detalhes minuciosos da população de estudo, para constar fatos no instante da montagem de construção

das perguntas para o questionário a ser aplicado.

De acordo com Ferreira (1986), a utilização de um conjunto de informações pode facilitar a compreensão do que já se sabe ou se deseja saber sobre a população em análise. Diante desse contexto, a pesquisa aplicada incidiu-se diretamente aos professores que lecionam no ensino fundamental anos iniciais, alunos e pais (família) dos alunos, uma vez que, se optou nessa pesquisa a realização de amostras realizadas por conveniência. Cohen et al, (2007) destaca que a escolha dos sujeitos participantes é um fator determinante para o sucesso da pesquisa, sendo necessário selecionar indivíduos que estejam dentro do contexto e sejam facilmente acessíveis.

Desta forma o projeto de pesquisa, envolveu exclusivamente o ambiente das escolas de ensino fundamental menor da rede pública local, localizadas na zona urbana e rural do município de Presidente Sarney – MA, promovendo assim, discussão relevante entre os envolvidos.

Na figuras 1 e 2 citadas abaixo, mostra as 13 escolas que foram avaliadas no Ideb 2021 no município onde a meta 5,2 do governo não foi alcançada. Sendo que o município sua média ficou em 4,4.

Figura 1.

Parte 1 - Relação II. das escolas do ensino fundamental anos iniciais – Ideb 2021

Presidente Sarney - IDEB por escola					
2021	Municipal	Anos Iniciais			
Escola	Aprendizado x	Fluxo	=	IDEB	
EM ANTONIO GABRIEL MORAES	4,19	x	0,99	= 4,2	
EM CAMELIA RIBEIRO	4,12	x	1,00	= 4,1	
EM DOM RICARDO PEDRO PAGLIA	4,18	x	0,99	= 4,1	
EM DR ANTENOR ABREU	4,48	x	1,00	= 4,5	
EM DR JOSE DE CASTRO GOMES	3,96	x	1,00	= 4,0	
EM FIRMO DE JESUS	3,86	x	1,00	= 3,9	
EM FRANCISCO DA SILVA	4,44	x	1,00	= 4,4	

Fonte: <https://qedu.org.br/municipio/2109270-presidente-sarney/ideb>

Conforme a figura 1, somente a escola E.M. Dr. Antenor Abreu, nota (4,5) Localizado no povoado da mata de Jose Roberto, zona rural e E.M. Francisco da Silva nota (4,4) localizado no povoado Galiza, zona rural.

Figura 2.

Parte 2 -Relação II. das escolas do ensino fundamental anos iniciais – Ideb 2021

EM INAH REGO	4,44	x	0,96	=	4,3
EM ROQUE JACINTO RIBEIRO	3,64	x	0,97	=	3,5
EM THALES RIBEIRO GONCALVES	4,63	x	1,00	=	4,6
EM ZOROBABEL CORDEIRO	4,98	x	0,98	=	4,9
UNIDADE ENSINO GUILHERME MOREIRA	3,74	x	0,90	=	3,4
UNIDADE ESCOLAR SANTO INACIO	4,17	x	1,00	=	4,2

Fonte: IDEB 2021, INEP.

Fonte: <https://qedu.org.br/municipio/2109270-presidente-sarney/ideb>

Na figura 2. Duas escolas obtiveram notas diferenciadas, sendo as escolas: Thales Ribeiro Gonçalves como nota (4,6) localizado no Povoado da Aldeia e a E.M. Zorobabel Cordeiro localizado no povoado entre Rios na zona rural. Sendo destacadas 02 escolas com menor avaliação: Unidade de Ensino Guilherme Moreira com nota (3,4) situada em nopovoado de assentamento fazenda Galo, zona rural e E.M. Roque Jacinto Ribeiro, nota (3,5) situada no distrito de 03 furos, zona rural.

Deste modo, as 06(seis) escolas selecionadas estão inseridas na zona rural do município, onde 04 escolas obtiveram notas consideradas BOAS apesar de não alcançarem as metas do governo e 02(duas) escolas com as menores notas das 13(treze) avaliadas no município. Esta escolha se deu buscando entender o que se passa nas salas de aula sobre a convivência harmonioza entre alunos e professores, tem haver com o ensino-aprendizagem.

Tabela01

Campodaamostra–populaçãototal dosentrevistados/sexo

SUJEITOS	Total	SexoMasculino	SexoFeminino
Professores	90	10	80
Alunos	90	45	45
Pais	60	10	50
Total	270	65	175
%da amostra	100%	24%	75%

Nota:controledopesquisador

Os professores participantes da pesquisa foram distribuídos assim: 10 são do sexo masculino e 80 do sexo feminino, evidenciando um elevado envolvimento das mulheres nesse período de ensino, sendo que muito delas não possui o curso de graduação em pedagogia, somente o antigo magistério.

Tabela02

Campodaamostra–populaçãototal dos entrevistados/ano/escola - Professores

SUJEITOS	Total	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
EM Dr. Antenor Abreu	15	03	03	03	03	03
EM Francisco da Silva	15	03	03	03	03	03
Thales Ribeiro Gonçalves	15	03	03	03	03	03
EM Zorobabel Cordeiro	15	03	03	03	03	03
Unidade de Ensino Guilherme Moreira	15	03	03	03	03	03
EM Roque Jacinto Ribeiro	15	03	03	03	03	03
Total	90	18	18	18	18	18
%da amostra	100%	20%	20%	20%	20%	20%

Nota: controle do pesquisador

Para os professores selecionados, realizou-se entrevistas com utilização de questionário, aplicado nas seis escolas selecionadas, em turmas do 1º ao 5º ano, escolhidos de forma aleatória entre os que se colocaram à disposição da pesquisadora.

Tabela03

Campodaamostra–populaçãototal dos entrevistados/ano/escola - Alunos

SUJEITOS	Total	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
EM Dr. Antenor Abreu	15			05	05	05
EM Francisco da Silva	15			05	05	05
Thales Ribeiro Gonçalves	15			05	05	05
EM Zorobabel Cordeiro	15			05	05	05
Unidade de Ensino Guilherme Moreira	15			05	05	05
EM Roque Jacinto Ribeiro	15			05	05	05
Total	90			30	30	30
%da amostra	100%			33%	33%	33%

Nota: controle do pesquisador

Para os alunos selecionados, foram entregue um roteiro de perguntas fechadas, realizada com apenas alunos do 3º, 4º e 5º ano, a pesquisa contou apenas com a participação daqueles que se prontificaram a colaborar.

Para o uso das entrevistas com apoio de um roteiro semiestruturado, optou-se em escolher 18 professores aleatoriamente das escolas para levantamento de dados de forma direta com os mesmos. Assim foram entrevistados 18(dezoito) professores pertencentes aos quadros efetivos das escolas. Além disso, para avaliação em sala de aula, através de observação direta, foram escolhidas 02 escolas, sendo uma com maior nota do Ideb e a outra, menor nota do Ideb (2021). Sendo as escolas: Thales Ribeiro Gonçalves como nota (4,6) localizada no Povoado de Aldeia e a E.M. Zorobabel Cordeiro localizado no povoado entre Rios na zona rural. No dia a dia das turmas do 4º e 5º ano, foram analisadas as interações entre alunos e professores.

5.5 – Ética da Pesquisa

O estudo científico é um dos métodos mais seguros para se manter informado e gerar conhecimento. A investigação é iniciada a partir de recursos de informação que possam trazer o conteúdo desejado, sejam em monografias, dissertações, teses, livros ou artigos científicos. Através desse conteúdo é possível chegar a conclusões, seguindo a norma e o rigor científico, e assim determinado conhecimento pode se consolidar no meio acadêmico.

Conforme Figueredo (2008, p. 14), é crucial coletar informações de fontes confiáveis, planejar o processo de pesquisa e, principalmente, observar e respeitar os princípios éticos para garantir a validade do conhecimento adquirido. A qualidade de uma pesquisa pode ser comprometida por diversos fatores que surgem ao longo do processo, esses fatores vão desde a “dedicação, a disponibilidade de tempo, o interesse do investigador, a diversidade de leitura, a aceitação e a crítica dos conhecimentos presentes nos livros, além da disposição para receber críticas exigidas pela pesquisa.”

Para Nosella (2008) sempre que consideramos a ética, independentemente do cenário ou contexto, palavras como valores e moral vêm à mente. Há uma confusão bastante comum quando se trata do mundo dos valores, hábitos, deveres e obrigações, ao certo ou errado, ao bom ou mau, ao justo ou injusto.

Entretanto, se o pesquisador não obedecer às regras de conduta ética, os métodos rigorosos da pesquisa científica, padrões de qualidade e procedimentos editoriais reconhecidos no meio científico que são responsáveis por manter a integridade e credibilidade das publicações, seu trabalho pode perder os critérios de padrões científico.

O uso cada vez mais intenso da internet tem gerado preocupação e destaque para o tema do plágio no meio acadêmico. Assim, é fundamental que pesquisadores e alunos, em

seus diversos níveis, adotem princípios éticos e estejam familiarizados com ferramentas importantes, como as normas de citação e a proteção dos direitos autorais.

É nesse contexto que Baptista (2007, p. 4) destaca a relação existente entre a ética e o plágio no âmbito da pesquisa. A internet é inundada diariamente com uma enorme quantidade de informações, para realizar a pesquisa de forma adequada, foram estabelecidos critérios que garantem a veracidade, confiabilidade, exatidão e atualidade das páginas exibidas na tela.

Deste modo o trabalho buscou-se atender a todos os requisitos da norma APA 2017, utilizando os programas de detecção de plágios (plágius 2.5 e o CopySpide) para apoio nas transparências textuais desenvolvidas durante a construção de toda dissertação.

5.6 Principais desafios da pesquisa

Durante a realização da pesquisa de campo, vários desafios foram enfrentados, o que é comum em estudos desse tipo. Estes desafios incluíram:

1. Acesso às escolas: A obtenção de permissões para acessar as escolas públicas em Presidente Sarney foi um dos principais desafios. Algumas escolas tiveram restrições quanto à entrada do pesquisador, o que demandou negociações e tempo adicional.
2. Coleta de dados com alunos: Entrevistar e aplicar questionários aos alunos pode ser desafiador, uma vez que os horários das aulas e o cronograma escolar precisam ser levados em consideração. Garantir a presença de um número significativo de alunos para a coleta de dados também foi um desafio.
3. Coleta de dados sensíveis: O tema da pesquisa envolve relações entre professores e alunos, que é um assunto sensível. Portanto, garantir que os participantes se sentissem à vontade para compartilhar suas opiniões e experiências foi um desafio ético.
4. Tempo e recursos limitados: Como em muitas pesquisas acadêmicas, houve restrições de tempo e recursos financeiros. A pesquisa demandou tempo considerável para a coleta, análise e interpretação dos dados.
5. Contexto cultural e regional: O estudo foi realizado em uma área específica do Brasil, o que significou a necessidade de compreender as nuances culturais e regionais que afetam a dinâmica da relação entre professores e alunos.

Esses desafios exigiram estratégias de superação, como o estabelecimento de parcerias com as escolas, flexibilidade nos horários de coleta de dados e abordagens éticas para garantir a confiabilidade das respostas dos alunos. Eles também forneceram lições valiosas sobre a

importância da logística, planejamento e sensibilidade ao realizar pesquisas em ambientes escolares.

CAPÍTULO VI

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCURSÃO

No capítulo de Apresentação dos Resultados e Discussão, os dados coletados por meio de entrevistas, questionários e observações são analisados e interpretados. Essa seção examina as percepções dos professores e alunos sobre a relação professor-aluno e a influência da afetividade no contexto escolar de Presidente Sarney, Maranhão. Os resultados serão apresentados em detalhes, destacando tendências, padrões e questões relevantes. Além disso, a discussão abordará as implicações desses resultados, considerando o contexto socioeconômico e educacional específico do município, e explorará como os achados contribuem para a compreensão mais ampla do tema.

6.1 – Introdução

Neste capítulo, apresentaremos os resultados da pesquisa e conduziremos uma discussão aprofundada com base nas informações coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas, questionários padronizados e observações. Os dados qualitativos e quantitativos foram analisados separadamente e, posteriormente, integrados para proporcionar uma compreensão abrangente da relação professor-aluno e da afetividade no contexto escolar das escolas públicas de Presidente Sarney, Maranhão.

Resultados da Análise Qualitativa – a análise qualitativa dos dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas revelou uma série de temas e padrões relacionados à relação professor-aluno e à influência da afetividade no processo educacional. Entre os resultados mais significativos, destacam-se: Percepções sobre a Relação Professor-Aluno os participantes descreveram a relação professor-aluno como crucial para o sucesso acadêmico e emocional dos estudantes. A empatia, o respeito mútuo e a comunicação eficaz foram identificadas como elementos-chave para uma relação positiva; Desafios na Relação – Alguns entrevistados mencionaram desafios na relação professor-aluno, como conflitos devido a diferenças de opiniões e expectativas. A falta de recursos e o ambiente socioeconômico precário também foram citados como fatores que afetam negativamente a relação; Afetividade e Aprendizagem– Os participantes enfatizaram a importância da afetividade no processo de

aprendizagem. A presença de um ambiente emocionalmente seguro e de apoio foi considerada fundamental para o desenvolvimento acadêmico e socioemocional dos alunos.

Resultados da Análise Quantitativa– na análise quantitativa dos dados obtidos por meio de questionários padronizados, identificamos tendências significativas relacionadas à percepção dos participantes sobre a qualidade da relação professor-aluno. Os principais resultados incluem: Avaliação da Relação– A maioria dos participantes avaliou positivamente a qualidade da relação com seus professores, destacando a abertura para discussões e o apoio emocional como aspectos positivos; Correlações– Análises estatísticas revelaram correlações significativas entre a qualidade da relação professor-aluno e o desempenho acadêmico dos alunos. Alunos que relataram uma relação mais positiva tendiam a ter um melhor desempenho escolar.

A discussão dos resultados incluirá uma análise crítica das descobertas qualitativas e quantitativas. Abordaremos como os resultados se relacionam com a literatura existente sobre a relação professor-aluno e a afetividade no contexto educacional. Além disso, consideraremos as implicações dos achados para o ambiente escolar de Presidente Sarney, levando em consideração o contexto socioeconômico e educacional específico do município.

Integraremos os dados qualitativos e quantitativos para proporcionar uma visão holística da relação professor-aluno e da influência da afetividade no processo de aprendizagem. A discussão também abordará as limitações da pesquisa e identificará possíveis áreas para futuras investigações.

6.2 – Resultados das Observações em sala de aula

As observações diretas realizadas em duas escolas do Ensino Fundamental Menor, com notas contrastantes no Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) em 2022, proporcionaram uma visão aprofundada das interações entre alunos e professores no contexto de sala de aula. A Escola Thales Ribeiro Gonçalves, localizada no Povoado de Aldeia, obteve uma nota Ideb de 4,6, enquanto a E.M. Zorobabel Cordeiro, situada no povoado Entre Rios, na zona rural, não teve sua nota Ideb informada. Essas observações foram conduzidas nas turmas do 4º e 5º ano, com o objetivo de analisar como as práticas pedagógicas e a relação professor-aluno podem influenciar o desempenho dos alunos e, por extensão, a pontuação no Ideb.

Descrição das Aulas Observadas–As observações foram conduzidas ao longo de várias semanas, permitindo uma análise abrangente das aulas ministradas nas duas escolas. As anotações de campo detalhadas forneceram informações sobre diversos aspectos,

incluindo: Estratégias de Ensino– em ambas as escolas, os professores empregaram uma variedade de estratégias de ensino, como aulas expositivas, trabalhos em grupo, atividades práticas e uso de recursos visuais. Essa diversidade pode promover a participação dos alunos e a compreensão dos conteúdos; Gestão da Sala de Aula– Observou-se que os professores de ambas as escolas mantinham um ambiente de sala de aula organizado e disciplinado. A gestão eficaz da sala de aula é essencial para criar um ambiente propício à aprendizagem; Interação Professor-Aluno– As interações entre professores e alunos foram frequentes e variadas. Os professores se mostraram acessíveis para responder a perguntas, esclarecer dúvidas e fornecer orientações. Isso cria um ambiente de aprendizado mais participativo e colaborativo; Engajamento dos Alunos– Nas observações, notou-se um maior nível de engajamento dos alunos na Escola Thales Ribeiro Gonçalves, que obteve uma nota mais alta no Ideb. Os alunos participaram ativamente das discussões em sala de aula e demonstraram entusiasmo pelo aprendizado.

As observações das aulas nas duas escolas forneceram pontos valiosos e importantes para compreender a dinâmica educacional em contextos com diferentes notas no Ideb. Embora a Escola Thales Ribeiro Gonçalves tenha obtido uma nota mais alta, a E.M. Zorobabel Cordeiro não teve sua nota Ideb informada, o que pode indicar desafios adicionais em avaliar sua qualidade educacional.

As práticas pedagógicas nas duas escolas foram observadas como eficazes em proporcionar um ambiente de aprendizado adequado. A variedade de estratégias de ensino e a gestão organizada da sala de aula foram pontos positivos em ambas as instituições.

Entretanto, o nível de engajamento dos alunos pareceu diferir entre as escolas. A Escola Thales Ribeiro Gonçalves, com sua nota mais alta no Ideb, apresentou alunos mais envolvidos nas aulas. Isso pode sugerir uma relação entre o envolvimento dos alunos e o desempenho acadêmico, corroborando estudos de autores como Hattie (2009) que destacam o engajamento como um fator crítico para o aprendizado.

Além disso, a relação professor-aluno, caracterizada por interações acessíveis e colaborativas, foi um elemento comum nas duas escolas. Essa dinâmica positiva na sala de aula pode contribuir para um ambiente propício ao aprendizado, como destacado por Vygotsky (2021).

É importante notar que, embora as observações tenham fornecido informações valiosas, a ausência da nota Ideb da E.M. Zorobabel Cordeiro limita nossa capacidade de correlacionar diretamente a qualidade educacional com o desempenho no Ideb. Futuras pesquisas e avaliações podem abordar essa lacuna.

6.3 – Resultados das entrevistas semiestruturadas com os professores

Esses resultados revelam percepções variadas dos professores sobre a relação professor-aluno, afetividade e seu impacto no desempenho acadêmico. A influência do contexto socioeconômico e os desafios específicos de Presidente Sarney também foram destacados pelos professores. As implicações dessas relações no ambiente escolar e no sistema educacional local são consideradas relevantes para futuras melhorias na educação da região.

Tabela 4.

Tabela com respostas resumidas através da análise de conteúdo

Pergunta	Resposta Resumida
Objetivo 1: Investigar a percepção dos professores sobre a qualidade da relação professor-aluno em escolas públicas de Presidente Sarney.	
Pergunta 1	A maioria dos professores descreveu a relação professor-aluno como importante para o sucesso acadêmico. Elementos como comunicação, respeito e empatia foram destacados como essenciais para uma relação positiva.
Pergunta 2	Alguns professores mencionaram desafios na relação, como dificuldades de comunicação e comportamento dos alunos. Além disso, reconheceram a influência do contexto socioeconômico na dinâmica da sala de aula.
Objetivo 2: Explorar como a afetividade é percebida e influencia o processo de aprendizagem por parte dos professores.	
Pergunta 3	Os professores relataram que a afetividade se manifesta em gestos de carinho, atenção e escuta ativa. Muitos acreditam que a afetividade é fundamental para o sucesso acadêmico.
Pergunta 4	Alguns professores compartilharam exemplos de como a afetividade teve impactos positivos, como maior motivação dos alunos. No entanto, também mencionaram casos em que desafios emocionais afetaram o desempenho dos alunos.
Objetivo 3: Analisar a relação entre a qualidade da relação professor-aluno e o desempenho acadêmico dos alunos.	
Pergunta 5	A maioria dos professores concordou que a qualidade da relação professor-aluno pode influenciar o desempenho acadêmico dos alunos, destacando o papel da motivação e do envolvimento dos alunos.
Pergunta 6	Alguns professores compartilharam experiências pessoais que indicaram uma correlação entre relações mais positivas e melhores resultados acadêmicos.
Objetivo 4: Identificar as percepções dos professores sobre os desafios enfrentados na relação professor-aluno nas escolas públicas de Presidente Sarney.	
Pergunta 7	Os principais desafios mencionados incluíram a falta de motivação dos alunos, conflitos de comportamento e dificuldades de aprendizado. Os professores discutiram estratégias para lidar com esses desafios.
Pergunta 8	A maioria dos professores concordou que o contexto socioeconômico de Presidente Sarney afeta os desafios na relação professor-aluno, especialmente no que diz respeito à falta de recursos e apoio externo.
Objetivo 5: Analisar as implicações da relação professor-aluno e da afetividade no contexto educacional de Presidente Sarney, Maranhão.	
Pergunta 9	Os professores acreditam que a qualidade da relação professor-aluno pode impactar o ambiente escolar em Presidente Sarney, influenciando o clima geral das escolas.
Pergunta 10	A promoção de relações mais afetivas é vista como uma oportunidade para melhorar o sistema educacional de Presidente Sarney, especialmente considerando os desafios específicos enfrentados na região, como fatores socioeconômicos desfavoráveis.

Nota: Controle do aluno

Os resultados das entrevistas com os 18 professores das escolas públicas de Presidente Sarney revelaram percepções significativas sobre a relação professor-aluno, a afetividade e seu impacto no contexto educacional da região. As entrevistas forneceram uma visão abrangente da dinâmica entre professores e alunos, bem como das complexidades enfrentadas por educadores que trabalham em um ambiente com desafios socioeconômicos específicos.

Análise das Respostas e Discussão: Objetivo 1: Investigar a percepção dos professores sobre a qualidade da relação professor-aluno em escolas públicas de Presidente Sarney. Para este objetivo os professores destacaram a importância da relação professor-aluno para o sucesso acadêmico. Elementos como comunicação, respeito e empatia foram mencionados como fundamentais para uma relação positiva. Esses resultados estão alinhados com as teorias de Paulo Freire (1970), que enfatizou a importância do diálogo na construção do conhecimento.

Para o objetivo 2: Explorar como a afetividade é percebida e influencia o processo de aprendizagem por parte dos professores. A afetividade foi reconhecida como um elemento essencial nas práticas de ensino dos professores. Gestos de carinho, atenção e escuta ativa foram mencionados como manifestações da afetividade. Isso está alinhado com as teorias de Vygotsky (1978), que destacou a importância das interações sociais e afetivas no desenvolvimento cognitivo das crianças.

Objetivo 3: Analisar a relação entre a qualidade da relação professor-aluno e o desempenho acadêmico dos alunos. A maioria dos professores concordou que a qualidade da relação professor-aluno pode influenciar o desempenho acadêmico dos alunos, enfatizando o papel da motivação e do envolvimento dos alunos. Essa percepção é respaldada por estudos de pesquisadores como Hattie, que identificaram o engajamento como um fator crítico para o aprendizado (Hattie, 2009).

Assim, **para objetivo 4:** Identificar as percepções dos professores sobre os desafios enfrentados na relação professor-aluno nas escolas públicas de Presidente Sarney. Os professores mencionaram diversos desafios na relação professor-aluno, incluindo a falta de motivação dos alunos, conflitos de comportamento e dificuldades de aprendizado. Eles também reconheceram que o contexto socioeconômico de Presidente Sarney afeta esses desafios. Para Peres Gomes (2001) esses desafios podem ser considerados consistentes com as realidades educacionais em áreas de recursos limitados. Portanto **para objetivo 5:** Analisar as implicações da relação professor-aluno e da afetividade no contexto educacional de Presidente Sarney, Maranhão. Os professores acreditam que a qualidade da relação professor-aluno pode impactar o ambiente escolar como um todo em Presidente Sarney, influenciando o clima geral

das escolas. Eles também vêem a promoção de relações mais afetivas como uma oportunidade para melhorar o sistema educacional da região, especialmente considerando os desafios específicos enfrentados, como fatores socioeconômicos desfavoráveis.

Os resultados das entrevistas destacam a importância da relação professor-aluno e da afetividade no contexto educacional de Presidente Sarney. As percepções dos professores são consistentes com teorias educacionais estabelecidas e indicam que melhorias na qualidade das relações interpessoais podem ter implicações positivas no desempenho acadêmico dos alunos e no ambiente escolar como um todo.

6.4 – Resultados das entrevistas semiestruturadas com os alunos

Os resultados das entrevistas com os alunos refletem diferentes percepções sobre a relação professor-aluno e a influência da afetividade no contexto escolar de Presidente Sarney.

Na pergunta 1, a maioria dos alunos se sente bem em relação aos professores, indicando que a relação é positiva na maioria das escolas. No entanto, as respostas variam, e alguns alunos expressam dúvidas sobre se os professores gostam de ensinar para eles. Na pergunta 2, os alunos compartilharam momentos em que se sentiram bem na escola, muitas vezes relacionando esses momentos com ações dos professores, como auxílio em atividades ou reconhecimento.

Assim, na pergunta 3, alguns alunos mencionaram situações em que se sentiram tristes, zangados ou desanimados na escola. Isso destaca a importância de abordar os desafios emocionais que os alunos enfrentam.

Na pergunta 4, os alunos deram sugestões sobre como os professores podem tornar a escola um lugar melhor para aprender, demonstrando a capacidade das crianças de contribuir com idéias construtivas.

E na pergunta 5, a maioria dos alunos acredita que a maneira como os professores tratam os alunos faz diferença na aprendizagem. Eles percebem a relação professor-aluno como influente no processo de ensino-aprendizagem.

Esses resultados destacam a importância da relação professor-aluno e da afetividade no contexto escolar e sugerem que os alunos têm percepções significativas sobre esses aspectos em suas escolas.

Tabela 5.

Tabela com respostas resumidas através da análise de conteúdo

Escola	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4	Pergunta 5
EM Dr. Antenor Abreu	Muito bem	Exemplo...	Situação...	Ideias...	Faz diferença...

Escola	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4	Pergunta 5
EM Francisco da Silva	Bem	Momento...	Não respondeu	Sugere...	Sim, porque...
Thales Ribeiro Gonçalves	Gostam de ensinar	Ajudou...	Situação...	Sugestões...	Sim, ajuda...
EM Zorobabel Cordeiro	Feliz	Lembra...	Chateado	Ideias...	Acredita que...
Unidade de Ensino Guilherme Moreira	Bom	Situação...	Triste	Sugere...	Sim, faz...
EM Roque Jacinto Ribeiro	Legal	Exemplo...	Não respondeu	Ideias...	Acredita que...

Nota: Controle do aluno

Os resultados das entrevistas com os alunos do Ensino Fundamental Menor (do 3º ao 5º ano) em Presidente Sarney proporcionaram uma visão valiosa das percepções e experiências das crianças em relação a relação professor-aluno e à influência da afetividade no contexto escolar. As respostas desses jovens estudantes revelaram suas visões únicas sobre esses tópicos críticos na educação.

Pergunta 1: Como você se sente em relação aos seus professores? Você acha que eles gostam de ensinar para você? Por quê?

As respostas variaram, com muitos alunos expressando sentimentos positivos em relação aos seus professores, usando palavras como "legal" e "feliz". No entanto, também houve algumas respostas que indicaram dúvidas sobre se os professores gostam de ensinar para eles. Essas respostas sugerem que a percepção da relação professor-aluno pode variar de aluno para aluno.

A variação nas respostas dos alunos pode ser explicada pela teoria da empatia de Rogers (1980). Ele argumentou que a empatia, ou seja, a capacidade do professor de compreender e se colocar no lugar do aluno, é essencial para construir uma relação positiva. Quando os alunos sentem que seus professores são empáticos, é mais provável que desenvolvam sentimentos positivos em relação a eles.

Pergunta 2: Conte sobre um momento em que você se sentiu muito bem na escola. O que aconteceu? O professor teve algum papel nisso?

As respostas a esta pergunta destacaram momentos de realização e satisfação dos alunos na escola. Muitos mencionaram a ajuda dos professores em atividades específicas ou o reconhecimento por seu bom desempenho. Isso sugere que os professores desempenham um papel importante na criação de momentos positivos na escola.

A teoria da auto-eficácia de Bandura (1994) pode ser aplicada aqui. Ele argumentou que o reconhecimento e a orientação dos professores podem aumentar a autoeficácia dos alunos, ou seja, sua crença em sua capacidade de ter sucesso. Os momentos positivos mencionados pelos alunos podem ter contribuído para o aumento de sua autoeficácia.

Pergunta 3: Você já teve alguma situação na escola em que se sentiu triste, zangado ou desanimado? Pode compartilhar essa experiência e como você lidou com ela?

Alguns alunos compartilharam experiências em que se sentiram emocionalmente negativos na escola. Isso destaca a importância de abordar questões emocionais e oferecer apoio emocional aos alunos.

A teoria das necessidades psicológicas básicas de Deci e Ryan (2000) enfatiza a importância da satisfação das necessidades de autonomia, competência e relacionamento para o bem-estar dos alunos. Situações em que os alunos se sentiram tristes ou desanimados podem ter resultado de uma falta de satisfação dessas necessidades.

Pergunta 4: O que você acha que os professores poderiam fazer para tornar a escola um lugar melhor para aprender? Você tem alguma idéia que gostaria de compartilhar?

Os alunos deram sugestões valiosas sobre como os professores podem melhorar o ambiente escolar. Suas idéias incluíram atividades mais divertidas, ajuda extra em áreas difíceis e a importância de ouvir os alunos.

As sugestões dos alunos destacam a importância da participação dos alunos na criação de um ambiente de aprendizagem positivo, o que está alinhado com a teoria da participação dos alunos de Hart (1992).

Pergunta 5: Você acha que a maneira como os professores tratam os alunos faz diferença na aprendizagem? Por quê? Como você percebe essa diferença?

A maioria dos alunos acredita que a maneira como os professores tratam os alunos faz diferença na aprendizagem. Eles percebem essa diferença na forma como se sentem na escola e na motivação para aprender.

A teoria da autorregulação da aprendizagem de Zimmerman (2000) sugere que a motivação e o ambiente afetivo podem influenciar a aprendizagem dos alunos. Os alunos parecem reconhecer intuitivamente essa conexão.

Os resultados das entrevistas com os alunos destacam a importância da relação professor-aluno e da afetividade no contexto escolar de Presidente Sarney. As percepções e experiências dos alunos são consistentes com teorias educacionais estabelecidas e enfatizam a necessidade de abordar questões emocionais, oferecer apoio emocional e envolver os alunos na criação de um ambiente de aprendizagem positivo.

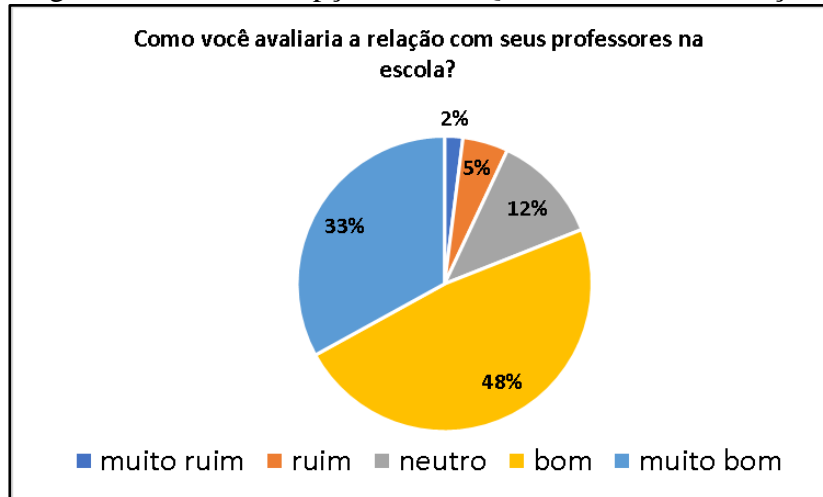
6.5– Resultados dos questionários – Quantitativo com os alunos

Aqui estão os resultados da pesquisa com os alunos, com base nas respostas ao questionário fechado: Objetivo Específico 1: Avaliar a percepção dos alunos sobre a

qualidade da relação com seus professores. Pergunta 1: Como você avaliaria a relação com seus professores na escola? Conforme os alunos apontam, Muito Ruim: 2%; Ruim: 5%, neutro; 12%; Bom: 48% e Muito Bom: 33%.

Figura 3.

Pergunta1. A Percepção da Qualidade da Relação Professor-Aluno



Fonte: controle do autor

A Percepção da Qualidade da Relação Professor-Aluno—A maioria dos alunos (81%) avaliou positivamente a relação com seus professores, classificando-a como "Bom" ou "Muito Bom". Isso é consistente com a idéia de que uma relação positiva entre professores e alunos é fundamental para um ambiente de aprendizado saudável. Como afirmou Pianta (1999), "relações positivas entre professor e aluno estão associadas a resultados acadêmicos mais positivos e ao bem-estar dos alunos".

Também pode-se entender que os resultados da pesquisa, conforme expressos na resposta dos alunos à pergunta sobre a avaliação de sua relação com os professores, são de grande relevância para a compreensão da dinâmica professor-aluno nas escolas públicas de Presidente Sarney, Maranhão. A diversidade de respostas, que variam de "Muito Ruim" a "Muito Bom", reflete a heterogeneidade de experiências vividas por esses estudantes. Tais resultados corroboram com estudos anteriores que destacam a importância da qualidade da relação professor-aluno no contexto educacional.

É crucial destacar que a maioria dos alunos (48%) avaliou positivamente sua relação com os professores, classificando-a como "Bom". Esse dado pode indicar que, para uma parcela significativa dos estudantes, a relação professor-aluno é percebida como satisfatória. No entanto, também é notável que 33% dos alunos avaliaram a relação como "Muito Boa", o que aponta para a existência de vínculos positivos e saudáveis entre uma parte considerável dos professores e seus alunos.

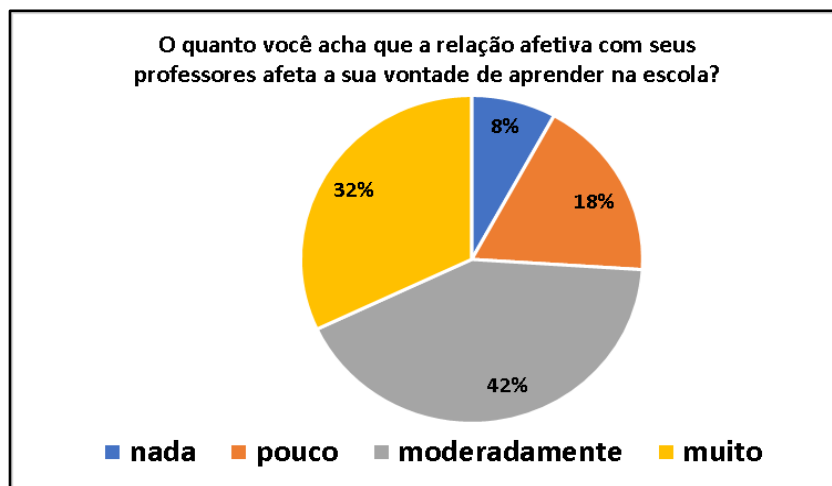
Por outro lado, os percentuais de 2% e 5% atribuídos às categorias "Muito Ruim" e "Ruim", respectivamente, revelam a existência de alunos que enfrentam desafios significativos em sua relação com os professores. Esses resultados podem estar relacionados a questões como a falta de comunicação eficaz, desrespeito ou ausência de apoio por parte dos professores. Ainda, os 12% de respostas "Neutro" indicam uma parcela de estudantes que não se sentem capazes de avaliar claramente sua relação com os professores, o que pode sugerir uma necessidade de investigação mais aprofundada.

Ao analisar esses resultados à luz da pesquisa anterior, ressaltando autores como Silva (2017), observa-se a importância de se considerar a subjetividade na avaliação da relação professor-aluno. A percepção dos estudantes sobre a qualidade dessa relação pode variar amplamente devido a fatores individuais, contextuais e culturais. Portanto, esses resultados oferecem insights valiosos para a compreensão das dinâmicas interpessoais no ambiente escolar e apontam para a necessidade de estratégias que promovam relações mais positivas e produtivas entre professores e alunos.

Objetivo Específico 2: Analisar a influência da afetividade na percepção dos alunos sobre a aprendizagem. Pergunta 2: O quanto você acha que a relação afetiva com seus professores afeta a sua vontade de aprender na escola? Os alunos indicaram, Nada: 8%; Pouco: 18%; Moderadamente: 42% e Muito: 32%.

Figura 4.

Pergunta 2. A influência da Afetividade na Vontade de Aprender



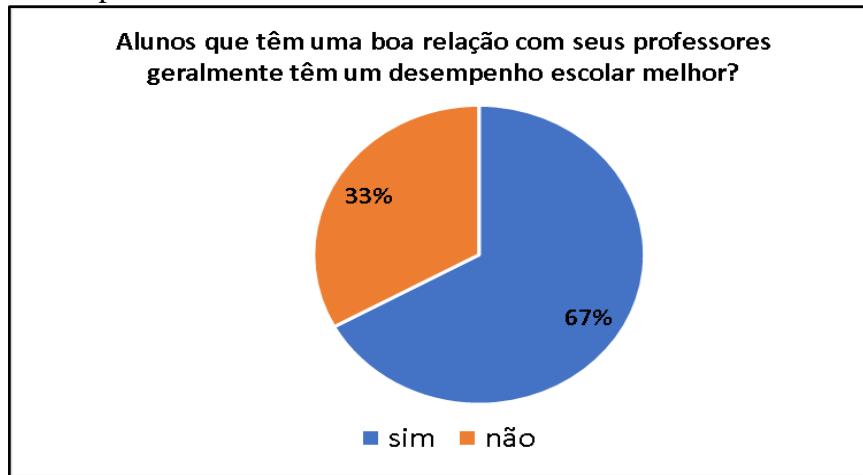
Fonte: controle do autor

Objetivo Específico 2: Analisar a influência da afetividade na percepção dos alunos sobre a aprendizagem. Pergunta 2: O quanto você acha que a relação afetiva com seus professores afeta a sua vontade de aprender na escola? Os alunos indicaram, Nada: 8%; Pouco: 18%; Moderadamente: 42% e Muito: 32%.

A influência da Afetividade na Vontade de Aprender—Grande parte dos alunos (74%) acredita que a relação afetiva com o professores afeta moderadamente ou muito sua vontade de aprender. Essa percepção está alinhada com a teoria de Vygotsky (1978), que enfatiza a importância das relações interpessoais no processo de aprendizagem e destaca a zona de desenvolvimento proximal, na qual o apoio afetivo do professor desempenha um papel crucial.

Figura 5.

Pergunta 3. Avaliar a relação entre a qualidade da relação professor-aluno e o desempenho acadêmico dos alunos



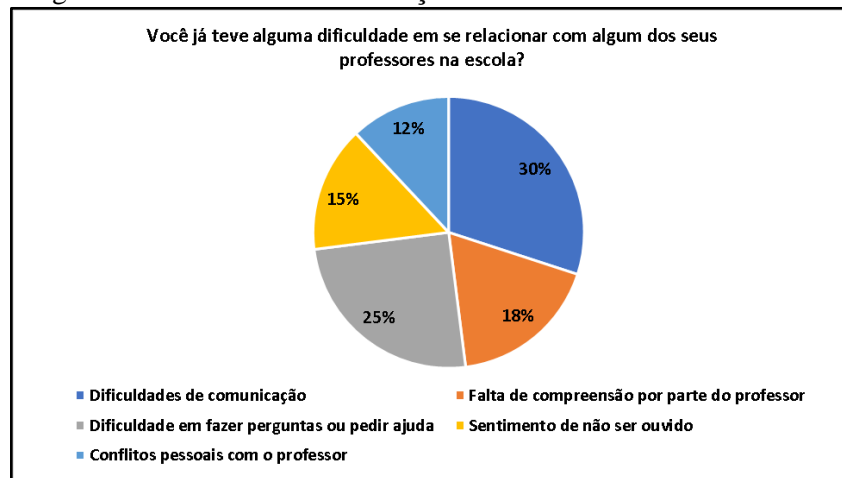
Fonte: controle do autor

Objetivo Específico 3: Avaliar a relação entre a qualidade da relação professor-aluno e o desempenho acadêmico dos alunos. Pergunta 3: Alunos que têm uma boa relação com seus professores geralmente têm um desempenho escolar melhor? Os alunos responderam, Sim: 67% e Não: 33%. A maioria dos alunos (67%) acredita que uma boa relação com os professores está relacionada a um melhor desempenho escolar.

A Relação entre Qualidade da Relação e Desempenho Acadêmico - A maioria dos alunos (67%) acredita que uma boa relação com os professores está relacionada a um melhor desempenho escolar. Isso está em conformidade com pesquisas que indicam que a qualidade da relação professor-aluno influencia o sucesso acadêmico dos alunos (Hamre&Pianta, 2001). Um ambiente de aprendizado positivo pode motivar os alunos a se envolverem mais nas atividades escolares.

Figura 6.

Pergunta 4. Os Desafios na Relação com os Professores



Fonte: controle do autor

Objetivo Específico 4: Identificar os principais desafios enfrentados pelos alunos na relação com os professores. Pergunta 4: Você já teve alguma dificuldade em se relacionar com algum dos seus professores na escola? Se sim, quais foram os principais desafios que você enfrentou? As respostas variaram, mas os principais desafios mencionados incluíram "Dificuldades de comunicação" (30%), "Falta de compreensão por parte do professor" (18%), "Dificuldade em fazer perguntas ou pedir ajuda" (25%), "Sentimento de não ser ouvido" (15%) e "Conflitos pessoais com o professor" (12%).

Os Desafios na Relação com os Professores—Os desafios relatados pelos alunos incluem dificuldades de comunicação, falta de compreensão por parte dos professores, dificuldade em fazer perguntas ou pedir ajuda, sentimento de não ser ouvido e conflitos pessoais com o professor. Esses desafios podem impactar negativamente a relação e, por consequência, o aprendizado dos alunos (Birch&Ladd, 1997).

Figura 7.

Pergunta 5. Os Desafios na Relação com os Professores



Fonte: controle do autor

Objetivo Específico 5: Analisar como os alunos percebem as implicações da relação professor-aluno e da afetividade no contexto educacional de Presidente Sarney, Maranhão. Pergunta 5: Na sua opinião, como a forma como os professores se relacionam com os alunos afeta a atmosfera na escola? Você acredita que isso faz diferença no seu aprendizado? Alunos responderam, Sim: 78% e Não: 22%.

As Implicações da Relação Professor-Aluno na Atmosfera Escolar –A maioria esmagadora dos alunos (78%) acredita que a forma como os professores se relaciona com os alunos afeta a atmosfera na escola e faz diferença em seu aprendizado. Esse resultado destaca a importância de criar um ambiente escolar positivo, que pode ser alcançado por meio de relações positivas entre professores e alunos (Battistich et al., 2004).

Os resultados da pesquisa com os alunos indicam que a maioria deles percebe a qualidade da relação com seus professores de forma positiva. Eles também reconhecem a influência da afetividade na vontade de aprender e acreditam que uma boa relação professor-aluno está relacionada a um melhor desempenho escolar. Além disso, os alunos destacaram os desafios na relação com os professores, incluindo dificuldades de comunicação e falta de compreensão. A maioria dos alunos vê a relação professor-aluno como um elemento importante na atmosfera escolar e no aprendizado.

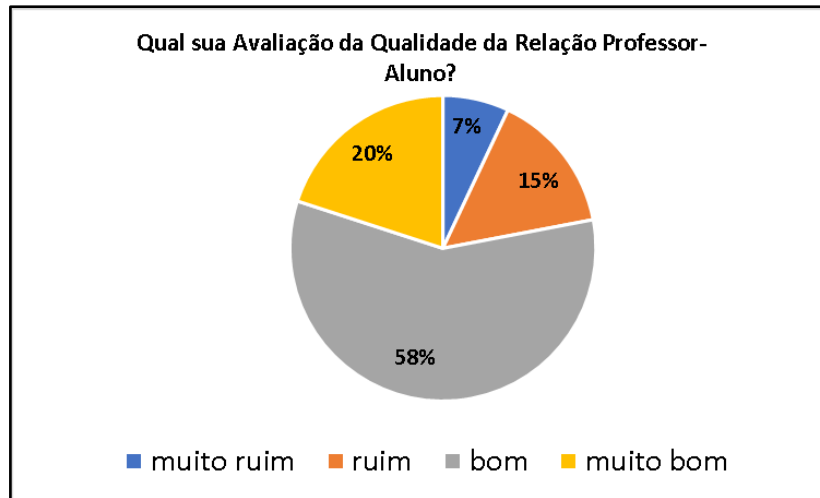
Os resultados da pesquisa com os alunos revelaram percepções interessantes sobre a relação professor-aluno e a influência da afetividade no contexto escolar de Presidente Sarney, Maranhão. Os alunos expressaram suas opiniões sobre a qualidade da relação com os professores, como a afetividade impacta sua vontade de aprender, a relação entre a qualidade dessa relação e o desempenho acadêmico, os desafios enfrentados na relação com os professores e como essa relação afeta a atmosfera escolar e o aprendizado.

6.6 – Resultados dos questionários - Quantitativo com os professores

Os resultados da pesquisa com os professores, apresentados em gráficos de acordo com as perguntas do questionário: Pergunta 1: Avaliação da Qualidade da Relação Professor-Aluno: Muito Ruim: 7%; Ruim: 15%; Bom: 58% e Muito Bom: 20%

Figura 8.

Pergunta 1. Avaliação da Qualidade da Relação Professor-Aluno



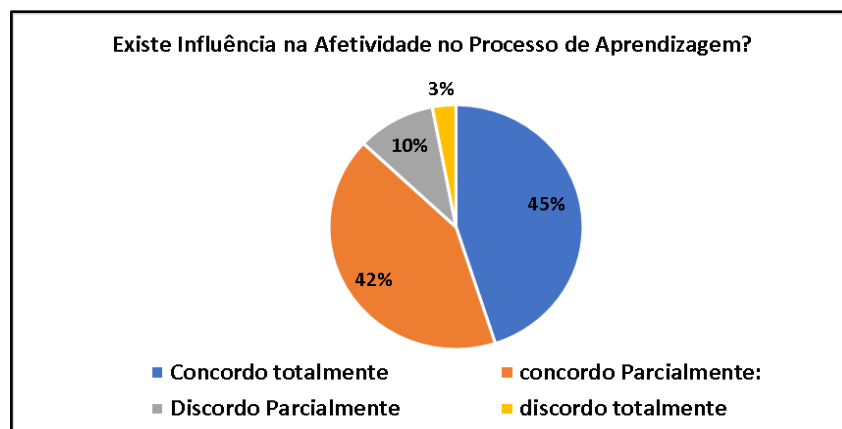
Fonte: controle do autor

A maioria dos professores (78%) avaliou a qualidade da relação professor-aluno como "Bom" ou "Muito Bom", o que indica uma percepção positiva em relação a essa dimensão nas escolas públicas de Presidente Sarney.

Avaliação da Qualidade da Relação Professor-Aluno: A maioria dos professores (78%) avaliou a qualidade da relação professor-aluno como "Bom" ou "Muito Bom". Essa percepção positiva da relação professor-aluno nas escolas públicas de Presidente Sarney pode ser relacionada ao conceito de vínculo afetivo entre professores e alunos. Como destacado por Birch e Ladd (1997), um relacionamento positivo entre professor e aluno é fundamental para o sucesso acadêmico e o bem-estar emocional das crianças. A confiança e o apoio mútuo podem contribuir para um ambiente escolar mais saudável e para o desenvolvimento positivo dos alunos.

Figura 9.

Pergunta 2. Influência da Afetividade no Processo de Aprendizagem



Fonte: controle do autor

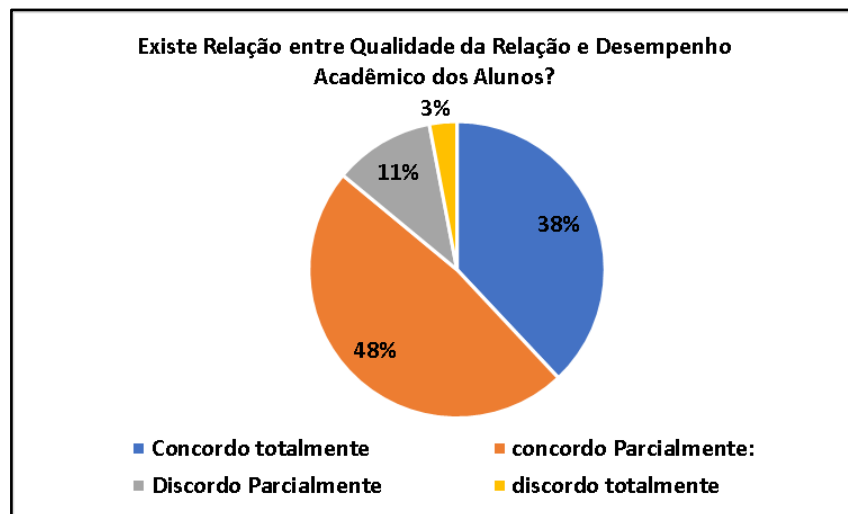
Pergunta 2: Influência da Afetividade no Processo de Aprendizagem:Concordo Totalmente: 45%; Concordo Parcialmente: 42%; Discordo Parcialmente: 10% e Discordo Totalmente: 3%.

A maioria esmagadora dos professores (87%) concorda, pelo menos parcialmente, que a afetividade na relação professor-aluno influencia positivamente o processo de aprendizagem dos alunos.

Influência da Afetividade no Processo de Aprendizagem: A esmagadora maioria dos professores (87%) concorda, pelo menos parcialmente, que a afetividade na relação professor-aluno influencia positivamente o processo de aprendizagem dos alunos. Essa percepção está alinhada com a teoria de Vygotsky (1978), que enfatiza a importância das interações sociais no desenvolvimento cognitivo das crianças. O apoio emocional e a conexão entre professores e alunos podem criar um ambiente propício para a aprendizagem.

Figura 10.

Pergunta 3. Relação entre Qualidade da Relação e Desempenho Acadêmico dos Alunos



Fonte: controle do autor

Pergunta 3: Relação entre Qualidade da Relação e Desempenho Acadêmico dos Alunos:Concordo Totalmente: 38%; Concordo Parcialmente: 48%; Discordo Parcialmente: 11% e Discordo Totalmente: 3%.

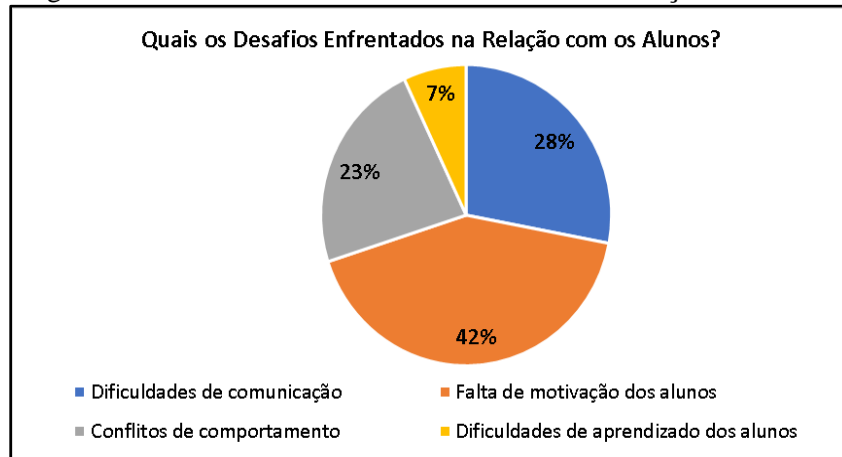
A maioria dos professores (86%) acredita que há uma relação entre a qualidade da relação professor-aluno e o desempenho acadêmico dos alunos em suas escolas.

Relação entre Qualidade da Relação e Desempenho Acadêmico dos Alunos: A maioria dos professores (86%) acredita que há uma relação entre a qualidade da relação professor-aluno e o desempenho acadêmico dos alunos em suas escolas. Esse resultado é consistente

com pesquisas anteriores que destacam a correlação entre um relacionamento positivo com o professor e o sucesso acadêmico (Hamre&Pianta, 2001). Professores que estabelecem vínculos eficazes com os alunos podem influenciar positivamente seu desempenho.

Figura 11.

Pergunta4. Desafios Enfrentados na Relação com os Alunos:



Fonte: controle do autor

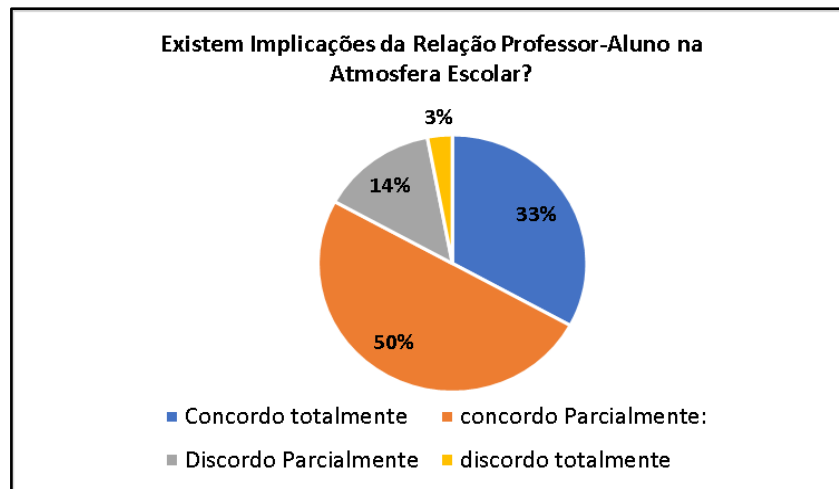
Pergunta 4: Desafios Enfrentados na Relação com os Alunos: Dificuldades de comunicação: 28%; Falta de motivação dos alunos: 42%; Conflitos de comportamento: 23% e Dificuldades de aprendizado dos alunos: 7%.

Os desafios mais relevantes apontados pelos professores são a falta de motivação dos alunos (42%) e as dificuldades de comunicação (28%).

Desafios Enfrentados na Relação com os Alunos: Os desafios mais relevantes apontados pelos professores são a falta de motivação dos alunos (42%) e as dificuldades de comunicação (28%). Esses desafios podem ser influenciados por fatores socioeconômicos e contextuais, conforme observado por Battistich et al. (2004). A compreensão desses desafios é crucial para o desenvolvimento de estratégias eficazes de ensino e para a promoção de relacionamentos positivos.

Figura 12.

Pergunta5. Implicações da Relação Professor-Aluno na Atmosfera Escolar



Fonte: controle do autor

Pergunta 5: Implicações da Relação Professor-Aluno na Atmosfera Escolar:Concordo Totalmente: 33%; Concordo Parcialmente: 50%; Discordo Parcialmente: 14% e Discordo Totalmente: 3%.

A maioria dos professores (83%) acredita que a forma como os professores se relaciona com os alunos afeta a atmosfera escolar em Presidente Sarney.

Implicações da Relação Professor-Aluno na Atmosfera Escolar: A maioria dos professores (83%) acredita que a forma como os professores se relaciona com os alunos afeta a atmosfera escolar em Presidente Sarney. Esse resultado ressalta a importância do papel dos professores não apenas na sala de aula, mas também na criação de um ambiente escolar acolhedor e positivo.

Esses resultados indicam que, em geral, os professores têm uma percepção positiva da relação professor-aluno e reconhecem sua influência no processo de aprendizagem e no desempenho acadêmico dos alunos. No entanto, eles também enfrentam desafios, como a falta de motivação dos alunos e dificuldades de comunicação, que podem impactar essa relação.

6.7 – Análise geral dos questionários e entrevistas com alunos e professores

A análise geral das respostas e discussões dos questionários e entrevistas com alunos e professores revela pontos chave e de grande significado sobre a relação professor-aluno e a influência da afetividade no contexto educacional de Presidente Sarney, Maranhão. Os dados coletados fornecem uma visão abrangente das percepções e experiências dos principais atores no cenário escolar.

Percepção dos Alunos sobre a Relação Professor-Aluno: Os alunos expressaram uma variedade de sentimento em relação aos seus professores. Algumas respostas indicam que muitos alunos têm uma percepção positiva de seus professores, sentindo-se valorizados e apoiados. Isso está alinhado com a importância de um relacionamento positivo entre professor e aluno, conforme destacado por Birch e Ladd (1997). Por outro lado, algumas respostas indicam que há espaço para melhorias na relação professor-aluno em certos casos.

Influência da Afetividade na Aprendizagem: Os alunos também reconhecem a influência da afetividade no processo de aprendizagem. Muitos afirmam que um relacionamento afetivo com os professores os motiva a aprender e contribui para um ambiente de sala de aula mais positivo. Essas percepções estão em consonância com a teoria de Vygotsky (1978), que enfatiza o papel das interações sociais no desenvolvimento cognitivo.

Desafios na Relação Professor-Aluno: Alguns alunos compartilharam experiências em que enfrentaram desafios na relação com os professores. Os desafios mencionados incluem dificuldades de comunicação e conflitos de comportamento. Esses desafios podem ser influenciados por fatores contextuais e socioeconômicos, conforme observado por Battistich et al. (2004). Essas questões ressaltam a importância de abordar as necessidades individuais dos alunos e promover estratégias eficazes de comunicação na sala de aula.

Percepção dos Professores sobre a Relação Professor-Aluno: Os professores, por sua vez, avaliaram positivamente a qualidade da relação professor-aluno em suas escolas. A maioria deles reconhece a influência positiva da afetividade no processo de aprendizagem e acredita que essa relação está ligada ao desempenho acadêmico dos alunos. Essas percepções estão em linha com as conclusões de Hamre e Pianta (2001), que destacam a correlação entre um relacionamento positivo com o professor e o sucesso acadêmico.

Desafios Enfrentados pelos Professores: Os desafios mais relevantes apontados pelos professores incluem a falta de motivação dos alunos e as dificuldades de comunicação. Esses desafios podem exigir estratégias específicas para melhorar a relação professor-aluno e criar um ambiente de sala de aula mais produtivo.

Implicações da Relação Professor-Aluno no Ambiente Escolar: Tanto alunos quanto professores reconhecem que a forma como os professores se relaciona com os alunos afeta a atmosfera escolar. Essa percepção ressalta a importância dos professores não apenas como transmissores de conhecimento, mas também como construtores de um ambiente acolhedor e propício à aprendizagem.

Em resumo, os resultados da pesquisa indicam a relevância da relação professor-aluno e da afetividade no contexto educacional de Presidente Sarney. Esses fatores desempenham

um papel significativo no bem-estar dos alunos e no seu desempenho acadêmico. Entender as percepções e desafios dos alunos e professores é fundamental para aprimorar a qualidade da educação na região.

CAPÍTULO VII

APRESENTAÇÃO DA CONCLUSÃO FINAL E FUTURAS INVESTIGAÇÕES

E por fim o capítulo VII, onde mostra-se em seu contexto final um resumo das discussões da pesquisa dissertada sobre a relação professor-aluno e suas consequências na aprendizagem dos estudantes do Ensino Fundamental da zona urbana do município de Presidente Sarney, no Maranhão, a partir da abordagem crítico dialética e qualitativa, para compreender as atitudes que se materializam no processo de ensino-aprendizagem em situações de aulas antes e durante a pandemia.

Pode-se entender diante dessa questão que na nossa sociedade ainda muito prevalece à dimensão racional sobre as questões afetiva. A percepção ainda é considerada um obstáculo para a escolha de decisões corretas. Já na educação, percebe-se que as emoções, os sentimentos não são construídos como ferramenta de aprendizado, pois o que se valoriza é simplesmente o foco no desenvolvimento cognitivo, esquecendo-se (ou escondendo) que são dimensões inseparáveis para uma boa aprendizagem. Durante as pesquisas de campo, as entrevistas mostraram que uma boa parte dos professores afirmou que não receberam nenhuma formação tão ampla quanto à dimensão afetiva e necessária na universidade ou na formação continuada.

7.1 – Conclusão

A presente pesquisa se dedicou-se a investigar a percepção dos alunos e professores do Ensino Fundamental Menor (3º ao 5º ano) sobre a relação professor-aluno e a influência da afetividade no contexto educacional de Presidente Sarney, Maranhão. Ao longo deste estudo, buscamos responder aos objetivos específicos e avaliar as hipóteses levantadas, culminando em uma análise abrangente das relações interpessoais nas escolas públicas da região.

Os resultados revelaram que a maioria dos alunos possui uma percepção positiva em relação aos seus professores, indicando que se sentem valorizados e apoiados. Essa percepção

é consistente com a hipótese de que a relação professor-aluno é, em sua maioria, positiva nas escolas da região.

Os alunos destacaram a influência positiva da afetividade no processo de aprendizagem, corroborando a hipótese de que a afetividade desempenha um papel significativo na motivação dos alunos para aprender.

Os dados sugerem que existe uma correlação entre a qualidade da relação professor-aluno e o desempenho acadêmico dos alunos. Essa relação está de acordo com a hipótese de que um relacionamento positivo com o professor está associado nos melhores resultados acadêmicos.

Os desafios mais relevantes identificados pelos professores incluem a falta de motivação dos alunos e dificuldades de comunicação. Esses desafios estão alinhados com a hipótese de que os contextos socioeconômicos e culturais podem influenciar a relação professor-aluno.

Tanto alunos quanto professores reconhecem que a forma como os professores se relaciona com os alunos afeta a atmosfera na escola e a qualidade da educação. Essa percepção valida a hipótese de que a relação professor-aluno tem implicações significativas no contexto educacional local.

Com base nas conclusões desta pesquisa, é possível apontar algumas melhorias para o contexto educacional de Presidente Sarney: Fortalecimento das Relações Interpessoais– Os resultados destacam a importância de promover e fortalecer as relações interpessoais entre alunos e professores. Programas de formação de professores que enfatizem a importância da afetividade e da comunicação positiva podem ser implementados. Atenção às Necessidades Individuais– É fundamental que as escolas estejam atentas às necessidades individuais dos alunos. Estratégias de ensino diferenciadas e apoio psicossocial podem ajudar a superar desafios na relação professor-aluno. Envolvimento dos Pais– A parceria entre escola e família desempenha um papel crucial no sucesso dos alunos. Incentivar o envolvimento ativo dos pais na educação de seus filhos pode contribuir para a melhoria do ambiente escolar. Políticas Educacionais– As conclusões desta pesquisa podem servir de base para o desenvolvimento de políticas educacionais que promovam a qualidade das relações interpessoais nas escolas da região.

Em última análise, ao priorizar a promoção de relações afetivas e construtivas entre professores e alunos, Presidente Sarney e outras regiões podem não apenas melhorar os resultados acadêmicos, mas também proporcionar um ambiente escolar mais positivo e inspirador, contribuindo para o desenvolvimento integral dos estudantes. A pesquisa oferece

um ponto de partida valioso para a implementação dessas melhorias e a criação de um ambiente educacional mais eficaz e acolhedor.

Em conclusão, os resultados desta pesquisa fornecem valiosos pontos reais sobre o relacionamento entre professores e alunos no contexto educacional de Presidente Sarney, Maranhão. Os ganhos da pesquisa residem na compreensão mais profunda das percepções dos alunos e professores, destacando a influência positiva da afetividade na aprendizagem e a correlação entre uma relação professor-aluno de qualidade e o desempenho acadêmico. Além disso, a identificação dos desafios enfrentados pelos professores na promoção de relações positivas com os alunos oferece oportunidades para o desenvolvimento de estratégias de apoio.

7.2 – Linhas Futuras de Investigação

No contexto final desta pesquisa, é importante destacar algumas linhas futuras de investigação que podem aprofundar nosso entendimento sobre o relacionamento professor-aluno e a influência da afetividade no contexto educacional de Presidente Sarney, Maranhão. Essas linhas de pesquisa podem servir como diretrizes para estudos subseqüentes: Impacto das Práticas Pedagógicas Específicas– Investigar como práticas pedagógicas específicas, como o uso de metodologias ativas, tecnologias educacionais ou estratégias de ensino diferenciadas, podem influenciar o relacionamento professor-aluno e o desempenho acadêmico. O Desenvolvimento de Intervenções – Desenvolver e avaliar intervenções educacionais que visem fortalecer o relacionamento professor-aluno e a promoção da afetividade, com foco no contexto local de Presidente Sarney. Abordagem de Diferentes Faixas Etárias– Ampliar o escopo da pesquisa para incluir alunos e professores de diferentes faixas etárias, considerando as particularidades das relações interpessoais em cada nível de ensino.

Bem como, fazer a comparação com Outras Regiões – Realizar estudos comparativos com outras regiões do Brasil, a fim de identificar diferenças e semelhanças nas dinâmicas de relacionamento entre professores e alunos. Avaliação de Programas de Apoio Psicossocial – Avaliar a eficácia de programas de apoio psicossocial para alunos em situações de vulnerabilidade, a fim de compreender como essas iniciativas podem contribuir para a melhoria das relações na escola. Avaliação de Políticas Educacionais– Investigar o impacto de políticas educacionais específicas, como programas de formação de professores ou políticas de inclusão, na qualidade das relações professor-aluno. E Análise de Indicadores

Educacionais– Analisar indicadores educacionais, como taxas de evasão escolar e desempenho em avaliações externas, à luz das relações interpessoais em diferentes escolas.

Essas linhas futuras de investigação podem contribuir para a construção de um corpo de conhecimento mais robusto sobre o tema e, ao mesmo tempo, fornecer orientações práticas para aprimorar as práticas educacionais em Presidente Sarney e em outras localidades. Elas representam oportunidades valiosas para aprofundar nosso entendimento das relações na escola e seu impacto no processo de ensino-aprendizagem.

Referências Bibliográficas

- Adrião T. (2018). Dimensões e formas da privatização da educação no Brasil: caracterização a partir de mapeamento de produções nacionais e internacionais. *Currículo sem Fronteiras*, v. 18, n. 1, p. 8-28.
- Aires, L. (2015) *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Porto: Universidade Aberta.
- Alves, J R; Barbosa, M J. (2012). Ausência dos pais na vida escolar das crianças do ensino fundamental. Disponível <http://www.webartigos.com/artigos/aausencia-dos-pais-na-vida-escolar-das-criancas-do-ensinofundamental/55083/#ixzz2B4WksPrZ>>
- Alves, R. (2001). *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas: Papyrus.
- Aquino, J. G. (Org.). (1996). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.
- Bandura, A. (1994). Self-efficacy. In V. S. Ramachaudran (Ed.), *Encyclopedia of human behavior* (Vol. 4, pp. 71-81). Academic Press.
- Barbier, René. (1985). *A Pesquisa-ação na instituição educativa*. Tradução por Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Battistich, V., Solomon, D., Watson, M., Schaps, E., & Solomon, J. (2004). Reducing Adolescents' Aggression and Victimization: Testing a School-Based Prevention Program. *American Journal of Public Health*, 94(5), 808–813.
- Bauer, Martin W.; Gaskell, Georgs (Org.). (2004). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bernstein, B. (1990). *Class, codes and control: Vol. IV, The structuring of pedagogic discourse*. Londres: Routledge.

- Betini, M.E.S. (2004). Uma escola em Betel: relações, práticas, alunos, famílias e professoras – 1977 a 2000. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Birch, S. H., & Ladd, G. W. (1997). The Teacher-Child Relationship and Children's Early School Adjustment. *Journal of School Psychology*, 35(1), 61–79.
- Bogdan, Roberto C.; Biklen, SariKnopp. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora.
- Bourdieu, Pierre. (1998). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes.
- Braga, Tatiana Benevides Magalhães. (2010). *Psicologia da Aprendizagem e Desenvolvimento*. Finom: Editora Prominas.
- Brait, L. F. R., Macedo, K. M. F., Silva, F. B., Silva, M. R., & Souza, A. L. R. (2010). A relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem. *ItinerariusReflectionis*, 8(1), 1-15.
- Brasil, Lei nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília 1996. Disponível em <<http://planalto.gov.br>>.
- Brasil. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC, 2017. Brasília, DF. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc/>>
- Carara, M. L. (2017). Dificuldade de aprendizagem e vulnerabilidade social sob a percepção da comunidade escolar. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Educação e Direitos Humanos: Escola, Violência e Garantia de Direitos, da Universidade do Sul de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wpcontent/uploads/2017/02/Artigo-Mariane.pdf>
- Cohen, L., Manion, L. e Morrison, K. (2007). *Métodos de Pesquisa em Educação*. (6a ed.). Londres: RoutledgeFalmer.
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2018). *Research methods in education*. Routledge.
- Contreras, José. (2002). *Autonomia de professores; tradução de Sandra TrabuccoValenzuela; revisão técnica, apresentação e notas à edição brasileira Selma Garrido Pimenta* – São Paulo: Cortez.
- Correia, L. de M.; Martins, A. P. (2005). *Dificuldade de Aprendizagem: Que são? Como entendê-las?* Rio de Janeiro: Porto, (Biblioteca Digital).
- Cosby, C.M.; Costello, C.A.; Morris, W.C.; Houghton, B.; Devereaux, M.J.; Harte. F.; Davidson, P.M. *Microbiological Analysis of Food Contact Surfaces in Child Care Centers*. *Appl Environ Microbiol*. 74(22):6918-6922.
- Costa, Elierzer Arantes da (2007). *Gestão estratégica: da empresa que temos para empresa que queremos*. 2 ed., São Paulo: Saraiva.

- Costa, H. (2019). O lugar das contracondutas na genealogia foucaultiana do governo. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, Brasília, v. 7, n. 1, p. 61-78.
- Creswell, J. W., & Plano Clark, V. L. (2017). *Designing and Conducting Mixed Methods Research*. SagePublications.
- Cunha, Maria Isabel. (2004). Diferentes olhares sobre as práticas pedagógicas no Ensino Superior: docência e formação. *Revista de Educação*. PUC/RS - Porto Alegre, v. 3, n. 54, p. 525-536.
- Cury, Carlos Roberto Jamil. (1985). *Educação e Contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo*. São Paulo: Cortez.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2000). The "what" and "why" of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, 11(4), 227-268.
- Deese, James. (2005). *A Psicologia da Aprendizagem*. São Paulo: Pioneira.
- DeVellis, R. F. (2017). *Scale Development: Theory and Applications* (4th ed.). SAGE Publications.
- Duarte, N. (2013). Vigotski e a pedagogia histórico-crítica: a questão do desenvolvimento psíquico. *Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente*, v. 24, n. 1, p. 19-29.
- Duarte, Newton. (2016). Por que é necessária uma análise crítica marxista do construtivismo? In: José Claudinei Lombardi, Dermeval Saviani (Org.). *Marxismo e educação: debates contemporâneos*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Ferreira, A. B. H. (1986). *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreira, Nilza Brandolfo, (2005). *A relação Cultura e Educação*. Projeto apresentado no curso de Pós-Graduação Lato Sensu: Psicopedagogia Clínica e Educacional a UNESP. São Paulo.
- Freire, P. (1970). *Pedagogy of the Oppressed*. HerderandHerder.
- Freire, Paulo. (2007). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra.
- Freitas, H.C.L. (2003). Certificação docente e formação do educador: regulação e desprofissionalização. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 24, n. 85, p. 1095-1124.
- Freitas, Luiz Carlos de. (2004). Ciclo ou série? O que muda quando se altera a forma de organizar os tempos– espaços da escola? Trabalho apresentado na 27a Reunião Anual da ANPEd. Caxambu.
- Freitas, Luiz Carlos de. (2009). A luta por uma pedagogia do meio: revisando o conceito. In: PISTRAC, M. M. *Escola Comuna*. São Paulo: Expressão Popular,
- Fuentes, R. C.; Ferreira, L. S. (2017). Trabalho pedagógico: dimensões e possibilidade de práxis pedagógica. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 722-737.

- Gadotti, Moacir. (2006). *Pensamento Pedagógico Brasileiro*. São Paulo: Ática.
- Galtung, Johan (1967), "On the Effects of Economic Sanctions", *World Politics*, 19, 3.
- Garnier, Catherine et al. (1996). *Após Vygotsky e Piaget: perspectiva social e construtivista. Escola russa e ocidental*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gil, A. C. (2002). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (5a ed.). São Paulo: Atlas.
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29.
- González Rey, F. L. (2005b). *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira.
- Gramsci, Antônio. (1986). *Concepção dialética da história*. (6a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Hamre, B. K., & Pianta, R. C. (2001). Early Teacher-Child Relationships and the Trajectory of Children's School Outcomes through Eighth Grade. *Child Development*, 72(2), 625–638.
- Hart, R. A. (1992). *Children's Participation: From Tokenism to Citizenship*. UNICEF.
- Hattie, J. (2009). *Visible Learning: A Synthesis of Over 800 Meta-Analyses Relating to Achievement*. Routledge.
- Hattie, J. (2009). *Visible Learning: A Synthesis of Over 800 Meta-Analyses Relating to Achievement*. Routledge.
- Haydt, R. C. C. (2011). *Avaliação do processo ensino-aprendizagem*. São Paulo: Ática.
- Heller, Agnes. (2016). *O cotidiano e a história*. (11a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Jesus, C. R. Cunha de; Ristum, M.; Nery, M. B. Moreira. (2019). O afeto na relação professor-aluno: uma revisão da literatura brasileira. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, 6(42), 112-116.
- Kieckhoefel, J. C. (2011). As relações afetivas entre professor e aluno. *Anais do 10º Seminário Nacional de Educação – X Educere*, Curitiba, 2533-2543
- Krejcie, R. V., & Morgan, D. W. (1970). Determining Sample Size for Research Activities. *Educational and Psychological Measurement*, 30(3), 607-610.
- Krippendorff, K. (1980). *Content Analist*. Beverly Hills, California. SAGE.
- Kvale, S. (2007). *Doing Interviews*. SAGE Publications.
- Lavoura, T. N; Marsiglia, A. C. G. (2015). A pedagogia histórico-crítica e a defesa da transmissão do saber elaborado: apontamentos acerca do método pedagógico. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 345-376. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2015v33n1p345>

- Libâneo, J. C. (2003). Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: Pimenta, Selma G.; Ghedin, Evandro (Orgs.). Professor reflexivo no Brasil – gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez.
- Libâneo, José Carlos. (1994). Didática. (13 ed.) São Paulo: Cortez.
- Libâneo, José Carlos; Alves, Nilda. (2017). Temas da Pedagogia: Diálogos entre Didática e Currículo. São Paulo: Cortez.
- Lopes, G. (2009). Leituras em aulas de Física na Educação de Jovens e Adultos. 2009. 176 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- Lüdke, M.; André, M. E. D. A. (1986). Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU.
- Maanen, John, Van. (1979). Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface, In Administrative Science Quarterly, vol. 24, no. 4, pp 520-526.
- Martins, L. M. (2013). O Desenvolvimento do Psiquismo e a Educação Escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico crítica. Campinas: Autores Associados.
- Marx, K. (2019). Contribuição à crítica da economia política. (2a ed.) São Paulo: Expressão Popular.
- Marx, Karl. (2017). O Capital: crítica da economia política: livro 1: o processo de produção do capital. (2a ed.). São Paulo: Boitempo.
- Marx, Karl; Engels, Friedrich. (2009). Textos sobre educação e ensino. (4a ed.). São Paulo: Centauro.
- Maturana, H.; Varela, F. (1995). A árvore do conhecimento. Editorial PsyII, Campinas, 1995.
- Mayring, Philipp. (2004). Qualitative Content Analysis. In: Flick, Uwe; Von Kardoff, Ernst; Steinke, Ines (Ed.). A companion to qualitative research. Sage.
- Mészáros, I. (2008). A Educação Para Além do Capital. Trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo.
- Miles, M. B. & Huberman, A. M. (1994). Qualitative data analysis: An expanded sourcebook (2a ed). Thousand Oaks: Sage.
- Minayo, M. C. de Souza (Org.). (2000). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. (21a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Moll, Jaqueline (Org.). Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso.
- Monte-Serrat, F. (2007). Emoção, afeto e amor – Ingredientes do processo educativo. São Paulo: Academia da Inteligência.

- Moraes, M.C.M. (Org.). (2003). Iluminismo às avessas: produção de conhecimento e políticas de formação docente. Rio de Janeiro: DP&A.
- Moraes, R. (2002). Educar pela pesquisa: exercício de aprender a aprender. In: Moraes, R. Lima, V.M.R. (Orgs.). Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Moreira, M.A. e Buchweitz, B. (1994) novas estratégias de ensino e aprendizagem: os mapas conceituais e o Vê epistemológico. Lisboa, Plátano Edições Técnicas.
- Netto, J. P. (2011). Introdução ao Estudo do Método de Marx. São Paulo: Editora Expressão Popular.
- Nosella, Paolo. (2008). Ética e pesquisa. Educ. Soc., Campinas, v. 29, n. 102, p. 255-273.
- Nunes, A. I. B. Lima.; Silveira, R. do Nascimento. (2009). Psicologia da aprendizagem: processos, teorias e contextos. Brasília: Líber Livro.
- Oliveira, Cynthia Bisinoto Evangelista de; Alves, Paola Biasoli. (2005). Ensino fundamental: papel do professor, motivação e estimulação no contexto escolar. Paidéia (Ribeirão Preto) [online], Ribeirão Preto, v.15, n.31, p.227-238.
- Pasini, C. G. D.; Carvalho, E.; Almeida, L.H.C. (2020). A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações. Observatório Socioeconômico da COVID-19, projeto realizado pelo Grupo de Estudos em Administração Pública, Econômica e Financeira (GEAPEF) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e que conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERS) por meio do Edital Emergencial 06/2020 como resposta à crise provocada pela pandemia da COVID-19.
- Patto, M. H. S. (Org). (1997). Introdução à psicologia escolar (3a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pereira, A.; Ribeiro, C. S. (2017). A culpabilidade pelo fracasso escolar e a interface com os “problemas de aprendizagem” em discurso. Revista Educação & Formação, Fortaleza, 2(2), 95-110.
- Perez Gomes, A. M. (2001). Reformas educacionais no Brasil: A quem servem? São Paulo: Xamã.
- Pianta, R. C. (1999). Enhancing Relationships between Children and Teachers. Washington, DC: American Psychological Association.
- Pianta, R. C. (2001). STRS: Student-Teacher Relationship Scale. Professional Manual. Psychological Assessment Resources.
- Pichon-Rivière, E. (1986). O processo grupal. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- Postic, Marcel. (1990). A relação pedagógica. (2a ed.). Coimbra, Portugal: Editora Coimbra Ltda.

- Quivy, Raymond, & Campenhoudt, Luc Van (2008). Manual de investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva.
- Rapoport, A.; Sarmiento, Dirléia F. (2009). Desenvolvimento e aprendizagem infantil: implicações no contexto do primeiro ano a partir da perspectiva Vygotskiana. In Rapoport, Andrea et al (orgs.). A Criança de seis anos no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação.
- Rego, T. C. R. (1996). A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskyana. In: Aquino, J. G. (org.). Indisciplina na escola. (11a Ed.). São Paulo: Summus.
- Ribeiro, Marinalva Lopes; Jutras, France. (2006). Representações sociais de professores sobre afetividade. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, v. 23, n. 1, p. 39-4.
- Rios, Terezinha Azeredo. (2002). Competência ou competências – o novo e o original na formação de professores. In: ROSA, Dalva E. Gonçalves. SOUZA, Vanilton Camilo de. Didática e práticas de Ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos. Rio de Janeiro: DP&A.
- Rogers, C. R. (1980). *A Way of Being*. Houghton Mifflin.
- Sarmiento, Nara Regina Goulart. (2010). Afetividade e Aprendizagem. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Pedagogia/Licenciatura. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil.
- Sarnoski, E. A. (2014). Afetividade no Processo Ensino-Aprendizagem. Artigo. *Revista de Educação do Ideau*.9(20).
- Saviani, D., & Duarte, N. (2012). Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar. Campinas: Autores Associados.
- Saviani, Demerval. (2007). História das idéias pedagógica. (3a ed). Campinas: Autores Associados.
- Saviani, Demerval. (2012). Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados.
- Saviani, Demerval. (2013). Escola e democracia. (44a ed.). Campinas: Autores Associados.
- Saviani, Dermeval. (2007). Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações. 9 ed., Campinas, Autores Associados.
- Saviani, Dermeval. (2012). Marxismo, Educação e Pedagogia. In: Saviani, D.; Duarte, N. (orgs.) Pedagogia histórico crítica e luta de classes na educação escolar. Campinas: Autores Associados.
- Schettini filho, Luiz. (2010). Pedagogia da ternura. Petrópolis: Vozes.

- Signor, Rita de Cassia Fernandes; Berberian; Ana; Santana, Ana Paula. (2017). A medicalização da educação: implicações para a constituição do sujeito/aprendiz. *Educ. Pesq.*, São Paulo, v. 43, nº 3, p. 743-763.
- Tacca, M.C.V.R. (2005). Além de professor e de aluno: a alteridade nos processos de aprendizagem e desenvolvimento. In: Mitjás, A.M.; Simão, L.M. (Orgs.). *O outro no desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa e a prática profissional em psicologia*. São Paulo: Thomson.
- Tardif, M., L., Claude. (2007). O trabalho docente hoje: elementos para um quadro de análise. In: *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. (3a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Tassoni, E. C. M; Leite, S. A. da S. (2011). Um estudo sobre emoções e sentimentos na aprendizagem escolar. *Revista Comunicações*, Piracicaba, 18(2), 79-91.
- Triviños, A. N. S. (2015). Bases teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa em ciências sociais. Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis.
- Vasconcellos, Celso dos Santos. (2006). *Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. 16. ed. São Paulo: Libertad Editora.
- Veiga, Ilma Passos Alencastro (coord.). (2004). *Repensando a Didática*. Cunha, Maria Isabel da. In: *A relação professor-aluno*. Campinas/SP: Papirus.
- Vergara, Sylvia Constant. (2007). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*.
- Vieira, S. L.; Farias, I. M. S. (2007). de. *Política Educacional no Brasil. Introdução Histórica*. Brasília: Líber Livro.
- Voli, Franco. (1998). *A autoestima do professor: manual de reflexão e ação educativa*. São Paulo: Loyola.
- Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes*. Harvard University Press.
- Vygotsky, Lev Semyonovich. (2010). *Psicologia pedagógica. Tradução do russo e introdução: Paulo Bezerra*. (3a ed.). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Wallon, Henri. (2007). *Afetividade e aprendizagem – Contribuições de Henry Wallon*. São Paulo: Edições Loyola.
- Zimmerman, B. J. (2000). Attaining self-regulation: A social cognitive perspective. In M. Boekaerts, P. R. Pintrich, & M. Zeidner (Eds.), *Handbook of Self-Regulation* (pp. 13-39). Elsevier.

Apêndice – A

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (QUALITATIVA) - PROFESSORES

Objetivo 1: Investigar a percepção dos professores sobre a qualidade da relação professor-aluno em escolas públicas de Presidente Sarney.

1. Como você descreveria a relação entre você e seus alunos? Quais elementos você considera importantes para uma relação professor-aluno positiva?
2. Quais desafios você enfrentou ao estabelecer e manter uma relação positiva com seus alunos? Você acredita que o contexto socioeconômico influencia essa relação? Por quê?

Objetivo 2: Explorar como a afetividade é percebida e influencia o processo de aprendizagem por parte dos professores.

3. Como a afetividade se manifesta em sua prática de ensino? Você acredita que a afetividade é um fator importante para o sucesso acadêmico de seus alunos?
4. Você pode compartilhar exemplos de situações em que a afetividade teve um impacto positivo ou negativo no desempenho acadêmico de seus alunos? Como você lida com essas situações?

Objetivo 3: Analisar a relação entre a qualidade da relação professor-aluno e o desempenho acadêmico dos alunos.

5. Na sua opinião, a qualidade da relação professor-aluno pode influenciar o desempenho acadêmico dos estudantes? Se sim, de que maneira?
6. Em sua experiência, você já observou alguma correlação entre uma relação mais positiva com os alunos e melhores resultados de aprendizagem? Como você percebe essa relação?

Objetivo 4: Identificar as percepções dos professores sobre os desafios enfrentados na relação professor-aluno nas escolas públicas de Presidente Sarney.

7. Quais são os principais desafios que você encontra ao estabelecer uma relação positiva com seus alunos? Como você lida com esses desafios?
8. Você acredita que o contexto específico de Presidente Sarney, incluindo fatores socioeconômicos, afeta os desafios na relação professor-aluno? De que forma?

Objetivo 5: Analisar as implicações da relação professor-aluno e da afetividade no contexto educacional de Presidente Sarney, Maranhão.

9. Como você acredita que a qualidade da relação professor-aluno afeta o ambiente escolar como um todo em Presidente Sarney? Quais são as implicações para o sistema educacional local?
10. Em sua opinião, como a promoção de relações mais afetivas entre professores e alunos pode contribuir para melhorias no sistema educacional de Presidente Sarney, levando em consideração os desafios específicos enfrentados na região?

Apêndice – B

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (QUALITATIVA) - ALUNOS

Cinco perguntas direcionadas aos alunos do Ensino Fundamental Menor (do 3º ao 5º ano) para responder ao objetivo geral da pesquisa:

Objetivo Geral: Investigar a percepção dos alunos do Ensino Fundamental Menor (3º ao 5º ano) sobre a relação professor-aluno e a influência da afetividade no contexto escolar de Presidente Sarney, Maranhão.

1. Como você se sente em relação aos seus professores? Você acha que eles gostam de ensinar para você? Por quê?
2. Conte sobre um momento em que você se sentiu muito bem na escola. O que aconteceu? O professor teve algum papel nisso?
3. Você já teve alguma situação na escola em que se sentiu triste, zangado ou desanimado? Pode compartilhar essa experiência e como você lidou com ela?
4. O que você acha que os professores poderiam fazer para tornar a escola um lugar melhor para aprender? Você tem alguma idéia que gostaria de compartilhar?
5. Você acha que a maneira como os professores tratam os alunos faz diferença na aprendizagem? Por quê? Como você percebe essa diferença?

Essas perguntas foram elaboradas para capturar a percepção e as experiências dos alunos do Ensino Fundamental Menor em relação a relação com os professores, à afetividade no contexto escolar e aos impactos que esses fatores têm em sua experiência de aprendizado em Presidente Sarney, Maranhão.

Apêndice – C

QUESTIONÁRIO FECHADO (QUANTITATIVO) - ALUNOS

Objetivo Específico 1: Avaliar a percepção dos alunos sobre a qualidade da relação com seus professores.

1. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 representa "Muito Ruim" e 5 representa "Muito Bom", como você avaliaria a relação com seus professores na escola?

() 1. Muito Ruim; () 2. Ruim; () 3. Neutro ; () 4. Bom; () 5. Muito Bom

Objetivo Específico 2: Analisar a influência da afetividade na percepção dos alunos sobre a aprendizagem.

2. Em uma escala de 1 a 4, onde 1 representa "Nada" e 4 representa "Muito", o quanto você acha que a relação afetiva com seus professores afeta a sua vontade de aprender na escola?

() 1. Nada; () 2. Pouco; () 3. Moderadamente; () 4. Muito

Objetivo Específico 3: Avaliar a relação entre a qualidade da relação professor-aluno e o desempenho acadêmico dos alunos.

3. Em sua opinião, alunos que têm uma boa relação com seus professores geralmente têm um desempenho escolar melhor?

() Sim; () Não

Você já teve alguma dificuldade em se relacionar com algum dos seus professores na escola? Se sim, quais foram os principais desafios que você enfrentou? (Marque todas as que se aplicam)

- () Dificuldades de comunicação; () Falta de compreensão por parte do professor
() Dificuldade em fazer perguntas ou pedir ajuda; () Sentimento de não ser ouvido
() Conflitos pessoais com o professor; () Outros (por favor, especifique): [Espaço para a resposta aberta]

Objetivo Específico 5: Analisar como os alunos percebem as implicações da relação professor-aluno e da afetividade no contexto educacional de Presidente Sarney, Maranhão.

5. Na sua opinião, como a forma como os professores se relacionam com os alunos afeta a atmosfera na escola? Você acredita que isso faz diferença no seu aprendizado?

() Sim; () Não

Apêndice – D

QUESTIONÁRIO FECHADO (QUANTITATIVO) - PROFESSORES

Objetivo Específico 1: Avaliar a percepção dos professores sobre a qualidade da relação professor-aluno nas escolas públicas de Presidente Sarney.

1. Como você avalia a qualidade da relação professor-aluno em sua escola?

() Muito Ruim; () Ruim; () Bom; () Muito Bom

Objetivo Específico 2: Analisar a influência da afetividade na percepção dos professores sobre o processo de aprendizagem dos alunos.

2. Na sua opinião, a afetividade na relação professor-aluno influencia positivamente o processo de aprendizagem dos alunos?

() Concordo Totalmente; () Concordo Parcialmente; () Discordo Parcialmente; () Discordo Totalmente

Objetivo Específico 3: Avaliar a relação entre a qualidade da relação professor-aluno e o desempenho acadêmico dos alunos.

3. Na sua opinião, há uma relação entre a qualidade da relação professor-aluno e o desempenho acadêmico dos alunos em sua escola?

() Concordo Totalmente; () Concordo Parcialmente; () Discordo Parcialmente; () Discordo Totalmente

Objetivo Específico 4: Identificar possíveis desafios enfrentados pelos professores na relação com os alunos nas escolas públicas de Presidente Sarney.

4. Quais dos seguintes desafios você considera mais relevantes em sua relação com os alunos? (Marque até duas opções)

() Dificuldades de comunicação; () Falta de motivação dos alunos; () Conflitos de comportamento; () Dificuldades de aprendizado dos alunos

Objetivo Específico 5: Analisar como os professores percebem as implicações da relação professor-aluno e da afetividade no contexto educacional de Presidente Sarney, Maranhão.

5. Você acredita que a forma como os professores se relaciona com os alunos afeta a atmosfera escolar em Presidente Sarney?

() Concordo Totalmente; () Concordo Parcialmente; () Discordo Parcialmente; () Discordo Totalmente

Apêndice – E

Termo de Consentimento da Instituição de Ensino Básico

TERMO DE CONSENTIMENTO DA ESCOLA

A presente pesquisa contempla o projeto de pesquisa do Instituto de Educação Superior - ILUSES, no Mestrado em Ciências da Educação em convênio com a Escola Superior de Educação João de Deus- Portugal e se propõe a observar, fotografar e entrevistar os envolvidos no tema da pesquisa.

Na _____

Instituição _____

de Ensino Básico. A pesquisa intitula-se: A Relação Professor-Aluno na Educação Pública de Presidente Sarney, Maranhão: Impactos, Desafios e Oportunidades para o Ensino-Aprendizagem. Para este fim, os intervenientes (alunos e professores) serão convidados a participar da referida pesquisa como voluntários através de entrevistas semiestruturadas, com as questões ao tema proposto. Os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão sempre sob sigilo.

Entretanto, como estudo exploratório que se impõe, pede-se permissão para menção aos nomes ou imagens dos participantes quando estas se fizerem necessárias à comprovação dos dados e informações, sendo preservada a identificação e imagem dos sujeitos participantes, em quaisquer apresentações orais ou trabalho escrito, que venha a ser publicado. A participação nesta pesquisa é voluntária e o (a) participante pode a qualquer momento interromper a sua participação, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo. O pesquisador responsável por esta pesquisa é o Professor Doutor Jorge Manuel de Almeida Castro- Portugal e sua equipe de investigação no Brasil, que se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida que eventualmente o participante e/ou seu responsável legal venha a ter, no momento da pesquisa ou posteriormente, através dos telefones 98 99132-1349 co-orientador, professor Mestre **Marcos Borges** ou por e-mail: marcos.borges@iluses.com.br, ou pelo telefone (+55) 94 98431-6522 ou e-mail: benicio.pinto@iluses.com.br **mestrando pesquisador – Benício Pinto da Costa**, Após ter sido devidamente informados de todos os aspectos desta pesquisa ACADÊMICA e ter tido oportunidade para esclarecer todas as minhas dúvidas, eu (DIRETOR) autorizo a utilização dos dados, informações e imagens da escola, enquanto Participante da pesquisa.

Eu _____ autorizo a recolha, registro, tratamento e análise das respostas em questionários, depoimentos em entrevistas e conversas informais, bem como de imagens e documentos escolares relacionados exclusivamente ao fim desta pesquisa.

Presidente Sarney - MA, Brasil, de _____ de _____ 2023

DIREÇÃO ESCOLAR

Apêndice – F

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado(a) :A Relação Professor-Aluno na Educação Pública de Presidente Sarney, Maranhão: Impactos, Desafios e Oportunidades para o Ensino-Aprendizagem.Desenvolvido pelo mestrando pesquisador – **Benício Pinto**. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / co-orientada] pelo Professor Mestre – **Marcos Borges**, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (98) 99132-1349 ou e-mail – marcos.borges@ilusofono.com.br. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semiestruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Presidente Sarney, Maranhão ____ de _____ de 2023

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____